

Andrea Langbecker

**Mulheres, saúde e grupalidade:
estudo do grupo de Convivência
Reviver, Botucatu, SP**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Saúde
Coletiva da Faculdade de Medicina de
Botucatu, Universidade Estadual Paulista
“Julio de Mesquita Filho” - Campus de
Botucatu.

Botucatu-SP

2010

Andrea Langbecker

**Mulheres, saúde e grupalidade:
estudo do grupo de Convivência
Reviver, Botucatu, SP**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva
da Faculdade de Medicina de Botucatu,
Universidade Estadual Paulista “Julio de
Mesquita Filho” - Campus de Botucatu.

Orientador: Antonio de Padua Pithon Cyrino

Botucatu-SP

2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA SEÇÃO TÉC. AQUIS. E TRAT. DA INFORMAÇÃO
DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - CAMPUS DE BOTUCATU - UNESP
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: **ROSEMEIRE APARECIDA VICENTE**

Langbecker, Andrea.

Mulheres, saúde e grupalidade: estudo do grupo de convivência
Reviver, Botucatu, SP / Andréa Langbecker. – Botucatu, 2010.

Dissertação (mestrado) – Faculdade de Medicina de Botucatu,
Universidade Estadual Paulista, 2010.

Orientador: Antonio de Pádua Pithon Cyrino

Assunto CAPES: 40600009

1. Saúde pública. 2. Grupos sociais – Botucatu (SP). 3. Promoção da
saúde.

Palavras-chave: Grupo dispositivo; Histórias de vida; Processo
grupal; Saúde.

A parede da escada, onde eu via o reflexo de sua vela, já não existe há muito. Em mim, também, foram destruídas muitas coisas que julgava iriam durar para sempre, e novas coisas se edificaram, dando nascimento a penas e alegrias novas, que eu não poderia prever então, da mesma forma que as antigas se me tornaram difíceis de compreender. Faz também muito tempo que meu pai já deixou de poder dizer a mamãe: “Vai com o pequeno”. Jamais nascerá para mim a possibilidade de tais horas. Mas desde algum tempo que recomeço a perceber muito bem, se presto ouvidos, os soluços que tive então a coragem de conter diante de meu pai e que só rebentaram quando me encontrei a sós com mamãe. Na realidade jamais cessaram; e somente porque a vida vai agora mais e mais emudecendo em redor de mim é que os escuto de novo, como os sinos de convento, tão bem velados durante o dia pelos ruídos da cidade, que parece que pararam, mas que se põem a tanger no silêncio da noite.

(Proust, *Em Busca do Tempo Perdido*)

DEDICATÓRIA

Ao meu marido Guido Laércio Bragança Castagnino que está comigo todos os dias da minha vida e me incentivou a fazer mestrado quando tudo parecia sem sentido; que fez com que eu não me desesperasse nos momentos mais difíceis durante a realização deste trabalho

Às minhas estrelinhas, Sofia e Olga, que muitas vezes deixei de levá-las ao parquinho, e que são o incentivo para todo e qualquer trabalho sempre

AGRADECIMENTOS

Canta o poeta que “Um galo sozinho não tece uma manhã”, ele precisa de muitos outros que se juntem a ele. Assim, também foi na produção deste trabalho: muitas foram as idéias, sugestões e críticas que contribuíram para que a dissertação tomasse forma. Além da contribuição intelectual, esse trabalho só foi possível porque recebi de muitas pessoas afeto e apoio que me ajudar a prosseguir. Agradeço em especial:

- ao meu orientador, Antonio de Padua Pithon Cyrino, porque me acolheu desde o nosso primeiro encontro, porque confiou no meu trabalho e me ajudou, com paciência e conhecimento, a chegar até aqui
- aos professores da banca, Ricardo Rodrigues Teixeira, Sueli Terezinha Ferreira Martins e Ione Morita pelas contribuições imprescindíveis para a realização deste trabalho
- à Mariangela Quarentei que nos proporcionou a aproximação com Barros, Deleuze e Guattari e nos clareou o caminho
- às mulheres do Reviver que são a razão deste trabalho e me receberam como quem recebe a um amigo
- à Maria Eunice Carreiro Lima e Nair Isabel Oliveira que ofereceram todas as condições para que me aproximasse do Reviver
- à Miriam Foresti pelo estímulo e pelo jeito especial de ser que sempre me inspira

- à minha mãe Maria Ester da Rosa Langbecker, minhas irmãs Ulana Regina da Rosa Langbecker e Paula Cristina Langbecker e minha sogra Ércia Bragança Castagnino que me deixam com muito orgulho de ser mulher
- aos homens da minha família: meu pai Dejalma Romeu Langbecker (in memoriam), que está junto comigo todos os dias, ao meu irmão Dejalma Romeu Langbecker Junior porque me cuida, mesmo a distância, e ao meu cunhado Paulo Ricardo Ferreira Lima (in memoriam), que não está aqui, mas sei que estaria feliz por este momento
- ao meu sogro Antonio Pereira Castagnino que trouxe o Guido pra mim
- à querida Sabrina Endo Takahashi, meu muito obrigada, porque me ajudou muitas vezes, em muitas coisas, mas especialmente a trabalhar as entrevistas depois da qualificação
- a Deus, por todas as coisas!

Resumo

As atividades grupais estão presentes em várias áreas do conhecimento e têm sido uma importante ferramenta na Atenção Primária à Saúde. Quando entendido como processo, o grupo pode representar a resistência aos modos individualizantes, pode atuar como um dispositivo capaz de construir modos de produção de desejo e criatividade, provocando uma subjetividade singular. O presente trabalho descreveu e analisou a experiência de um grupo de vivência de mulheres enquanto espaço de produção de desejos, desmistificando modos de ser e de viver. A investigação, de natureza qualitativa, foi conduzida com as integrantes do grupo de convivência Reviver, constituído por senhoras na faixa dos 50 anos ou mais. O grupo teve início em 1999 tendo como público-alvo original usuárias da área de saúde mental do Centro de Saúde Escola (CSE), da Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista (UNESP), e, como proposta, ser um espaço de promoção da saúde e de lazer. Inicialmente, eram encaminhadas pelo CSE, mas, com o fortalecimento do grupo, as próprias participantes começaram também a convidar amigas e familiares. As técnicas de coleta utilizadas foram observação participante, entrevista com formuladores do grupo e entrevistas baseadas nas histórias de vida de cinco mulheres. As histórias de vida foram integralmente transcritas e estudadas mediante análise temática de conteúdo. Os núcleos temáticos foram identificados segundo os diferentes ciclos da vida, tendo como mais relevantes: na infância e juventude (as dificuldades financeiras e a violência) e na vida de casada (“o lugar de mulher é dentro de casa”, laços sociais fragilizados, dificuldades financeiras, experiências de violência e a ajuda profissional). Reconheceu-se, ainda, os núcleos temáticos significativos relativos à vivência do grupo Reviver, quais sejam: as experiências que levaram ao grupo, “ser bem recebida”, “estar junto”, a solidariedade, o “lidar melhor com o sofrimento mental”, o “medo de ficar sem o grupo” e o “experimentar o novo”. As narrativas mostraram o quanto o fato de ser mulher, em determinado contexto social, limitou-as em relação às suas escolhas pessoais. Essas mulheres ficaram muito isoladas no ambiente familiar, se dedicando às tarefas domésticas ou ao trabalho até que os filhos estivessem crescidos. Entretanto, o que se pôde constatar, depois que começaram a frequentar o Reviver, foi uma transformação em suas vidas. Isso pode ter ocorrido porque o grupo operou como um dispositivo, produzindo novas possibilidades de experimentação. Esse processo maquínico alavancou outros modos de subjetivação. Ao fazer funcioná-los, o grupo rompeu com formas endurecidas de ser e viver de mulheres silenciadas, caladas, homogeneizadas. Essas mulheres encontraram ali um local onde puderam participar de atividades culturais e de lazer diversas (passeios, festa

de carnaval, Dia das Mães etc.), fazer relaxamento, ouvir histórias, dançar, cantar. Um espaço em que elas puderam desenvolver a criatividade, vivendo situações novas e desafiadoras: ser artista de teatro, dançar, publicar um livro, passear com amigas, resgatar a alegria e o prazer de viver com o outro. Não serem apenas expectadoras, mas, sim, subirem ao palco e serem protagonistas de suas próprias vidas. No grupo, elas puderam experimentar outros modos de subjetividade que contribuíram para desmanchar territórios cristalizados.

Palavras-chave: processo grupal, grupo dispositivo, histórias de vida, saúde.

Abstract

Group activities are present in many fields of knowledge and are an important tool within primary healthcare. When regarded as a process, the group may represent resistance to individualization and may act as a device with the capacity to construct ways of producing desire and creativity, thereby causing singular subjectivation. The present study described and analyzed a group experience among women as a space for producing desires and demystifying the ways to exist and live. This investigation of qualitative nature was conducted among members of the Reviver (“Live Again”) social group, formed by women aged 50 years and over. This group was started in 1999, and its original target population was female users of the mental health sector of the Health Center School of the Botucatu Medical School, Universidade Estadual Paulista (UNESP). Its aim was to provide a space for health promotion and leisure. Initially, women were referred to the group by the Health Center but as the group strengthened, the participants themselves started to invite friends and family members to join. The data gathering techniques used were participant observation, interviews with group organizers and interviews based on the life histories of five women. The life histories were transcribed in full and evaluated by means of thematic content analysis. The core topics were identified according to different cycles of life, and the most important of these during childhood and young adulthood were financial difficulties and violence, while during married life they were “a woman’s place is in the home”, weakened social ties, financial difficulties, experiences of violence and professional help. Significant core topics relating to experiences within the Reviver group were also recognized, namely: experiences that led them to the group, “being welcomed”, “being together”, solidarity, “dealing with mental distress”, “fear of being without the group” and “trying new things”. The narratives showed the extent to which being a women in certain social contexts limited them regarding their personal choices. These women were very isolated within their family environments and dedicated themselves to domestic tasks or to work until their children had grown up. However, it could be seen that after they started to attend Reviver meetings, their lives became transformed. This may have happened because the group operated as a device that produced new possibilities for experimentation. This machine-like process gave rise to other forms of subjectivation. In putting these into effect, the group broke away from the set ways of existence and life of silenced, voiceless and homogenized women. There, these women found a place where they could participate in various cultural and leisure activities (trips, carnival parties, mother’s day, etc.), do

relaxation exercises, listen to stories, dance or sing. In this space, they could develop their creativity, through experiencing new and challenging situations: being an artist in the theater, dancing, publishing books, strolling with friends and recovering the joy and pleasure of living with other people. They would not be just spectators but, rather, they would get on stage and be the protagonists of their own lives. In the group, they were able to try out other types of subjectivation, which contributed towards breaking up territories that had been set in stone.

Key words: group process, group device, stories of life, health.

SUMÁRIO

Resumo	8
Abstract	10
Sumário	12
Apresentação	14
Introdução	17
Teorias de grupo	20
O grupo-dispositivo	22
Objetivos	26
Material e Métodos	27
Centro de Saúde Escola (CSE)	27
Técnicas de coleta utilizadas	29
Ética	37
Resultados	38
A história do Reviver	38
Discussão	50
O convívio com o grupo Reviver	53
Memorizando gestos	53
Qual será a música?	55
Máscaras, plumas e paetês	57
As mulheres e suas vidas	59
“Lugar de mulher era dentro de casa”	60
O Reviver como grupo dispositivo	65
Discussão	76
Considerações finais	84
Referências bibliográficas	86
Anexos	90
Anexo 1	91
Entrevista Jane	91
Entrevista Gládis	102
Entrevista Rosangela	111
Entrevista Sonia	120

Entrevista Ester.....	131
Anexo 2	142
Anexo 3	143

Apresentação

No decorrer da produção deste trabalho, me senti, muitas vezes, como diria Deleuze, chegando perto do porto, mas tão logo lançada ao mar, mergulhada em questionamentos, reflexões e solidão que me acompanharam durante o ato de escrever, como em um conto de Caio Fernando Abreu: “Eu ia caminhando por dentro da chuva, sem guarda-chuva nem nada: só uma garrafa de conhaque apertada contra o peito.” Eu me sentia percorrendo caminhos antes não trilhados, me enveredando em linhas, que faziam traçados diferentes, mergulhada em fluxos, ofuscada pelos feixes de luz, que invadiam meus sonhos e me inquietavam enquanto pesquisadora.

Só que essas inquietudes começaram bem antes. Não sei exatamente quando porque a minha aproximação com o objeto de estudo bem como da Saúde Coletiva foi um processo não linear decorrente de interesses, recuos e aproximações. Mas vamos puxar a primeira linha desse emaranhado de fios: durante minha experiência como repórter, produzindo matérias para a editoria geral e saúde em jornais no Rio Grande do Sul, estive sempre interessada em pessoas e suas histórias: em mulheres e crianças expostas à violência, em exclusão social, em idosos e suas lembranças. Em abordagens que rompessem com o feijão com arroz produzido no dia-a-dia das redações. Me marcou muito duas reportagens: a primeira, “Quando o perigo mora dentro de casa”, relatava a experiência de terapia comunitária com um grupo de mulheres que se reunia semanalmente para dividir experiências e dificuldades em um bairro extremamente pobre em Caxias do Sul. E a outra, “Covardia entre quatro paredes”, entrevistei mulheres que haviam sofrido violência doméstica.

Depois, veio a experiência como repórter na Universidade Federal de Viçosa, em Minas, onde me aproximei mais do jornalismo científico. Sempre gostei do meio

acadêmico por considerar mais propício para a criatividade e inovação e já almejava, na época, fazer mestrado, mas não havia nenhuma área que me interessasse e eu pudesse fazer um link com a comunicação. Somente quando me mudei para Botucatu, grávida da minha segunda filha, ao freqüentar o Centro de Saúde Escola (CSE), da Unesp, fiquei sabendo que havia um professor da Saúde Pública que trabalhava com comunicação e saúde. Começava aí uma parceria com o professor Antonio Pithon Cyrino. No primeiro contato, ele me passou textos nessa área para que eu me aproximasse desse universo. relatei meu interesse em trabalhar com mulheres em situação de vulnerabilidade, e o Cyrino então me falou sobre um grupo de mulheres, algumas delas com vivência de sofrimento mental; um grupo com características bastante peculiares, que havia se originado a partir do CSE. Depois de conversar com as coordenadoras e visitar o grupo, percebemos que havia ali a possibilidade de se desenvolver um projeto de pesquisa.

Comecei a ler sobre capital social, inteligência coletiva, redes sociais e saúde a fim de que nós pudéssemos definir o referencial teórico. Tínhamos como pressuposto que a formação de redes sociais poderia contribuir no fortalecimento de mulheres para lidarem e reduzirem seu sofrimento mental. Não havia lido nada sobre esses temas antes e tudo era extremamente novo.

Após a qualificação, com as contribuições da banca – cuja avaliação é de que trabalho se aproximaria muito mais de processo grupal do que de redes sociais - encontramos nos textos de Regina Benevides de Barros um auxílio para repensar nosso referencial teórico. Dito dessa forma pode até parecer que houve um percurso linear que nos levou de um lugar a outro de forma simples. Mas a partir daí, trilhamos um árduo e fascinante caminho de aproximação com autores como Deleuze, Guattari e Foucault e com novos conceitos, entre eles, dispositivo,

segmentaridades molar e molecular, entre outros. E, para tentar dar conta do volume de informações e de dúvidas, reuniões on-line semanais com o orientador a fim de sanar a distância entre Salvador e Botucatu.

Como jornalista, houve sempre a preocupação de escrever de forma mais clara possível. Entretanto, descobri a importância de mergulhar em alguns conceitos e o quanto pode ser interessante a necessidade de se criar novas palavras que dêem conta desses conceitos, como nos mostrou Deleuze.

É necessário puxar outra linha porque os fatos não ocorrem um de cada vez, mas se entrecruzam, se sobrepõem: sempre me senti cativada pelos relatos orais - dar voz e espaço para que as pessoas, geralmente de camadas populares, pudessem contar fatos e experiências de suas vidas. Eu já havia utilizado a história oral durante meu trabalho de conclusão de curso na graduação, quando tive a oportunidade de me aproximar de autores como Ecléa Bosi e Paul Thompson.

Entretanto, foi com o trabalho de mestrado que efetivamente se tornou possível mergulhar nessas leituras inspiradoras para sair para o trabalho de campo e fazer as entrevistas. Realizá-las foi uma experiência intensa, instigante porque ali, mesmo mantendo o foco da entrevista e tendo claro o objetivo da pesquisa, senti uma admiração incrível por aquelas mulheres, por toda a experiência que haviam acumulado em suas vidas, pelos caminhos tortuosos e muitas vezes difíceis que haviam percorrido e, principalmente, pela capacidade de resistência às dificuldades. E o quanto ouvi-las e ter a oportunidade de utilizar esse vasto material em uma pesquisa era gratificante e precioso pra mim. Durante a observação participante, usufrui também da riqueza dos encontros com o grupo Reviver - uma recém chegada à cidade que não conhecia ninguém e vivenciava as delícias e angústias de um recomeçar.

Introdução

As atividades grupais, com finalidades diferentes e formas também diversas de se desenvolver, estão presentes em várias áreas do conhecimento como na educação, no trabalho, na saúde e na Psicologia (Barros, 2009). A utilização do grupo com fins terapêuticos remete ao começo do século XX com a experiência do fisiologista Pratt. Em 1905, ele obteve melhora no estado de saúde de pacientes tuberculosos depois que passou a ministrar aulas em grupo (Barros, 2009). Apesar de não ser nem psiquiatra nem psicoterapeuta, é considerado, por alguns autores, precursor desse tipo de psicoterapia. A partir daí, psiquiatras também começaram a usar essa técnica com pacientes institucionalizados. Entretanto, foi com o advento da 2ª Guerra Mundial que o tratamento grupal se difundiu (Ramadan, 2007). Atualmente, além da Saúde Mental, as práticas grupais também têm sido uma importante ferramenta na Atenção Primária à Saúde, com os grupos de acolhimento, grupos de medicação, de diabetes, de obesos (Onocko Campos e Gama, 2008).

Etimologicamente, a palavra grupo tem origem italiana – *gropo* ou *gruppo*, cujo sentido original era nó, laço e expressa a idéia de ligação, união e aprisionamento referindo-se ao grau de coesão dos grupos; ou germânica, *kruppa*, que significava mesa arredondada, ligado à tradição celta (Os cavaleiros da Távola Redonda) referindo-se à ideia de círculo, de um grupo de iguais (Andaló, 2006). Somente passou a significar uma reunião de pessoas a partir do século XVIII, no contexto da valorização do homem e da Revolução Industrial (Barros, 2009), demonstrando que os trabalhos com grupos são um fenômeno da sociedade capitalista (Andaló, 2006).

Para entender como o grupo foi se constituindo no decorrer dos últimos séculos, Barros (2009) resgata os movimentos de construção do objeto-grupo ao

explicar que esse processo se desencadeou a partir da valorização do indivíduo: da individualização. Em uma descrição macropolítica dos séculos XVIII e XIX, a mesma autora (2009) mostra que esse processo começou no período de transição do feudalismo para o sistema capitalista, quando o indivíduo deixou a terra pela fábrica e a burguesia transformou os profissionais da Idade Média em servidores assalariados. Em uma perspectiva liberal, a privacidade e a liberdade faziam parte de um projeto de Estado que valorizava as experiências individuais. Nesse ideário, o esforço pessoal era fundamental para a manutenção de um sistema capitalista que estava se consolidando.

No nível micropolítico, o indivíduo tornou-se um modo de subjetivação, que seria, segundo Barros (2009), o processo de constituição de subjetividades. Essa individualização, produzida nos séculos XVII/XVIII, marca saberes e práticas:

Quando nos referimos, portanto, a modos de subjetivação, os estamos tomando em seu sentido intensivo, isto é, enquanto maneira pela qual, a cada momento da História, prevalecem certas relações de poder-saber que produzem objetos-sujeitos, necessidades e desejos. Assim é que nos séculos XVII/XVIII a individualização era um modo dominante de constituição de objetos-sujeitos. Pouco escapava a esta forma/fôrma que chamarei de “modo-indivíduo” (Barros, 2009, p. 45).

Constituído por uma oposição entre indivíduo e sociedade, esse modo-indivíduo exerce influência na forma como as pessoas sentem, pensam, desejam e vivem o mundo (Barros, 1995). Para Guattari, o sistema capitalista necessita de um modo-indivíduo de produção de subjetividade para que sua engrenagem funcione. Dessa forma, “a subjetividade está essencialmente fabricada e modelada no registro social” (Guattari e Rolnik, 2005, p. 46). Outros fatores, apontados por Barros (2009), que contribuíram para a concretização do modo-indivíduo, são a separação das esferas pública e privada, mudanças nas instituições, como a escola e a infância, e o

estabelecimento de uma política médica voltada para o bem-estar e a higiene de cada indivíduo e da população, que privilegiava a infância e medicalizava a família.

A mesma autora (2009) chama a atenção para o fato de que, no século XIX, houve movimentos de massa, que representaram certa resistência ao poder constituído, os quais obtiveram algumas conquistas, dentre as quais melhores condições de trabalho. Entretanto, essas mudanças não ocorreram no nível micropolítico, mantendo os modos de produção de subjetividades ainda atrelados ao modo-indivíduo.

Nobert Elias considerava que o significado dos termos individual e social, nas sociedades antigas, não tinha o sentido que alcançou na modernidade. Para os gregos e os romanos havia uma indissociabilidade entre as dimensões individuais e sociais. Somente a partir do século XVII, esses conceitos perdem o caráter genérico, levando à progressiva distinção do que era produzido individualmente e coletivamente. Com isto, no século XIX, há certa consolidação de uma relação antagônica entre os termos indivíduo e sociedade, individual e coletivo (Melo, 2004).

Nesse processo, inserindo-se como intermediário da relação indivíduo-sociedade, foi se construindo o objeto-grupo como uma maneira de atenuar a passagem dos fenômenos individuais aos sociais. Entretanto, para Barros (2007), quando colocado como intermediário dessa relação, o grupo obedece à mesma lógica totalizadora e identitária desses dois termos, sendo efeito desse mesmo modo-indivíduo predominante.

O grupo surge, portanto, como objeto histórico de um desdobramento da mesma lógica antitética, respondendo às injunções do saber-poder (...) por um lado, o “indivíduo” que lhe garante a idéia de indiviso, particular e, por outro, a “sociedade” que lhe dá a idéia de todo, de universal (Barros, 1995, p. 148).

Teorias de grupo

Apesar de os grupos sempre existirem na sociedade, os saberes teórico-técnicos a respeito desta conformação só começaram a aparecer no começo do século XX. Na psicologia social, os primeiros questionamentos sobre grupos ocorreram com o surgimento da psicossociologia (Andaló, 2006). O psicólogo Kurt Lewin (1890-1947) é considerado um dos precursores a trabalhar com o tema. Muitas das suas idéias como, “o grupo é mais do que a soma de suas partes”, “o grupo é uma realidade irreduzível aos indivíduos que o compõem”, estão ainda presentes em práticas grupais (Barros, 2009). Para Andaló (2006), uma contribuição importante de Lewin foi a diferenciação entre dois tipos de microgrupos: o sociogrupo (tem uma tarefa estruturada) e o psicogrupo (centrado em si mesmo e estruturado em função de seus membros). Esse autor também é responsável pela criação da dinâmica de grupo e pela pesquisa-ação (Barros, 2009).

O psicanalista Pichon-Rivière cria a técnica do grupo operativo, considerando que uma “equipe ou um conjunto de pessoas só se estruturava enquanto grupo quando estivesse operando sobre uma tarefa” e o que “está em jogo é o tipo de vínculo que se estabelece durante o processo de trabalho” (Barros, 2009, p. 105). Esse tipo de grupo tem como função aprender a pensar ao desenvolver a capacidade de resolver contradições dialéticas, situações conflitantes manifestadas no campo grupal (Barros, 2009).

Para Pichon-Rivière (2005), há certos vetores que fazem parte do comportamento grupal, tais como afiliação (há identificação com o processo grupal, mas o sujeito guarda certa distância, sem incluir-se totalmente no grupo), que se converte posteriormente em pertença (maior integração ao grupo), comunicação (pode ser verbal ou pré-verbal, levando em conta não só o conteúdo da mensagem,

mas também o como e o quem dessa mensagem), aprendizagem (mudança qualitativa no grupo em termos de resolução de ansiedades, adaptação ativa à realidade, projetos, criatividade), cooperação (contribuição para a tarefa grupal) e pertinência (compromisso dos participantes com as tarefas). No grupo operativo, “o esclarecimento, a comunicação, a aprendizagem e a resolução de tarefas coincidem com a cura, criando-se assim um novo esquema referencial” (Pichon-Rivière, 2005. p. 137).

Outras contribuições vêm de Jean Paul Sartre cuja idéia de grupo não remete apenas a uma reunião de pessoas, o que, para o filósofo, seria série ou serialidade. Para Sartre, o tipo mais puro de grupo seria o grupo em fusão, em que são estabelecidos objetivos comuns, opondo-se à noção de série.

O grupo se constitui numa luta interminável contra a serialidade. Enquanto a série é a dispersão dos homens, massificação, o grupo, ao contrário, é totalização e só se constitui quando a necessidade individual é vista como comum. Ele gera a unificação das liberdades e, com ela, relações de reciprocidade (Andaló, 2006, p. 49).

O psiquiatra Moreno, ao observar efeitos terapêuticos em seus trabalhos com o teatro da espontaneidade, aproximou a arte dramática da psicoterapia, desenvolvendo o psicodrama, cujos principais fatores terapêuticos eram a catarse e a dramatização de conflitos psicológicos. No campo da investigação social, criou a sociometria cujo instrumento era o sociograma, questionário que traçava as redes de relações entre as pessoas de um grupo e/ou organização. Investigou sobre as redes formais e informais de comunicação, e os processos verbais e não verbais dessa rede, revelando hierarquias e sistemas de poder e dependência (Andaló, 2006). Interessou-se pelas relações de simpatia, antipatia e indiferença estabelecidas entre as pessoas (Barros, 2009).

Apesar das contribuições relevantes das teorias citadas, nos interessa, para o presente trabalho, os conceitos desenvolvidos por Félix Guattari e Gilles Deleuze (Barros, 2006) e a abordagem apresentada por Barros (2009) ao pensar o grupo como dispositivo.

Grupo-dispositivo

A análise de Guattari debruça-se sobre processos, sobre modos de funcionamento social, econômico, político e institucional, distanciando-se do foco nos indivíduos ou grupos (Barros, 2009). Dessa forma, para o autor, indivíduo e sociedade são igualmente atravessados por segmentaridades molares e moleculares, pois os mesmos elementos que existem em fluxos, estratos, agenciamentos podem se organizar de um modo ou de outro. A ordem molar corresponde às estratificações que delimitam objetos, sujeitos, as representações e seus sistemas de referência. No molar, “a realidade está aprisionada em um álbum de família”. Já a ordem molecular é a dos fluxos, das transações de fases, das intensidades (Guattari e Rolnik, 2005, p. 159).

Segundo Barros (2009), Guattari mostra com esses conceitos que os níveis macro e micro políticos co-existem, apontando para uma ruptura com o pensamento dicotômico à medida que as separações e oposições estabelecidas entre indivíduo-sociedade perdem todo o sentido (Melo, 2003).

A partir de sua experiência na clínica La Borde, Guattari formula os conceitos de grupo sujeito e grupo sujeito. O primeiro representa a hierarquia, os estereótipos, a exclusão, a organização vertical e opera por totalização, unificação, impedindo os cortes criativos. Já o grupo sujeito se deixa confrontar com seu próprio

limite, sua finitude, abrindo-se para os processos criativos de outros e é suporte para diversos modos de expressão emergentes e diferentes enunciados (Barros, 2009).

Para Barros, o grupo pode ser a possibilidade de romper com a dicotomia indivíduo-social quando pensado como dispositivo de desindividualização. A autora utiliza a leitura que Deleuze faz de Foucault sobre esse conceito:

O dispositivo é uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente. E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objeto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras. Qualquer linha pode ser quebrada – está sujeita a variações de direção – e pode ser bifurcada, em forma de forquilha – está submetida a derivações. Os objetos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vetores ou tensores (Deleuze, 1996, p. 1).

Quando entendido como processo, os grupos podem representar a resistência aos modos individualizantes, difundidos há tantos séculos, possibilitando a produção de outros modos de subjetivação: onde havia unidade, encontra-se multiplicidade; onde havia homogeneidade, encontra-se heterogeneidade e, em vez de totalização, fragmentação (Barros, 2009).

Para Guattari, é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, ou seja, processos de singularização que podem resistir a todos os modos de manipulação e de controle a distância. Contestá-los para construir modos de sensibilidade, de relação com os outros, de produção, de criatividade que possam provocar uma subjetividade singular (Guattari e Rolnik, 2005). Nessa perspectiva, conforme Barros (2009), o grupo surge como recurso e relação social dinâmica, considerando que tanto as relações quanto à própria vida são heterogêneas e instáveis. Há uma dimensão coletiva que atravessa as diferentes fases da vida dos sujeitos, reconhecida no grupo.

O grupo não tem relação com a vida privada dos indivíduos que se reúnem em determinado espaço, por um certo tempo, para cumprir certos objetivos. Ele é (ou pode ser) um dispositivo quando trata de intensificar em cada fala, som, gesto, o que tais componentes acionam das instituições (sociais, históricas) e de como nelas constroem novas redes singulares de diferenciação (Barros, 1995, p. 154).

O dispositivo apresenta-se então como uma máquina capaz de fazer ver e fazer falar (Deleuze, apud Barros, 2009). Não está relacionado à forma como as pessoas se organizam, mas, sim, torna-se “catalisador existencial que poderá produzir focos mutantes de criação” (Barros, 1995, p.151). Ao romper com visões cristalizadas de formas de ser e existir, o dispositivo poderá produzir novos acontecimentos, novos processos de singularização.

Quando pensamos o grupo como dispositivo e o descentramos dos indivíduos, entramos em contato com a problemática da produção, das máquinas, de um tempo irreversível. (...) O grupo dispositivo-máquina não busca relações de determinação estrutural entre os acontecimentos de ontem, hoje e amanhã. Sua relação com o tempo é da ordem da intensidade, do corte. Sua função de dispositivo cria flutuações e tensões que não almejam o equilíbrio, mas a invenção de bifurcações que dêem passagem às rupturas operadas. (...) Há somente processo, devires (Barros, 1995, p.153-154).

O conceito de devir, no dicionário Aurélio, é tornar-se, vir a ser. Para Deleuze, o devir não é não meramente uma transformação, passagem, mas é o próprio processo, ou seja, “uma zona de indiscernibilidade onde os termos implicados numa relação são arrastados pela própria relação que os une” (Menezes, 2006, p. 66).

Na concepção deleuzeana, o devir está ligado à possibilidade de um processo de singularização:

Pertencemos a dispositivos e neles agimos. À novidade de um dispositivo em relação aos que o precedem chamamos atualidade do dispositivo. O novo é o atual. O atual não é o que somos, mas aquilo em que nos vamos tornando, aquilo que somos em devir, quer dizer, o Outro, o nosso devir-outro. É necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que somos (o que não seremos mais), e aquilo que somos em devir: a parte da história e a parte do atual. A história é o arquivo, é o desenho do que somos e deixamos de ser, enquanto o

atual é o esboço daquilo em que vamos nos tornando. Sendo que a história e o arquivo são o que nos separa ainda de nós próprios, e o atual é esse Outro com o qual coincidimos desde já (Deleuze, 1996, p.4).



Barros propõe então um devir-grupo entendido como experiência de composição com outros modos de existencialização, potência para outras experiências. Seria uma oportunidade de extrair partículas das formas já constituídas, apontando para a emergência de outras formas.



Para Foucault, desenredar essas linhas é “construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas” (Deleuze, 1996, p.1). É com esse olhar que vamos desenvolver o presente trabalho ao analisar a experiência de um grupo de mulheres - que originalmente vivenciaram algum tipo de sofrimento mental – enquanto possibilidade de romper com visões cristalizadas, experimentando o novo e reinventando, de forma criativa, o cotidiano.

Objetivo Geral

Descrever e analisar a experiência de um grupo de vivência de mulheres enquanto espaço de produção de desejos, desmistificando modos de ser e de viver.

Objetivos específicos

- Descrever e analisar a criação e desenvolvimento do Reviver enquanto processo grupal.
- Verificar como as mulheres percebem essa vivência a partir da análise de suas histórias de vida.
- Analisar as histórias de vida das mulheres quanto a suas experiências de saúde-doença-cuidado.

Material e Métodos

A investigação foi conduzida como um estudo de caso de experiência de grupo desenvolvida com mulheres adultas - algumas delas usuárias de serviço de Atenção Primária à Saúde – em um período de uma década. O grupo é ainda parte das atividades comunitárias desenvolvidas pela área de saúde mental do Centro de Saúde Escola (CSE), unidade auxiliar da Faculdade de Medicina, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Botucatu.

Centro de Saúde Escola (CSE)

Fundado em 1972, o CSE é responsável pela Atenção Primária à Saúde de cerca 30.000 habitantes do município, oferecendo assistência a pessoas de todas as faixas etárias, atuando no controle e prevenção de doenças e em ações de promoção da saúde, além de se dedicar ao ensino e à pesquisa. Todos os anos, passam por ali cerca de 1200 estudantes de graduação em medicina, nutrição e enfermagem, médicos residentes, aprimorandos e pós-graduandos da Faculdade de Medicina. O CSE conta atualmente com cerca de 90 funcionários oferecendo assistência nas áreas de saúde de adulto, da criança, bucal, da mulher, mental, programas de tuberculose, hanseníase e os serviços de oftalmologia, fonoaudiologia, nutrição e Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA).

A área de saúde mental começou em 1985 como parte de uma série de iniciativas para se ampliar a assistência ambulatorial em um período em que ainda predominava o modelo asilar de atenção ao doente mental. A implantação do serviço seguiu a diretriz da Secretaria de Estado da Saúde cujo objetivo era atender às pessoas que apresentavam algum tipo de sofrimento mental nas unidades básicas, integrando essa área à Saúde Pública. Com a oferta desse serviço, quem morava

naquela região não precisava mais se deslocar ao ambulatório de psiquiatria da UNESP (Abdala, Colenci e Moreno, 2003).

A Secretaria de Estado da Saúde daquela época estabeleceu ainda que a equipe mínima da saúde mental - que deveria integrar a equipe técnica da unidade básica - deveria ser composta por um psiquiatra, um assistente social e um psicólogo. O objetivo dessa equipe deveria ser elevar o nível de saúde mental da população assistida tanto por meio do tratamento de doentes quanto por meio de ações extramuros (Abdala, Colenci e Moreno, 2003). Segundo os mesmos autores (2003), “no período do estabelecimento das ações de saúde mental no CSE, havia poucos profissionais de saúde treinados para a nova proposta de atuação dentro de uma nova forma de fazer.”

Com o aumento de demanda por atenção na área de saúde mental nas décadas seguintes, houve a necessidade de a equipe de Saúde Mental¹ investir mais em ações de planejamento. Destacam-se, dentre elas, a reorganização de sua recepção e a triagem de seus pacientes, momento em que ocorre o primeiro contato do usuário com os profissionais da área, identificando o motivo que o levou a procurar o local. A partir daí, o usuário é encaminhado ao tratamento adequado ou, se for o caso, a outro serviço.

A área recebe cerca de 500 casos novos por ano, e a maioria dos atendimentos acontece em grupo. Essa estratégia contempla um maior número de usuários e também propicia a troca de experiências entre os pacientes e a identificação com o problema do outro.

Atualmente, são 12 grupos terapêuticos, mas o atendimento também pode ser individual, quando a dificuldade apresentada pelo usuário não se enquadra na

¹ Informações fornecidas pelos profissionais da Saúde Mental

atividade em grupo. Fazem parte da equipe dois psicólogos, uma assistente social, dois psiquiatras e uma auxiliar de enfermagem.

O serviço também oferece à comunidade quatro grupos cujo enfoque é o de promoção da saúde: grupo de Convivência Reviver (tema do presente estudo) e os grupos de Convivência Despertar, Dança Sênior: Talentos da Maturidade e a Oficina de Artes² que são derivados do próprio Reviver (veja o item história do grupo). Eles são coordenados por profissionais do CSE que, além de atuarem na unidade (assistência, ensino e pesquisa), também desenvolvem atividades nesses grupos.

Técnicas de coleta utilizadas

A pesquisa é qualitativa por representar o agrupamento de diversas estratégias exploratórias, especificadoras do objeto em tela, que partilham a característica de lidar com a riqueza de detalhes dos dados que serão recolhidos, com ênfase na qualidade dos fenômenos e dos processos (Bodgan e Biklen, 1991; Denzin e Lincoln, 2000).

Como técnica de coleta de dados foram utilizados a observação participante por meio do registro em caderno de campo e entrevista em profundidade com as mulheres participantes. Também foram realizadas pesquisa documental e entrevista semi-estruturada com as coordenadoras do grupo com o objetivo de recuperar a história e objetivos do Reviver. Com essa possibilidade de composição de diversos modos de produção de informações, buscou-se uma “triangulação na coleta de dados”, o que será útil a uma certa “aferição” do caminho tomado no processo de investigação (Minayo, 1992, p.130).

Para realizar a observação participante, foi utilizado um caderno de campo no qual foram registrados impressões, observações, depoimentos das participantes do

² Nas entrevistas, as mulheres chamam de grupo de artesanato

grupo, bem como do espaço de vivência. Utilizou-se como parâmetro alguns dos “mandamentos” sugeridos por White (Valladares, 2007) que foram levados em consideração nas etapas da observação participante, desde a fase exploratória até a observação propriamente dita. Para obter algumas informações gerais antes de sair para o trabalho de campo, foi realizada uma reunião com as coordenadoras do grupo para explicar os objetivos da pesquisa. As coordenadoras convidaram para que fosse feita uma visita ao grupo a fim de que a pesquisadora e a proposta do trabalho fossem apresentadas e ainda para que o grupo permitisse ou não a realização da pesquisa. Dessa forma, as coordenadoras abriram as portas de acesso ao Reviver, facilitando esse primeiro contato com as mulheres.

Foram realizadas duas visitas antes de começar a observação. As participantes mostraram-se receptivas por considerarem importante fazer um trabalho que desse projeção ao Reviver, que o valorizasse. Como é freqüente a presença de estudantes durante as reuniões do grupo (graduandos, aprimorandos e residentes) com os mais variados enfoques, a minha presença não causou estranheza ou desconforto por parte das mulheres. Durante o período em que foi realizada a observação, havia a presença de uma aprimoranda que auxiliava nas atividades e duas residentes que participaram de algumas reuniões com o intuito de oferecer palestras e tirar dúvidas relacionadas à saúde.

Para White (Valladares, 2007), o tempo é também um fator importante para que seja possível ampliar a compreensão do comportamento das pessoas e de grupos. O autor indica que a observação ocorra por um longo período e não em único momento. Por isso, a observação foi realizada durante três meses, período em que a pesquisadora frequentou as reuniões semanais aproximando-se do universo dessas mulheres. Essa presença constante, como pontua White, contribuiu para gerar confiança na população estudada.

No início, busquei me manter apenas na condição de uma pessoa que observa. Entretanto, tornou-se impossível manter tal distanciamento e me senti, no decorrer dos dias, participando das atividades, interagindo com as pessoas e me sentindo beneficiada com a convivência no grupo. Como ressalta Bosi (2009, p. 38), “uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa.”

Entretanto, tinha clareza que por mais que essa interação ocorresse havia um papel a ser desempenhado naquele momento, não me distanciando do foco da observação sempre fazendo as minhas anotações e, assim, reafirmando a minha presença. Conforme salienta White: “Aprendi que as pessoas não esperavam que eu fosse igual a elas. Na realidade, estavam interessadas em mim e satisfeitas comigo porque viam que eu era diferente. Abandonei, portanto, meus esforços de imersão total” (apud Valladares, 2007, p.154).

Houve, sim, dúvidas durante a realização dessa tarefa. Eu trazia a experiência como repórter, em relatos e descrições de pessoas e ambientes, mas de forma mais simplificada do que eu estava me propondo naquele momento. Havia certo medo de perder ou não anotar algo que poderia ser importante para o desenvolvimento do trabalho. De início, optei por descrever praticamente todas as situações que estavam ocorrendo. Aos poucos, fui conseguindo administrar melhor a realização dessa tarefa e consegui discernir o que precisava ou não ser anotado.

A partir do caderno de campo foi possível elaborar uma descrição do grupo, buscando se aproximar da “descrição densa” proposta pelo antropólogo Geertz (1989). Para esse autor americano, fundador da Antropologia Interpretativa, os dados são portadores de significados. Para ilustrar tal afirmação, Geertz³ relata o episódio de dois meninos que estão piscando o olho. Como são movimentos idênticos, uma

³ Geertz baseia-se no autor Ryle

descrição superficial poderia apenas descrever esse ato à medida que a descrição densa levaria em consideração o sentido desse ato: poderia ser um tique nervoso ou uma piscadela conspiratória. A descrição densa busca, portanto, um olhar mais aprofundado sobre os fatos contados. Esse é o objeto da etnografia: “Uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam” (Geertz, 1989, p. 17).

Para conhecer a trajetória de vida dessas mulheres, foram realizadas seis entrevistas em profundidade pela própria pesquisadora com enfoque em suas histórias de vida e na vivência grupal produzida no Reviver. O tempo das entrevistas durou, em média, de uma a três horas totalizando cerca de 9 horas de gravação. Depois, durante a análise, uma das entrevistas foi descartada por haver se distanciado da proposta do estudo. Foi utilizado um roteiro (ver anexo) em que foram abordadas a época da infância, juventude, casamento e a experiência no grupo, buscando percorrer as várias fases da vida. Nesse sentido,

O primeiro dia de aula, a perda de uma pessoa amada, a formatura, o começo da vida profissional, o casamento dividem nossa história em períodos. Nem sempre conseguimos fixar tais divisões na data de um tempo exterior. Quando as marés de nossa memória já roeram as vigas, o fato deriva ao sabor das correntezas. No entanto, sofremos no dia-a-dia a inexorável divisão que nos constrange a deixar a casa pelo trabalho, a juventude pela maturidade e nos rouba do convívio mais caro. É a força do tempo social marcado por pontos de orientação que transcendem nossa vontade e nos fazem ceder à convenção (Bosi, 2009, p. 417).

Apesar de buscar esses ciclos da vida como referência, foi dada liberdade às entrevistadas de ir e vir na sequência desejada, deixando-as mais livres na forma de conduzir a sua própria história. Em algumas entrevistas, houve a necessidade de se fazer mais interferências e outras não, dependendo do ritmo. A intenção das

intervenções sempre foi a de esclarecer dúvidas que surgiram durante o depoimento ou de completar alguma informação. Buscou-se respeitar o entrevistado quando insistia em retomar determinado assunto ou mesmo quando este era dolorido ou a pessoa não almejava aprofundar detalhes. Para Thompson,

o argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidência que valham por si mesmos, mas sim fazer um registro subjetivo de como um homem, ou uma mulher, olha pra trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade ou em uma de suas partes. Exatamente o modo como fala sobre ela, como a ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, em que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista (Thompson, 2002, p. 258).

A contribuição de utilizar a história de vida encontra-se na potencialidade de trabalhar com a experiência humana (Lima, 1995). Segundo Thompson (2002), a evidência oral transforma objetos em sujeitos, contribuindo para uma história mais rica, viva, comovente e mais verdadeira:

Ela trata de vidas individuais – e todas as vidas são interessantes. E baseia-se na fala, e não na habilidade da escrita, muito mais exigente e restritiva. As palavras podem ser emitidas de maneira idiossincrática, mas, por isso mesmo, são mais expressivas. Elas insuflam vida na história (Thompson, 2002, p. 41).

Nesse tipo de metodologia, o que interessa é o olhar do sujeito sobre sua própria história. Para Geertz (1989), os textos antropológicos são eles mesmos interpretações de segunda e terceira mão considerando que a interpretação de primeira mão quem faz é o próprio sujeito. Ele é quem vai elencar, recortar os fatos mais importantes, mais significativos de sua trajetória. Só que o sujeito “não relata simplesmente sua vida, ele reflete sobre ela enquanto conta” (Bertaux, 1980).

A escolha das entrevistadas não foi aleatória. Foram selecionadas mulheres cujas histórias expressassem o quanto à participação do grupo foi produtiva e se esse fator apresentou algum impacto em suas vidas. A escolha das entrevistadas ocorreu durante o período de acompanhamento do grupo em que foi possível manter contato

com essas mulheres e perceber as que melhor poderiam relatar a sua experiência de vida.

Houve por parte do entrevistador a tentativa de estreitar vínculos com as entrevistadas para que se sentissem mais à vontade e, assim, pudessem relatar fatos, às vezes, muito pessoais e doloridos. A entrevista despontou, no presente trabalho, como uma “forma de expressão por si, dotada de individualidade, força, tensão, drama, esclarecimento, emoção, razão e beleza” (Lima, 1995, p. 85). A opção pela entrevista baseada na história de vida contribuiu para que a criatividade e a integração despontassem entre entrevistador e entrevistado que, em alguns momentos, alcançaram o diálogo, a troca de experiências colaborando para que as entrevistadas ficassem mais à vontade, como relataram duas participantes: “Não foi uma entrevista. Foi um bate-papo” e “Foi um desabafo.”

A postura do entrevistador foi aquela de quem acredita que, como ressalta Thompson (2002), tem muito a aprender com o entrevistado: um ouvido atento e interessado pela fala do outro. Principalmente por serem mulheres mais velhas, menos valorizadas socialmente, mas com vivências e com um jeito de olhar para o mundo e para as suas dificuldades de forma muito singular.

Também se beneficiam, de maneira especial, as pessoas idosas. (...) Muito frequentemente ignoradas, e fragilizadas economicamente, podem adquirir dignidade e o sentido de finalidade ao rememorarem a própria vida e fornecerem informações valiosas a uma geração mais jovem (Thompson, 2002, pág. 33).

Haveria, portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem (Bosi, 2009, p. 63).

As entrevistas foram realizadas em número suficiente até que se conformasse uma diversidade de padrões e se reconhecesse certa repetição nos conteúdos dos relatos, o que em pesquisa qualitativa chama-se de “técnica da repetição”. Os depoimentos foram gravados utilizando gravador digital, com posterior transcrição e

digitação, sendo realizadas pela pesquisadora e por uma pessoa contratada para fazer esse serviço.

As entrevistas foram editadas em primeira pessoa, preservando a fala das entrevistadas e, em alguns momentos, alguns trechos muito repetitivos ou que não eram relevantes foram suprimidos com o objetivo de proporcionar maior clareza. A edição contribuiu ainda para dar sequência mais encadeada dos fatos narrados a fim de auxiliar a leitura e clareza do texto. Conforme Lima (1995, p.125), a edição é “essa distribuição concatenada de tempos e espaços, esta engenharia de armação do texto, que depende, em última instância, a fluência que a narrativa terá e a eficiência que a mensagem alcançará.”

As histórias de vida foram integralmente transcritas e estudadas mediante análise temática de conteúdo. Os núcleos temáticos foram identificados segundo os diferentes ciclos da vida, tendo como mais relevantes: na infância e juventude (a dificuldades financeiras e a violência) e na vida de casada (“o lugar de mulher é dentro de casa”, laços sociais fragilizados, dificuldades financeiras, experiências de violência e a ajuda profissional). Reconheceu-se, ainda, os núcleos temáticos significativos relativos à vivência do grupo Reviver, quais sejam: as experiências que levaram ao grupo, “ser bem recebida”, “estar junto”, a solidariedade, o “lidar melhor com o sofrimento mental”, o “medo de ficar sem o grupo” e o “experimentar o novo”.

Para obtenção dos dados sobre a história do grupo, seus objetivos e características, foram entrevistadas as duas coordenadoras do Reviver. Cada entrevista durou, em média, uma hora e foi gravada. As entrevistas foram transcritas e, após a leitura, foram selecionados os trechos que continham essas informações. Também foram consultadas as atas de algumas reuniões em que constavam nomes das participantes, data de nascimento e ainda atividades realizadas.

A seguir, um breve histórico das mulheres entrevistadas:

Sonia – Tem 62 anos, nasceu e mora em Botucatu. Tem dois filhos, cinco netos e vive com o marido e com um dos filhos. Tem o Ensino Fundamental completo. É aposentada. Fez terapia duas vezes: a primeira no Hospital das Clínicas e depois no Centro de Saúde Escola (CSE) pelo período de dois anos. Frequenta o grupo de convivência Reviver desde o primeiro encontro em 1999. Participa ainda dos grupos de artesanato e de teatro.

Gládis – Tem 58 anos, nasceu e mora em Botucatu. Tem dois filhos, uma filha e uma neta. Mora com o marido e a filha na mesma casa onde nasceu. Tem Ensino Fundamental completo. É dona de casa. Fez terapia no Centro de Saúde Escola (CSE) pelo período de um ano e foi encaminhada pelo próprio serviço, em 2002, para participar do grupo de Convivência Reviver.

Jane – Tem 74 anos e mudou-se para Botucatu aos 12 anos. Tem Ensino Fundamental completo. Casou aos 21 anos, tem três filhos e quatro netos. Ficou viúva aos 40 anos e mora com um dos filhos. É aposentada. Começou a participar do grupo de convivência Reviver em 1999 por indicação de um conhecido. Participa do grupo de teatro.

Ester - Tem 59 anos, nasceu e mora em Botucatu. É casada e tem três filhos. Vive com o marido, um filho, uma filha separada e uma neta. Tem Ensino Fundamental completo. Começou a participar do grupo de Convivência Reviver em 2002 a convite de amigas. Chegou a frequentar também o grupo de artesanato, mas largou por falta de tempo.

- **Rosangela** – Tem 69 anos, nasceu e mora em Botucatu. É casada e tem dois filhos. Mora com o marido. Tem Ensino Fundamental incompleto. Começou a freqüentar o Reviver em 2002 a convite das cunhadas que já participavam do grupo.

Ética

O Comitê de Ética em Pesquisa, conforme resolução n.196, de 10 de outubro de 1996, conferiu parecer favorável para a realização desta pesquisa em 07 de julho de 2008.

Todos os participantes da pesquisa foram esclarecidos sobre a natureza deste estudo e solicitados a assinar um termo de esclarecimento e de livre consentimento de participação. Os nomes utilizados durante todo o texto são fictícios para preservar a identidade dessas mulheres e sempre os mesmos quando se refere à mesma pessoa. Em relação às coordenadoras do grupo, optou-se por utilizar os códigos C1 (coordenadora 1) e C2 (coordenadora 2).

Resultados

Neste capítulo, analiso as entrevistas das duas coordenadoras e de cinco participantes do grupo Reviver. Para mergulhar nesse material, li intensamente cada entrevista até que conseguisse apreender as suas características e pensar cada entrevista como um todo (Caldeira, 1984). Somente depois as falas foram agrupadas em categorias, conforme já descrito. Para auxiliar a compor essa análise, utilizo também os dados da observação participante que me deram subsídio para compreender o dia-a-dia no grupo fornecendo uma visão mais ampla desse universo.

Ao editar as entrevistas e escrever a descrição do grupo, já estava realizando uma análise preliminar do material na forma como estava organizando-o, recortando-o, fazendo, nesse momento, uma interpretação de segunda e terceira mão (Geertz, 1989). Para Caldeira (1984), a análise não é um universo fechado e a interpretação do pesquisador não leva em consideração apenas os dados coletados:

Considera elementos do conhecimento, da memória, da vivência, para ir construindo uma visão ordenada que, neste caso, pretende ser racionalmente lógica. (...). E, na verdade, trata-se de um movimento de ida e volta, pois os dados associados a uma teoria, por exemplo, podem servir para ampliar a abrangência e a qualidade desta última (Caldeira, 1984, p. 146).

A história do Reviver

O grupo de convivência Reviver⁴ teve início em fevereiro de 1999 tendo como público-alvo original usuárias da área de saúde mental do Centro de Saúde Escola (CSE), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Botucatu-SP, e, como proposta, ser um espaço de saúde e de lazer.

Foi criado a partir da necessidade das próprias participantes que faziam terapia no serviço. Um dos grupos terapêuticos era composto por mulheres que

⁴ Informações obtidas a partir de uma síntese dos documentos pesquisados e das entrevistas semi-estruturadas realizadas com as duas coordenadoras do Reviver

apresentavam dificuldades de relacionamento conjugal e o outro, denominado terapia de adultos, era constituído por pessoas que apresentavam outras problemáticas, como depressão.

Ao discutir alta com essas pacientes para verificar se deveriam ou não continuar, as terapeutas responsáveis perceberam certa resistência por parte delas em deixar os grupos menos por questões terapêuticas e mais porque se sentiam acolhidas, haviam criado vínculos aos quais não queriam romper, além de se identificarem umas com as outras. As participantes destes grupos eram mulheres acima de 40 anos, com filhos já crescidos, a maioria dona de casa ou aposentada e com vínculos familiares bastante insatisfatórios o que, para uma das coordenadoras do grupo, foi um fator que contribuiu para que elas se unissem mais ainda. Para resolver essa situação, as profissionais propuseram aos dois grupos que continuassem se encontrando fora do CSE porque ali o objetivo terapêutico já havia sido alcançado. Entretanto, tal estratégia não foi algo planejado previamente, mas provocada pelas próprias circunstâncias.

A gente aqui tem muita demanda por assistência e, infelizmente, não é possível você ficar planejando atividades fora deste âmbito. (...) Na verdade, a área de saúde mental não parou naquele momento pra discutir isso. Coincidiu que a gente estava passando por uma dificuldade em comum e, quando eu pensava em promoção, prevenção naquela época, eu pensava muito mais em termos de álcool e drogas (...) (Coordenadora 1).

A proposta das terapeutas era criar um espaço de saúde em que as mulheres fossem estimuladas com atividades que melhorassem a sua qualidade de vida. O objetivo era se distanciar do foco na doença como ocorre nos grupos terapêuticos.

A [coordenadora 1] estava com aquela preocupação, com o pessoal aqui do Centro de Saúde, que era um pessoal que tinha condição de ter alta, vinha procurando ajuda na área de Saúde Mental. Ele tinha condição de ter alta, mas não se desligava daqui, né? E ela começou a fazer a hipótese de que [...] era o único lugar que elas se sentiam acolhidas e [...] podiam estar juntas. Então, a proposta foi que a

gente oferecesse um espaço onde elas pudessem ser acolhidas, pudessem ter um grupo de apoio e que não fosse uma coisa de tratamento, que não fosse uma coisa medicamentosa, que esse tratamento fosse o social: oferecer um espaço fora do serviço (coordenadora 2).

As mulheres aceitaram a ideia e foram em busca de um local onde ocorressem os encontros. A primeira reunião aconteceu em 24 de fevereiro de 1999 no Centro Paroquial de uma igreja católica com a presença das terapeutas e das participantes. Já nesse primeiro encontro, por meio das mãos dessas mulheres, o perfil do grupo tomou forma e começou a ser definido:

A gente juntou umas 12 pessoas na primeira vez que o grupo se reuniu. Nós já dividimos em subgrupos pra misturar um pouco com o outro grupo, pra se conhecerem e tal. E elas já começaram a levantar propostas de atividades. [...] Elas queriam fazer dança, ginástica, relaxamento. Isso elas tinham bem claro e nada de trabalhos manuais. Então, essas duas coisas já ficaram definidas. Daí, elas mesmas foram atrás de alguém, que até foi por um tempo fazer lá massagem, relaxamento. E aí a gente colocou também que não era um grupo pra fazer discussão de problema. Isso, da nossa parte, dos profissionais, também era claro. Diferente daquilo que elas tinham vivido aqui, problemas elas já tinham discutido o suficiente, já sabiam exatamente como lidar com aquelas dificuldades. Então, esse espaço não teria esse objetivo (Coordenadora 1).

Foi uma reunião aqui no salão da igreja do bairro, o primeiro espaço... Tinha um grupinho pequeno, eram poucas pessoas. Algumas eu conhecia de vista, mas a maioria nem isso. Foi lá que a gente começou o primeiro contato: explicar o que a gente pretendia, quais eram as nossas intenções, e então foi... muito interessante porque algumas pessoas, de imediato, mudaram [por] terem um espaço pra elas. Assim, de elas dizerem: “Não! Quarta-feira não tem trabalho, quarta-feira não tem família, quarta-feira é o meu dia!” (Coordenadora 2).

Ficou ainda combinado que todas seriam responsáveis para planejar o que desejariam fazer: que tudo seria decidido em grupo⁵. Nessas primeiras reuniões, o grupo não tinha um nome que o representasse. O termo Reviver só começou a ser usado a partir de 02 de junho de 1999 e foi escolhido pelas próprias participantes.

⁵ A pesquisadora também percebeu essa característica durante a observação participante

Durante algumas sessões, as mulheres colocaram suas sugestões em uma caixinha. Foi realizada uma votação e, assim, escolhido o nome que o acompanha até hoje.

Atualmente, o grupo - formado por cerca de 30 mulheres, com idades variadas, mas a maioria acima de 40 anos - mantém um perfil bastante heterogêneo e não é rígido em termos de critérios de acesso. As pessoas vão, experimentam e, se gostarem, ficam.

Conforme observado por esta pesquisadora, há períodos em que elas estão mais presentes e em outros não, podendo variar de 10 a cerca de 30 pessoas por sessão. Em alguns casos, algumas ficam três, quatro reuniões sem aparecer e, depois, podem ou não retomar o contato. Entre os anos de 1999, 2000 e 2002⁶, cerca de 150 mulheres freqüentaram o local.

Os encontros ocorrem todas às quartas-feiras, das 14h às 17h, em uma sala cedida pela Associação dos Ferroviários Aposentados e Pensionistas da Estação Ferroviária de São Paulo, com exceção das festas de final de ano e das férias quando não há atividades. Elas geralmente são retomadas no final de janeiro.

No começo, elas eram encaminhadas exclusivamente pela área de Saúde Mental do CSE. Com o tempo, ocorreu uma mudança na forma de acesso ao grupo:

O grupo rapidamente caminhou para um outro tipo. Não tinha mais as pessoas egressas do Centro de Saúde Escola, mas tinha as pessoas que as próprias ... que os próprios membros do grupo vinham trazendo. Então era amiga, era comadre, conhecidas, era alguém que elas viam que estava com dificuldade de lidar com algumas coisas e elas próprias foram percebendo o quanto o grupo podia ajudar (Coordenadora 2).

Essa desvinculação gradual do CSE como forma de acesso ao grupo também foi constatada em levantamento realizado em 2002. Segundo Carvalho (2002), cerca de 60% das participantes tiveram acesso ao grupo por meio da indicação de suas

⁶ Levantamento realizado pela pesquisadora a partir das atas do grupo Reviver

participantes. Quando questionadas sobre o motivo pelo qual haviam ingressado no grupo, 53% alegaram ter sido por solidão e 21% por depressão. Oitenta e quatro por cento das entrevistadas disseram ainda ter melhorado a saúde no aspecto físico e emocional depois que começaram a frequentar o Reviver.

O grupo sempre foi composto por uma coordenação. Nos dois primeiros anos, eram três coordenadoras, mas apenas duas continuaram à frente da atividade. Ainda conta com a colaboração de outra profissional na realização das atividades, que também está vinculada ao CSE. Segundo a coordenadora 1, apesar de as propostas serem discutidas com as mulheres e as próprias participantes apresentarem sugestões, o grupo depende da organização e planejamento da coordenação, ou seja, da figura “do coordenador”⁷:

A gente tem que fazer esse papel o tempo todo, de cuidar do grupo, de planejar, de sentar com elas, discutir. Elas fazem, trazem as propostas, mas a gente tem que puxar. Não tem ninguém que assuma a iniciativa de fazer isso. Por exemplo, semana que vem não vou poder ir, mas se a gente deixar planejado alguma atividade, elas até tocam, mas tem que deixar planejado pra elas. Se a gente não levar a proposta também vira um caos, porque o grupo é grande, heterogêneo, tem gente que está lá, tem gente chegando... Então, às vezes, é um pouco complicado você administrar tudo isso (coordenadora 1).

As coordenadoras já tentaram, em alguns momentos, trabalhar essa questão com as participantes, mas não como algo prioritário. Entretanto, o objetivo da coordenação, à época desta entrevista (2009), era estimular as mulheres a discutirem como o grupo poderia tornar-se mais autônomo:

Às vezes, a gente começa fazendo uma coisa bem organizadinha nesse sentido, mas a gente segue muito a necessidade do grupo. Então, nem sempre ele evolui nesse sentido. No ano passado, eu fiz (...) toda uma programação que a gente preparou. Elas acharam maravilhoso, mas vai embolando e a gente vai deixando [de lado]. Agora, a gente falou claramente isso na primeira reunião do ano: da importância delas ficarem independentes, delas conseguirem

⁷ Situação também observada pela pesquisadora

assumir, darem mais o rumo de fato que elas querem para o grupo (coordenadora 2).

Segundo essa coordenadora, há certa resistência em relação a isso por parte de muitas mulheres. Elas alegam que não querem ficar sem a presença das coordenadoras porque criaram vínculos e consideram que essas profissionais também são parte do grupo:

Elas [dizem]: “Olha, nós não queremos... Nós podemos até estudar ... fazer alguma coisa, mas a gente não quer ficar sem vocês, porque vocês....” De fato, a gente não tem esse papel só de ir lá, com a pastinha, bem profissional. A gente vive coisas do grupo juntas. Isso acontece. Então, elas justificam por esse lado, mas eu acho que vai evoluir, bem lentamente, mas vai (coordenadora 2).

Faz tão parte da minha rotina que, quarta-feira pra mim, também é dia de grupo. Então, as outras atividades que eu pego, tudo que eu faço, quarta-feira à tarde eu não posso porque tem grupo. E gosto, gosto do contato com elas, tem algumas pessoas que até eu divido mais coisas. É claro, tem outras que não, mas tem pessoas que eu sento, converso, sinto prazer. Eu me sinto ali oferecendo, mas [também] dividindo (...). Por exemplo, a Rosa e a Jane⁸. Se elas não vêm no grupo, durante a semana, eu dou uma fugidinha e passo na casa pra ver, porque eu acho que são duas pessoas que têm dificuldades, [que] têm os empecilhos. Então tem uma ligação grande (coordenadora 2).

Todas às vezes que eu estou com elas, eu acho que sempre é importante tudo... que elas estão tendo ganhos de estarem ali e a gente também. Acho que essas trocas são muito importantes, né? Um pouco cansativo, um pouco pesado, mas acho que traz bastante satisfação também profissional (coordenadora 1).

Entretanto, segundo a coordenadora 2, há momentos em que o grupo deixa transparecer que também gostaria de ser mais independente em relação às responsáveis:

Elas gostam muito que a gente esteja junto, mas de vez em quando eu acho que o grupo gosta de ficar sozinho também. Esse ano [2008], no fim do ano, coincidentemente a [outra coordenadora] não ia estar aqui no dia da festa do grupo, na festa de confraternização de final do ano. Eu tive um problema pessoal. Deixei a malinha pronta pra gente ir para o passeio, no outro dia tive que ficar em casa, não pude sair, por problema de saúde. Pedi pra avisar. Elas foram: “Ahh, adoraram!” Várias delas fizeram questão [de dizer]: “Foi a melhor

⁸ Nomes fictícios

festa, foi uma festa muito boa, foi maravilhosa”. Nós duas [as coordenadoras] somos, em alguns aspectos, acho que muito sérias. Então, a gente dá umas seguradas em algumas coisas e elas são assim (risos)... Elas mesmas se sentem mais à vontade pra falar as coisas [sem a gente], pra brincar, e várias vieram dizer isso: “Nossa, foi a melhor festa do grupo!” É legal, né? (risos). Interessante (Coordenadora 2).

Para a coordenadora 1, as mulheres estão comprometidas umas com as outras no sentido de gostar de freqüentar o grupo, de estar junto, de se divertir, mas que falta compromisso das participantes em relação a assumir o grupo, ter responsabilidade em relação a ele. Uma das alternativas apontadas por essa profissional poderia ser transformar o grupo em uma associação composta por uma diretoria, alguém que assumisse o papel de coordenadora, o que dependeria também de um espaço físico próprio. Na avaliação da coordenadora 2, o grupo poderia ter um estatuto para garantir mais recursos:

A única coisa é o espaço porque também construir, montar uma associação sem ter uma sede é complicado. O que nos segurou até hoje nessa discussão foi isso: o fato de não ter um local definido, de não ter uma sede. Se tivesse uma sede era mais fácil. Também tem uma outra questão: [o presidente da Associação...] cede esse espaço para o Centro Saúde Escola. Se não tiver o profissional lá não sei como fica essa situação porque, de uma certa forma, nós somos responsáveis pra cuidar do espaço e eu não sei se ele iria topar, porque lá eles são a associação dos ferroviários aposentados e dentro da associação dos ferroviários aposentados ter uma outra associação... Isso é uma questão um pouco complicada de se resolver. Temos de ir discutindo com elas todas essas questões (Coordenadora 1).

Se um grupo tem as definições bem corretas, do que ele é, do que ele tem, talvez fosse interessante ter isso em estatuto porque um grupo que tem um estatuto, que tenha definido o seu papel muito claro, ele tem como pedir coisas porque até hoje a gente fica assim meio... A [outra coordenadora] quebra um galho daqui, a [prefeitura] quebrava por lá e a gente vai conseguindo as coisas, mas, do ponto de vista até legal, o grupo poderia fazer mais [se tivesse um estatuto] (Coordenadora 2).

A coordenadora 1 aponta o espaço físico e a falta de monitores como fatores que limitam o desenvolvimento das atividades:

Uma coisa limitante é o espaço físico. Se o espaço físico fosse maior, porque às vezes tem muitas atividades que a gente deixa de levar pra lá porque a gente não tem condições, não tem espaço adequado. (...) [Ali] cabe, no máximo, 20 pessoas, mais que 20 não cabe, [mas há momentos que vêm] muito mais. Aí é triste, difícil, mas a gente fica lá, né? Todo mundo espremido, muitas vezes acabam as cadeiras, elas têm que sentar no chão, mas a gente está lá (coordenadora 1).

(...) O grupo é grande, e as pessoas têm interesses diversos, e muitas vezes a gente não consegue conciliar todos os interesses que tem nesse grupo. A gente queria ter pessoas que se comprometessem mais e que assumissem o trabalho juntos, por isso que eu estou bastante interessada nesse ano em trabalhar a autonomia do grupo, desligar dele. (...) Na verdade, eu estou um pouco cansada porque a gente precisava de mais respaldo no serviço mesmo para as oficinas, para coisas novas com o grupo, quer dizer, eu acho que a direção do Centro de Saúde valoriza bastante esse trabalho, mas a gente precisava de pessoas, acho que mais recurso, monitores pra fazer uma oficina legal. A gente já teve épocas de ter lá uma pessoa pra oficina de argila, uma outra que deu uma oficina de aquarela. Então foi muito legal! Elas adoraram, mas isso precisa de dinheiro, de pagar as pessoas. Acho que mesmo pra gente enquanto coordenadoras, se tivesse uma equipe de monitores pra trabalhar essas oficinas isso já ajudaria muito, porque a gente mesma é que tem que fazer o relaxamento, tem que fazer dança, que tem que fazer oficina de memória, a gente tem que fazer tudo (coordenadora 1).

Em relação à dinâmica dos encontros do grupo, estes mantêm a mesma sequência, a mesma ordem dos eventos: as mulheres vão chegando aos poucos e ficam conversando com as colegas até começar. A secretária lê a ata da semana anterior e a coordenadora do grupo explica as atividades que serão desenvolvidas, variando a cada sessão, como pôde observar esta pesquisadora.

Para a coordenadora 2, há épocas em que o grupo está mais forte, outras mais tranquilo, dependendo muito das características das pessoas que estão participando naquele momento. O grupo, entretanto, mantém uma grande regularidade.

Então, há épocas mais assim... mais de estar elaborando coisas, de estar entendendo, de querer discutir assuntos um pouco mais... E a outra época de querer só festa, de querer só... (risos), que isso com muita frequência predominou, época de querer conversar, de querer.... [estar mais junto] (coordenadora 2)

Conforme observado por esta pesquisadora, no final da sessão, elas discutem as tarefas da próxima semana, terminando a tarde com um lanche. Geralmente quem

faz o café é uma senhora que está no Reviver desde a primeira reunião, e algumas participantes levam bolo, sanduíche. Essas mulheres encontram ali um local onde podem participar de atividades culturais e de lazer (passeios, festa de carnaval, Dia das Mães...), fazem relaxamento, ouvem histórias, dançam e cantam. Outra atividade que as participantes gostam muito são os passeios. É a primeira proposta que elas fazem quando estão discutindo atividades e, quando chega o dia, o ônibus fica lotado.

Segundo as coordenadoras, as participantes gostam dessas atividades dirigidas, mas, ao mesmo tempo, precisam também ter aquele tempo para conversar:

Por que a gente tem que ter o tal do lanche? Por isso, por causa desse momento, porque elas precisam desse momento de troca, de se encontrarem. A gente sempre faz algumas atividades comuns que todo mundo participa. E o interessante do grupo é que tudo que você propõe elas topam, tudo! Qualquer coisa que você levar pra elas, elas topam, e depois tem o momento que elas precisam estar com elas mesmas: de troca, de encontro... (coordenadora 1).

Então a gente não pode, eu acho que nunca esquecer disso no grupo: você pode trazer gente pra falar, você pode oferecer... A gente já teve época de fazer artesanato, nós fizemos oficina com caixas, (...) [mas] elas querem ter um espaço pra elas conversarem (coordenadora 2).

Conforme a coordenadora 2, nesses 10 anos, houve uma mudança em relação ao público:

Houve alguma mudança porque quando a gente iniciou era oferecer uma atividade sadia pra ocupar essas pessoas que ficavam sem ter nenhum elo, vínculo de amigos. E hoje são pessoas que, às vezes, estão trabalhando ainda, que saem, vão mais tarde ou vão correndo porque tem trabalho, tem filhos ainda em casa, né? Então virou um grupo de convivência mesmo, como elas gostam de falar um grupo de amigas que se apóiam, de elas sentirem que, se elas não estão legais, que se tem algum problema tem gente no grupo que, não somos nós obrigatoriamente de jeito nenhum, está lá, que vai acolher, que vai conversar, que vai apoiar (Coordenadora 2).

Teve momentos que o grupo teve pessoas mais jovens até, mas ele continua aberto, ele não é fechado. O único critério é você estar sozinha, de você estar, por exemplo, muita gente nova que chegou na cidade, que não tem amigos, que está se sentindo muito só. Esse espaço é perfeito pra dar cobertura. Aqui, na Saúde Mental, vêm muitas [pessoas com esse perfil]. Então, ele cobre perfeitamente esse aspecto (Coordenadora 1).

Para as coordenadoras, é possível perceber benefícios para as mulheres que freqüentam o grupo e para a própria área de Saúde Mental do CSE:

Tem um lado positivo, da associação, da interação, melhora na qualidade de vida, das condições físicas e psicológicas. Isso é evidente. Pessoas que vinham muito para triagem, para área de adultos, e que também vinham muito aqui na saúde mental. Essas pessoas não vêm mais, quer dizer, foi um espaço de continência pra essas pessoas que estavam com essas dificuldades. Pra essas mulheres, para o serviço, de oferta mesmo, de possibilidades pra saúde mental. A gente passou por crises aqui na saúde mental, que se a gente não tivesse esses grupos! Se a gente não tivesse essas possibilidades de ações, a gente não teria condições de atender o tanto de gente que a gente atende aqui. [São] quase 500 casos novos [por ano], que chegam na triagem da saúde mental. E esses grupos de convivência continuam sendo uma boa vazão para dar atenção para essas pessoas. Para o serviço, ele ainda continua sendo um espaço bem importante nesse sentido, principalmente para saúde mental. [Elas] tomam muito menos remédio. Acho que elas são muito mais felizes do que se tivessem só aqui tomando remédio, vindo uma vez a cada três meses no psiquiatra (Coordenadora 1).

Eu sei o que as pessoas falam: que pra elas é um espaço muito importante, [que] elas não vêm a hora de chegar quarta-feira. Pra muitas, é o momento de sair da cama pra ir pra lá, tanto no grupo de idosos quanto no grupo Reviver (Coordenadora 1).

O grupo motivou [as mulheres] a fazer outras coisas, não ficar esperando a vida passar. Muitas acabaram tomando atitudes bem positivas diante da vida, uma outra postura mais ativa. Tem pessoas que voltaram a trabalhar, que eram um pouco mais jovens que foram trabalhar, cuidar da vida depois do grupo e nunca mais precisaram voltar. Uma outra coisa interessante é que ninguém mais voltou pra psiquiatria porque o índice de recaídas é muito alto na saúde mental: recaída de depressão é bastante frequente, e essas mulheres... A grande maioria parou de tomar remédio, não voltou mais para a saúde mental (Coordenadora 1).

Para as coordenadoras, as mulheres criaram vínculos que vão além do grupo. Isso tanto se refere a atividades coletivas, em pequenos grupos, quanto à formação de vínculos de amizades:

Tem muitos passeios que elas planejam a partir deste grupo. Quando elas querem fazer compras em Bauru elas fazem, lotam um ônibus e vão, por conta delas. Ibitinga, Águas de São Pedro. Algumas coisas elas fazem a partir do grupo, por conta própria, a gente não participa (Coordenadora 1).

A Rosa chega, ela guarda imediatamente a cadeira da Jane, né? (risos). E aquele espaço ninguém pode sentar. Se vai sentar: “Não. É da Jane”. E elas se pajeiam. É interessante porque uma cuida da outra. A Jane [...] é importantíssima nesse apoio [a Rosa] porque mora a um quarteirão de distância, porque é muito amiga e tudo, apesar das dificuldades físicas, tem a cabeça muito boa ainda, né? (Coordenadora 2).

Como o Reviver é um grupo bastante heterogêneo, três outros grupos se formaram para atender a interesses diversos das participantes: Grupo de Convivência Despertar, Oficina de Artes e grupo de Dança Sênior. Todos ocorrem semanalmente no mesmo espaço, cedido pela Associação dos Ferroviários Aposentados e Pensionistas da Estação Ferroviária de São Paulo, mas em dias diferentes.

A Oficina de Artes teve início em 2002 por solicitação de algumas participantes do Reviver, pessoas novas que estavam chegando e tinham expectativa de fazer artesanato. Muitas continuaram freqüentando os dois grupos, mas também há mulheres que participam da Oficina de Artes sem ter nenhum contato com o Reviver. Lá são desenvolvidas atividades de bordado, pintura, macramé, mosaico, crochê, tricô e biscuit. As participantes são estimuladas a ensinarem umas as outras, mas há a presença de um coordenador. O grupo de Dança Sênior: Talentos da Maturidade começou em 2000, após parceria do CSE e prefeitura, para realização de um curso oferecido aos profissionais da saúde e educação. O grupo, composto por participantes do Reviver, usuárias do CSE e outras pessoas da comunidade, tem como objetivo a melhoria da auto-estima e do condicionamento físico. É aberto a ambos os sexos, mas, no momento, participam somente mulheres. Além dos dois profissionais do CSE, este grupo conta com mais três profissionais voluntários.

Baseado nos moldes do Reviver, o grupo de convivência Despertar foi criado em 2003 para atender a mulheres que freqüentavam a Área de Saúde Mental do CSE

e oferecer a elas algo mais do que o tratamento medicamentoso. Segundo a coordenadora 1, o Despertar tem um perfil de público diferente do Reviver:

É questão de momento da vida, nem é de faixa etária. Elas já estão em outro momento, elas têm uma outra perspectiva de vida. Muitas vezes, chegam aqui estão muito deprimidas, muito isoladas, muito sozinhas e precisam de um espaço mais protegido. Aí, a gente criou um grupo da terça-feira à tarde que é para as idosas que estão neste momento. É um grupo mais dependente, que tem mais dificuldade de se colocar, de ter idéias criativas, que é diferente do Reviver.

Discussão

Embora o Reviver tenha sido criado a partir de um serviço de saúde e ainda estar a ele vinculado, essa experiência tem características bastante peculiares. Elas estão presentes desde a sua fundação - motivada pelos interesses e necessidades das próprias usuárias - até pelo caráter não terapêutico, mas, sim, de grupo de vivência que o configura. Mesmo sendo uma atividade do Centro de Saúde Escola (CSE), a equipe considerou que o grupo deveria ocorrer fora desse local. A intenção foi romper com a idéia de tratamento, de cuidados de saúde e também se distanciar do espaço ali existente mais centrado em lidar com a doença. A criação do Reviver é pontuada tanto pelo papel desenvolvido pela instituição nesse processo – que percebeu e buscou um caminho para atender à necessidade dessa demanda – quanto pela receptividade das mulheres em aceitar a proposta. Isso fica claro quando elas mesmas saem para procurar um local onde poderiam ocorrer as reuniões.

Algo marcante no grupo é o peso da opinião das mulheres em relação às propostas de atividades que serão desenvolvidas. Tal característica está presente no Reviver desde o primeiro encontro quando elas disseram que não queriam trabalhos manuais. Nesse dia, ficou ainda combinado que todas seriam responsáveis para planejar o que desejariam fazer: que tudo seria decidido em grupo. Esse caráter participativo é ainda predominante no Reviver. Apesar de as coordenadoras levarem propostas da programação e ter ainda a presença da coordenação, não é algo impositivo e outras sugestões vão surgindo no decorrer da reunião e, à medida que isso ocorre, as coordenadoras buscam atendê-las. A vontade dessas mulheres também esteve presente na hora de escolher o nome que acompanha o grupo até hoje. As participantes sugeriram opções e escolheram, entre elas, por votação, a palavra Reviver. Esse vocábulo expressa provavelmente o sentimento de muitas delas: voltar à vida, renascer, renovar-se.

Já nesse primeiro encontro, o grupo mostrou indícios de que essas mulheres não estavam ali apenas para reproduzir uma situação que já vivenciavam em casa, mas

buscavam romper com o estabelecido. O desejo de não fazer trabalhos manuais remete à ideia de buscar algo novo, diferente do que se poderia pensar sobre um grupo de mulheres, a maioria dona de casa em que o universo estava atrelado ao ambiente doméstico.

Apesar de as primeiras mulheres serem oriundas do serviço de saúde mental do CSE, esse estigma persiste apenas por algum tempo, percebido na fala de uma das entrevistadas, quando novas participantes chegavam perguntando se ali era o grupo da saúde mental. Aos poucos, esse contexto vai se modificando à medida que o grupo passa a se desvincular do CSE em relação ao acesso e amplia a visão que as participantes têm do grupo: um espaço de experimentação, de vivência, de novos acontecimentos, como veremos mais à frente.

Mesmo não sendo este trabalho um estudo avaliativo, é possível perceber tanto na fala das coordenadoras como na das mulheres que o grupo traz benefícios para a saúde e bem-estar das participantes, contribuindo para melhorar a qualidade de vida dessas pessoas. Esse aspecto positivo também tem seus reflexos na área de Saúde Mental do CSE, considerando que muitas dessas mulheres não voltaram a fazer terapia ou se medicar.

Outro aspecto relevante é esse caráter mais aberto tanto em relação ao acesso quanto à permanência no grupo. Não é necessário ser usuária do CSE, estar em tratamento ou mesmo ser da área de abrangência do serviço para poder participar. Também, não lhes é requerido o preenchimento de nenhum formulário, nem mesmo a apresentação de um documento pessoal. Elas também não são cobradas caso falem ou fiquem um período sem comparecer. Essa liberdade deixa as mulheres mais à vontade para circularem pelo grupo, conforme seus interesses e necessidades, e também estimula que convidem outras a participar. Apesar de ser mantido pelo CSE, o serviço praticamente não detém o controle de acesso ao Reviver transferindo às mulheres essa decisão que se baseia em critérios próprios, como: perceber que a amiga está deprimida, sem amigos e que o grupo pode, de alguma forma, ajudar.

Se, por um lado, o grupo assumiu uma desinstitucionalização progressiva, certa autonomização percebida quando as mulheres fazem atividades que não dependem do grupo para ocorrer, de outro lado, o grupo mantém ainda uma estrutura vinculada à instituição, que viabiliza o local e mantém as mesmas profissionais⁹. Há certa dependência por parte das mulheres de alguém que pense o grupo, que oriente as atividades e, ao mesmo tempo, um vínculo afetivo que foi sendo construído entre as participantes e as coordenadoras.

Embora a expectativa das coordenadoras e mesmo da direção do CSE à época, fosse que o Reviver, no decorrer dos anos, viesse a tornar-se autônomo tal fato não se realizou por completo. Segundo Fortes & Zoboli (2004), a autonomia é o processo no qual os sujeitos ou grupos humanos ampliam suas capacidades de fazer escolhas de forma livre e esclarecida. Nesse caso, sem que o grupo dependesse de um profissional da área da saúde que o conduzisse, desligando-se desse vínculo institucional que mantém com o CSE.

Em dez anos de grupo, as coordenadoras começaram a perceber a importância de discutir a autonomia com as participantes, possivelmente tal questionamento tenha se explicitado frente a algumas questões postas por esta pesquisa. Entretanto, para as coordenadoras, a via possível para isso seria por meio de uma associação que tivesse regimento e estatuto. Há por parte de algumas mulheres a preocupação em relação ao rumo que o grupo possa tomar, em relação à falta de espaço físico próprio ou mesmo pelo fato de não ter uma sede própria.

O Reviver bem reflete a escassez de espaços comunitários e de vivência em Botucatu, representando um espaço que acolhe pessoas em busca de alguma atividade de lazer e vida social, como evidenciado pela demanda de mulheres que procurou o grupo nesses dez anos. Nesse sentido, é expressivo que tal iniciativa teve de ser tomada por um serviço de saúde.

⁹ Cabe observar que, paradoxalmente, embora o espaço utilizado seja o de uma instituição de natureza comunitária, talvez sua desvinculação à instituição de saúde possa criar alguma dificuldade para a continuidade de uso do espaço.

O convívio com o grupo Reviver

Acompanhei o grupo de Convivência Reviver pelo período de três meses, freqüentando os encontros semanais e registrando em um caderno de campo a vivência com essas mulheres. A seguir, apresentamos três momentos do Reviver, que me pareceram expressivos por sua singularidade e que permitiram reconhecer um pouco mais do cotidiano do grupo.

Memorizando gestos

A sala é pequena e modesta: cadeiras plásticas, uma mesa de jantar, um ventilador de teto, uma lousa e um relógio que marca quase 13h55min e nos lembra que já está próximo de começar. As mulheres vão chegando aos poucos, se beijam, se abraçam e vão demonstrando proximidade.

À medida que chegam, o burburinho vai tomando conta da sala: elas conversam sobre amenidades, sobre as dificuldades do dia-a-dia, sobre suas dores e alegrias. Gilda¹⁰, 80 anos, comenta do braço que dói e está imobilizado; outra relata como está a situação do diabetes. Muitas vezes, há uma sobreposição de vozes e de assuntos. Uma senhora risonha, de olhos azuis, entra na sala e interrompe a conversa porque todas comentam como ela está bonita. Usa uma blusa vermelha e calça bege com bordado na bainha e está com novo corte de cabelo.

- Ângela, você parece o Beíçola (do seriado A Grande Família) – brinca uma colega.

Elas caem na risada. Comentam ainda as notícias sobre a violência no Rio de Janeiro. Mostram interesse sobre os problemas do mundo e gostam de expressar o que pensam. Estão vestidas de modo simples, mas a maioria usa, nesse dia, roupas coloridas e está de batom.

¹⁰ Todos os nomes utilizados são fictícios

Vão chegando e sentando em semicírculo. Na ponta, está uma das coordenadoras do grupo que pede para a turma ir diminuindo a conversa para começarem as atividades. A maioria parece à vontade agindo de forma descontraída. É mais uma quarta-feira na vida do Reviver, mas que nada parece de rotineiro. A cada sessão elas buscam planejar uma atividade diferente. Como estão no começo do ano, ainda não definiram a programação porque muitas estão em férias.

A coordenadora propõe um exercício para treinar a atenção e explica que é essencial para ajudar na memória. A proposta é que a primeira faça um gesto e que seja repetido por todas até que chegue a vez da segunda, que faz o mesmo gesto acrescentando mais um. No começo, todas participam e se divertem. Algumas erram, se atrapalham na ordem e dão risada. Quando uma esquece, outras colegas ajudam a lembrá-la.

Das 15 mulheres, duas demonstraram mais dificuldades em participar da brincadeira porque não lembraram na hora o que deveriam fazer.

- Agora é eu? – pergunta Sofia, meio sem graça porque esqueceu a sequência.

Parece desatenta, mas surpreende o grupo ao sugerir um gesto diferente quebrando a monotonia do exercício. As colegas gostam e riem. Ela volta ao silêncio, fica com braços e pernas cruzados, olhar distante e acaba não participando do restante da atividade.

Ao terminar o exercício, a coordenadora pede que, pelo menos, três mulheres relatem o que contribuiu para ajudar a lembrar a sequência, mas várias querem participar. Elas destacaram como fatores que ajudaram o exercício: olhar para a pessoa que está fazendo o gesto, prestar atenção em cada movimento e ir contando o número de exercícios. Essa troca de idéias fez com que muitas trouxessem suas experiências para a discussão contando as falhas de memória que

ocorrem no seu dia-a-dia e o quanto o exercício poderia contribuir para minimizar o problema.

Qual será a música?

A tarde está extremamente quente e algumas mulheres se abanam com o calendário ou com o que têm nas mãos. Jane, 75 anos, conta que se sentiu mal na noite anterior porque estava com indisposição estomacal. Demonstra medo pelo que ocorreu porque estava, naquele momento, sozinha em casa (mora com um filho adotivo, mas ele não havia chegado). As mulheres comentam sobre a dificuldade de morar só nessa fase da vida e o quanto isso pode ser arriscado quando não há ninguém para ajudar. Há um clima de preocupação e de identificação com o problema vivenciado pela colega.

A atividade do dia foi decidida na sessão anterior bem com as regras foram previamente definidas. Hoje a reunião começou com a brincadeira: “Qual é a música?”. As participantes escolhem a palavra-chave **amor** e o grupo é dividido em três. Elas têm 10 minutos para lembrar o maior número de músicas que contenham a palavra escolhida. Os grupos se formam rapidamente. As mulheres parecem bem concentradas na atividade e cochicham baixinho para que o grupo concorrente não ouça as músicas escolhidas. A brincadeira deixa o ambiente muito descontraído porque faz as participantes lembrarem de músicas antigas, da época da juventude, trazendo certa nostalgia, mas que vem acompanhada de diversão. Algumas cantarolam baixinho canções que marcaram época:

Receba as flores que lhe dou
E em cada flor um beijo meu
São flores lindas que lhe dou
Rosas vermelhas com amor
Amor que por você nasceu
(A namorada que sonhei)

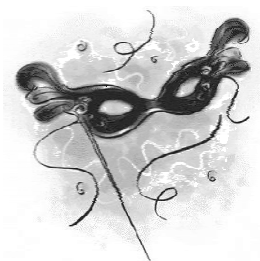
Comentam de novelas na tentativa de lembrar das músicas que fizeram sucesso. Na hora do levantamento do que cada grupo havia conseguido produzir, a agitação foi unânime porque a cantoria tomou conta da sala. Algumas, mesmo sentadas, agitavam o corpo acompanhando a música, como Rosa, 85 anos, que cantou quase todo o tempo.

A maioria é participativa, demonstrando, no decorrer da atividade, boa memória, disposição e alegria. A marchinha “Estrela Dalva” foi a que mais motivou as mulheres.

O grupo que perdeu o jogo faz uma brincadeira com os outros, justificando o “mau desempenho”:

“É que o nosso grupo é mais jovem, somos mais novas, por isso apresentamos um número menor de músicas” – brinca uma das participantes.

Máscaras, plumas e paetês



Hoje é o dia de se esconder atrás de máscaras, de roupas coloridas, de se permitir imaginar e fantasiar. A sala também está adequada para a data: É Carnaval! As mulheres começam as atividades fazendo alongamento: esticam braços, pernas, pescoço, se preparando para o baile. A primeira marchinha a embalar a tarde é: “Eh, eh, eh, índio quer apito... se não der pau vai comer.”



Elas dançam, sozinhas ou de mãos dadas com as colegas e jogam, umas nas outras, confetes e serpentinas. A sala não está cheia. O rádio-gravador está com o som muito ruim, mas isso não parece incomodar. As mulheres cantam no ritmo delas nem sempre acompanhando a música. As participantes improvisam um porte-estandarte que vai passando de mão em mão ao som de “se a canoa não virar, olê, olê, olá...eu chego lá...”.

Elas se produziram especialmente para a ocasião. Rosa¹¹, 84 anos, está toda combinada: calça e sandálias vermelhas; blusa e brincos de cor creme. Também está de batom. Rosangela, 69 anos, está maquiada e gosta de sambar. Ela fez a própria fantasia e as máscaras utilizadas pelas outras participantes e é praticamente a costureira oficial do grupo.

Depois de uma hora, elas começam aos poucos a se sentar, demonstrando cansaço. Só ficam na ‘pista’ Jane e uma das coordenadoras que, para incentivá-las a voltar à dança, diz que a última a sentar ganhará um prêmio. Elas se animam e voltam a pular carnaval. Agora, em círculo e de mãos dadas, entoam com

¹¹ Rosa, bastante vaidosa, adorava dançar e até os 84 anos gostava de ir a bailes. O bom humor era uma das suas características mais marcantes. Frequentou o Reviver até os últimos momentos de vida, falecendo em março de 2009, antes de realizar a entrevista que havia sido agendada com ela.

entusiasmo estrela-dalva. Na marchinha seguinte, Dolores pega uma sombrinha e brinca de frevo, já Jane vai para o meio da pista sacudindo os ombros e dizendo que vai soltar a fogueira que há nela. As colegas acham graça.

Rosa aparece com um vidro de perfume nas mãos e começa a correr atrás das outras participantes. Algumas fogem, outras reclamam da brincadeira, mas ela, com expressão peralta, se defende dizendo que está brincando de lança-perfume:

- “Isso é da minha época. O que, nesta minha idade, eu já não vi, minha filha? – pergunta.

Para muitas, este é o carnaval de toda uma vida: um momento que podem não só se divertir, mas extravasar, se permitir, apesar da idade. É assim com Jane, 75 anos, cuja data tem conotação muito especial.

Há três coisas que eu sempre quis fazer quando jovem: dirigir, usar calça e ir a um baile de carnaval porque, primeiro, meus pais não deixavam eu fazer nenhuma dessas coisas e, depois de casada, o marido é que não deixava. Eu fui realizando aos poucos esses sonhos. Só consegui usar calças compridas quando meu filho mais velho estava com 14 anos. Não esqueço: foi na festa do Dia das Mães. Eu me arrumei para ir à igreja de calça e blusão. Meu marido disse que eu não iria assim, já meu filho mais velho disse que, se eu fosse trocar de roupa, ele não me daria o meu presente de Dia das Mães: uma rosa. A partir desse momento, nunca mais parei de usar calças; Consegui também tirar a carta de motorista, mas o carro ficou na garagem. O sonho que eu mais demorei para realizar foi o de ir a um baile de Carnaval porque meu marido não gostava mesmo. Só depois que fiquei viúva e ainda, depois de muitos anos, aqui no Reviver, é que pude realmente realizar esse sonho. Por isso, adoro tudo isso!”

As mulheres e suas vidas

As informações obtidas por meio das histórias de vida da Sonia, Jane, Rosângela, Ester e Gládis contribuíram para que se caracterizasse o universo dessas mulheres em distintas fases dos ciclos de suas vidas cotidianas. Foi possível, assim, mapear os acontecimentos mais significativos da trajetória dessas pessoas antes de ingressar no Reviver e quais as mudanças que ocorreram depois que começaram a participar do grupo.

“Lugar de mulher era dentro de casa”

Elas nasceram nas décadas de 40 e 50, do século passado, em Botucatu ou região. Oriundas de uma classe social menos favorecida, algumas delas tiveram a infância marcada pelas dificuldades financeiras.

Eu fui a que comecei a trabalhar mais cedo, eu não tinha 10 anos. Como minha mãe levava essa vida porca - que nem ela falava - com o meu pai, ela pôs a gente a trabalhar cedo. Eu era sempre sem sorte porque quem ganhava sempre menos era eu (risos). E trabalhava que nem sei o quê (risos) (...) (Ester).

Minha mãe tinha muitos filhos. Então, eu fui uma das caçulas. Mas depois de 11 anos, a minha mãe achou que estava na menopausa, ainda veio uma irmãzinha. **Minha mãe teve 12 filhos. Perdeu os pequeninhos, mas que criou, que casou tudo, somos oito, seis mulheres e dois homens. A gente era pobre, mas meu pai era padeiro.** Tinha fartura de pão, de doce, tudo. Então, foi uma infância boa (Rosangela).

Para outras mulheres, as relações familiares difíceis e conflitantes estiveram presentes na infância, como no caso da Sonia cuja criação esteve imersa em um ambiente severo em que tudo era pecado e sem a existência de comemorações como Natal e aniversário. Para a Ester, apesar das lembranças amenas e agradáveis das brincadeiras na rua, a violência do pai contra a mãe esteve muito presente nesse período perpassando também a fase adulta.

Eu tinha muitos problemas porque a criação foi muito difícil. **Minha mãe criou assim: tudo é pecado, tudo é errado.** Não usar combinação não era errado, era pecado. **Aniversário não existia. Minha mãe falava que não existia. Natal não existia. Era muito difícil mesmo.** A gente não se sente muito bem com uma festa de aniversário. Até hoje eu não me sinto muito bem (Sonia).

Nessa parte da convivência do meu pai com a minha mãe, nós sofremos demais. Nós pegamos um trauma muito grande. Ele era muito mulherengo e a minha mãe tinha uma paixão louca pelo meu pai. Então, minha mãe sofria muito. **A gente via o pai, várias vezes, agredir minha mãe.** Agora tem todo o recurso, mas, naquela época, quando a gente era pequena não tinha. Não tinha nem como defender minha mãe (Ester).

Minha mãe até tentou se matar por causa do meu pai. Esfaqueou as pernas. Ela deu três facadas. A faca era estreita, mas pontuda. Então, foi profundo. Eu estava grávida de sete meses

do meu filho, quando aconteceu isso. **Eu levei o maior susto.** (...) Tive que ir ao médico para tomar remédio pra segurar o bebê; tive que ficar de repouso. Sabe, esse período pra mim foi... (Ester)

Outra característica comum destas mulheres foi o início de uma vida afetiva logo nos primeiros anos de adolescência. Algumas delas começaram a namorar entre 14 e 17 anos, vinculando-se a um compromisso e casando-se com o primeiro namorado.

(...) **Eu comecei a namorar nova com 14 anos e casei com 20.** (...) Casei no civil, na igreja. A gente tem aquela ilusão de vestir de noiva, essas coisas. Eu casei como manda o figurino. Meu pai deu uma festa. Foi até aqui em casa (Gládis).

Meu marido trabalha há 44 anos no mesmo local. Ele sai cedo e vai. Não fica sem trabalhar. Acho se parar, ele descansa. Já tem freguês muito antigo. **Ele começou quando a gente se conheceu. Ele tinha 38 e eu 16** (risos). Sabe, no começo da vida a gente ama demais. Quando eu conheci ele, eu me apaixonei sem ele falar uma palavra comigo (Sônia).

Tinha uns 15, 16 anos, trabalhei no salão de beleza (...). [Nessa época], **comecei a namorar.** Namorei bastante, mas meu pai era muito bravo. A gente descia pra passear, dali um pouco ele descia. Ele ia atrás (Rosângela).

A adolescência dessas mulheres mistura-se com a fase adulta não somente porque elas foram educadas para o casamento, mas também porque, para algumas delas, a responsabilidade imposta pelo trabalho também já estava presente.

Minha mãe sempre gostou de tudo em ordem. **Eu já tinha posto a mesa e estava fazendo almoço. Eu tinha uns 12 anos.** [Uma pessoa...] me adorou e (...) **apareceu pedindo se a minha mãe deixava eu trabalhar pra ela. Eu fui tomar conta de uma casa enorme.** Esses dias eu estava comentando com as minhas irmãs como a gente aguentava cuidar de uma casa grande daquelas (Ester).

Eu fui a única que não trabalhei de empregada doméstica, mas minhas irmãs todas trabalharam. E eu já, por ter sido a caçula, então fui a mais poupada. **Depois, eu aprendi ofício de cabeleireira. Tinha uns 15, 16 anos, trabalhei no salão de beleza (...). Daí pra cá só trabalhei. Trabalhei e casei.** Tive os meus dois filhos (Rosângela).

A precariedade e as dificuldades econômicas também acompanham o começo da vida de casada da maioria das entrevistadas: uma vida de contenção, de economia.

Ele trabalhava na FEPASA. Não ganhava muito. Demoramos até pra comprar o primeiro carro. Levamos uma vida assim: **fome eu nunca passei (risos), mas sempre uma vida de economia. Sempre fui uma pessoa econômica. Não fui de querer tudo que via.** Comprava se dava pra comprar. Apesar que meu pai me deu a casa, não pagava aluguel. Não pagando o aluguel já era uma grande coisa! (Gladis)

Quando casei, vim morar aqui. Não tinha nem vizinho, nem água, nem nada. Pagava carroça pra vim trazer água pra gente. O carroceiro vinha trazer água com tambor. Sabe aqueles tambores grandes de 200 litros? Aí, vinha e dava para semana. **Foi difícil nosso começo de vida.** Depois é que começaram a vir os vizinhos. **Nós batalhamos bastante. Construimos tudo com o maior sacrifício** (Sonia).

As entrevistadas fazem parte de uma geração cuja casa era reservada à mulher, como fica evidente na fala de algumas delas. A Gládis expressa o sentimento de muita dedicação em relação à família sentindo-se prejudicada por ter deixado de estudar em função do casamento. Alguns depoimentos mostram ainda a submissão dessas mulheres em relação aos maridos que não deixavam que trabalhassem.

Antigamente parece que a gente era criada pra casar, ter filhos, ser dona de casa. Eu fiz só o ginásio. Não que eu não pudesse continuar. Até meu pai falou pra mim: “Continua os estudos, faz um curso.” Mas eu já tava namorando há quatro anos. Eu não quis e acho que, por isso, também eu paguei um preço alto, **acho que foi, por isso, que eu paguei um preço alto** (choro). (Gladis).

Eu nunca trabalhei fora. Sempre fiquei dentro de casa, cuidando da casa, dos três filhos. [Meu marido] falou que não queria que eu ficasse fazendo desfile, que eu cuidasse dos filhos, que não pusesse em escolinha. Como eu não trabalhava fora, não tinha por quê. Então fiquei nessa (...) (Gladis).

Eu casei com 21 anos e, daí, eu parei de trabalhar. Meu marido nunca quis que eu trabalhasse. Mas nunca fui dessas mulheres de boa vida de levantar 10 horas, 11 horas. Até hoje eu não conheço esses horários, não. Eu [voltei] a trabalhar quando meu marido comprou esse [comércio] (Ester).

Mesmo as que buscavam alguma fonte de renda realizavam atividades relacionadas ao ambiente doméstico ou próximas dele:

[Minha mãe...] fazia as roupinhas... Vestidinho de criança. Ela numa máquina, eu na outra, à noite. E, a gente costurava, quer dizer que (risos) a minha vida era ocupada. Muito ocupada (Jane).

Então, [eu e meu marido] trabalhamos juntos... Assim: **eu lavava roupa, costurava, fazia faxina. Fiz muita faxina, costurei muito, lavei muita roupa pra fora.** Sou aposentada como costureira. Batalhamos juntos. (Sonia)

Eu [voltei] a trabalhar quando meu marido comprou esse [comércio]. (...) Era uma vida danada. **Minha rotina era dura. (...) O dia que era calmo, eu tinha um fogãozinho de duas bocas, punha no chão e levava panela de pressão [para o trabalho].** Carne de panela que demora mais pra fazer eu já ia fazendo, atendendo, fazendo, atendendo. (...) Eu trabalhei na minha vida. Minhas irmãs até hoje falam: “Eu tenho arrepio só de pensar, de eu lembrar de tudo o que você já fez na vida.” (Ester)

Algumas dessas mulheres abdicaram do lazer, como passear, viajar e dançar em função dos maridos, que não gostavam dessas atividades. Esse fato provocou frustração e tristeza em algumas delas, contribuindo ainda para que ficassem muito isoladas no ambiente familiar, se dedicando às tarefas domésticas ou ao trabalho até que os filhos estivessem crescidos. Esse pouco tempo para vida social, mesmo os mais simples, como “passear nas redondezas”, está presente na maioria dos depoimentos.

O meu marido era um gênio meio fechado, mas comigo, nossa, como ele conversava. Tudo o que passava lá no serviço, tudo no ambiente lá deles, ele me contava. **Ele era fechado, não era de sair muito, não gostava de passear, não gostava de festa. Mas vivemos muito bem.** Vinte anos eu fiquei casada. (Jane)

Você fica bitolada ali dentro de casa: você lava, passa, cozinha, cuida de criança, troca fralda, lava fralda. Assim não sobrava tempo pra nada. Ele que ia fazer compra. Eu não tinha tempo de fazer nenhum esporte. Nessa idade agora que voltei a fazer esporte. Eu falo: “Não tinha tempo nem de pegar a criança e sair pra dar uma volta, pôr a criança no carrinho e dar uma volta na redondeza.” Não lembro de ter feito isso depois que eu casei. (Gladis)

[...]. Eu adoro dançar, né? **Se meu marido gostasse de um baile, minha vida teria sido outra porque eu gosto de dançar, de festa.** Ele já não gosta dessas coisas. [...] (Ester)

Inclusive meu médico – eu me trato com homeopatia tem mais de 20 anos - falava: “Você tem lazer?”. “Eu não tenho.” “Você viaja?”, “Não viajo.” **Eu fui fazer a primeira viagem com [a família]** - a caçula já estava com seis anos e o mais velho foi um ano antes dele prestar vestibular. (...) **Viajei com os três. Só eu e as crianças e [... o marido] ficou.** Sempre foi assim: viajar, unir a família e viajar nunca, nunca (Silêncio, choro). Sinto falta (Silêncio, choro). (Gladis)

Teve uma época que minha filha começou a tocar na igreja e me convidaram pra ser catequista. Eu fiquei cinco anos no encontro de catequese. **Tinha reuniões à noite e ele não gostava. Até que ele começou a pegar no meu pé, brigar e eu acabei deixando de ir.** Porque eu tinha que sair à noite, sair sozinha de carro. (Gladis)

Algumas também tiveram experiências de violência depois de casadas, como no caso da Sonia cujo comportamento sexual agressivo do marido representou um tolhimento do prazer. Essa situação já havia sido experimentada, em parte, durante a infância pela convivência com a mãe autoritária que considerava que tudo era pecado. Para a Ester, a tentativa de suicídio do marido foi a pior experiência de sua vida. Ela já havia passado por episódio semelhante com sua mãe. Esses eventos foram muito marcantes na trajetória de vida dessas mulheres levando a um sofrimento prolongado.

Quando a gente casou, meu marido fez eu jurar, por Deus, que eu nunca ia procurar ele... (...) porque era coisa de mulher de zona. Se eu nem sabia o que era isso (risos)? Mas tive que jurar. Se a gente nunca teve é uma coisa, mas depois [que] a gente tem acaba gostando. **Se eu chegasse perto, ele rasgava as minhas camisolas, me pegava pelo pescoço, me jogava no chão.** [Eu não podia procurá-lo, só] de vez em quando, quando ele queria. Não sei como que é isso. E, também, não quero saber. Já foi, já acabou. Nossa relação foi muito difícil, foi difícil, meu Deus do céu! Meu Deus do céu!!! Sofremos demais! (Sonia).

Ficamos 17 anos com [o comércio]. Eu fechei porque ele ficou doente. **Sofreu uma depressão violentíssima (baixou o tom de voz). Ele tentou suicídio. Foi um horror. Foi a pior coisa que eu passei na minha vida.** Meu Deus! Eu fiquei tão assim, que não tem uma vez que eu saia de casa e não chegue que eu não lembre. Foi a pior coisa da minha vida! (Ester).

Algumas mulheres demonstraram, em suas falas, a falta de laços sociais que a apoiassem nos momentos de dificuldades e uma soma de situações que contribuíram para um isolamento em certo momento de suas vidas.

Depois deu alta lá na terapia. Tive o Antonio. Foi difícil. Eu me fechei muito. Quase não saía pra conversar com os vizinhos. **Não queria sair de casa. Complicou de verdade. Fui pra 130 quilos. Ficou um tempo que não queria sair de casa.** Vinham as pessoas pra trazer roupa, mas eu fechava toda a casa. **Eu não queria ver ninguém. Juntou muita coisa.** (Sonia)

Eu também tinha medo de ficar sozinha. [...]. Eu tava fazendo terapia nessa época e eu comentei lá no grupo que me deu um medo de ficar sozinha. [O meu marido] tava trabalhando. **Ele saía de manhã pra trabalhar e, quando eu acordei de manhã que eu lembrei que ele não tava (risos), aquilo me deu um medo de ficar sozinha.** Eu levantei, aprontei café, tomei café e fui fazer caminhada, de medo de ficar sozinha. (Gládis)

Para enfrentar essas adversidades, algumas dessas mulheres buscaram ajuda em um serviço de saúde mental, no qual tiveram diferentes experiências terapêuticas. Tais práticas foram fundamentais para auxiliá-las a lidar melhor com as suas dificuldades.

Eu comecei a melhorar depois que fiz terapia [...no Hospital das Clínicas]. A primeira vez foi antes do meu segundo filho nascer. Foi bom porque o Antonio¹² apareceu e eu não sabia que estava tendo o Antonio. Ele apareceu assim... **Foi muito bom aquela primeira terapia porque me ajudou a aceitar a gravidez.** (Sonia)

Ficou um tempo que não queria sair de casa. (...) Daí, fui procurar ajuda de novo. Comecei a frequentar a terapia em grupo, mas eu não falava. **Não falava tudo o que acontecia porque eu tinha vergonha de falar. Aí, entrou uma outra com o mesmo problema. Quando ela entrou estava tão aflita que começou a falar. Então eu falei também.** Aí melhorou. Fiz dois anos de terapia. A terapeuta falou: “Você melhorou. Eu vou dar alta para você. Mas antes de eu dar alta, você vai conversar com o seu marido. Não brigue, não fale alto, peça explicação.” (Sonia)

Fiz um ano de terapia [no Centro de Saúde Escola] e me ajudou muito. Daí, a psicóloga me encaminhou para o Reviver e eu fui. (...) Eu tomei antidepressivo durante um ano. Aí a médica falou: “Vamos parar?” E suspendeu. Dali seis meses voltou a depressão, mas aí eu já tava lá no grupo. Já não deu tão forte. Quando voltou a depressão eu já tava lá.. Então parece que eu já consegui.. e voltei

com remédio também. [Mas] faz uns seis meses que eu tô sem o antidepressivo e, cada vez mais, eu consigo ficar sem tomar o remédio (Gladis).

O Reviver como grupo dispositivo

O grupo (Reviver) desinibe a gente (...) A gente tira um pouco as idéias velhas da cabeça, fica um pouco com idéias mais modernas (risos). Acompanha mais o mundo. (Jane)

Parte das mulheres aqui estudadas viveu a criação do grupo Reviver no momento em que recebia alta da terapia, o qual foi pensado como alternativa de “continuidade”, como anteriormente tratado.

Quando tive alta da terapia no CSE [... as] terapeutas sentaram com a gente e falaram: “Seria bom a gente não fazer só terapia”, “seria bom ter um grupo pra conversar”. [Elas] perguntaram o que a gente achava se tivesse um outro grupo de relacionamento. Daí, convidou eu e mais outras. **Nós gostamos da idéia porque ninguém queria sair da terapia, porque era muito bom.** Tudo que a gente ouvia ali... Esclareceu tudo o que faltava. Saímos para arrumar um local. Daí, formamos o grupo (Sonia).

Para as outras mulheres, que chegaram ao grupo logo depois de sua instalação, foram outros fatores que motivaram a procurar o grupo de convivência Reviver. Para algumas, foi o sentimento de vazio deixado pela ausência de trabalho com a chegada da aposentadoria, os filhos já crescidos, o isolamento social ou os problemas de saúde física ou mental, como já anteriormente ilustrados.

E eu comecei a me sentir assim (depois que me aposentei): de repente parece que eu não tinha mais serviço (silêncio). Corri tanto na vida, batalhei tanto e, de repente, cessou. “Meu Deus, eu preciso fazer alguma coisa” (Jane).

Mas faz uns quatro, cinco anos que eu tive um problema: **tenho um tumor** (...). Então, fiquei muito ruim, (...) uma coisa horrível. (...) **[Nessa época], eu não queria [sair de casa].** Eu não tinha vontade de nada. Me sentia mal também. Tinha que ficar quieta em casa. Eu não tava legal. Depois de tempo que eu já tava assim, todo

mundo (que) já frequentava [o Reviver] (vinha falar): “Ah, vai!” (Rosângela)

Quando eu entrei no grupo eu tava com depressão... (silêncio) (choro). Ah, não sei se eu vou conseguir falar, porque já dá nervoso (choro). Eu sou muito chorona, muito emotiva. Não precisa muito, só eu falar alguma coisa parece que já vem o nó na garganta e a vontade de chorar... Então, a crise de depressão... Foi... Eu acho que foi junto com a menopausa. Foram uns problemas financeiros (choro). (...) As coisas começaram a ficar difíceis pra mim (choro), (Gladis)

(...) [meu marido] sofreu uma depressão violentíssima (baixou o tom de voz). Ele tentou suicídio. Foi um horror! Foi a pior coisa que eu passei na minha vida. Depois que aconteceu tudo isso, por infelicidade, nós perdemos bastante coisa que a gente construiu junto. A gente tomou muito prejuízo. (...) Ele também não aceitava o namoro e casamento da minha filha. No dia que ela casou, ele ficou deitado o dia inteiro. Já estava começando (a depressão)... Antes disso, meu filho novinho, a moça engravidou. A gente não estava preparada pra essas coisas: em tudo, mesmo financeiramente. A vida não é fácil. (...) Tudo isso foi acumulando. Foi sumindo o sono dele e ele não falava. (...) **Eu entrei no Reviver depois que aconteceram todas essas coisas**, depois que a minha filha veio pra cá. O Reviver começou em fevereiro de 1999 e eu entrei em junho. Foi uma amiga que convidou. (Ester)

Para aquelas mulheres que começaram a participar do Reviver algum tempo após sua criação, é constante o relato de terem sido bem-recebidas. Ali encontraram um espaço para conversarem e pessoas interessadas em ouvir o que tinham a dizer: um ambiente propício à troca.

Só de passar aquela tarde lá com as amigas, conversando... Agora que souberam que eu ia ser avó, nossa, não teve quem não perguntou da netinha. Então, é aquela coisa de ser bem recebida. **Você chega lá você e é bem recebida. Conversa... conta coisas, é tudo!** (Gladis)

O primeiro dia que eu fui tava tendo festa junina. Quando cheguei lá - já só pouco conhecida - **quando cheguei na porta já me animou porque já conhecia algumas mulheres desde que as crianças eram pequenas.** Eu sou muito comunicativa. Eu gosto de conversar, amizade. Eu adoro. Eu sempre fui assim. **Eu já comecei a me entrosar com a turma.** (Ester)

Todavia, para algumas destas mulheres viver essa nova experiência inicialmente provocou hesitação. Algumas demonstraram certa resistência em experimentar algo diferente do que estavam acostumadas, de experimentar o novo.

[Nessa época], eu não queria [sair de casa]. Eu não tinha vontade de nada. (...) Eu não tava legal. Depois de tempo que eu já tava assim, todo mundo vinha, minhas cunhadas, minha cunhadas já frequentavam [o Reviver]: “Ah, vai!” **Eu fui umas duas vezes e não gostei. Não me senti bem. Tava naquela fase, fui, sentei ali, fiquei olhando... Fui embora. Duas vezes, eu fui e voltei embora. Não me senti bem.** Depois, a terceira vez eu já fui e já [fiquei]. Aí já começaram a fazer passeios. Eu já fui nos passeios, já comecei a fazer as amizades e gostei. Pra mim foi uma maravilha, porque eu entrei numa depressão, fiquei dentro de casa, sabe? Não queria mais nada. Agora, eu tô bem. (Quando) sinto que vai me dar alguma crise eu já tomo Vertix, aí já melhora, e o Reviver pra mim tá sendo uma coisa! (Rosangela)

Assim mesmo ainda deixei. Passou o mês de fevereiro, porque lá foi fundado em fevereiro, eu dizia: “será que eu vou?” “acho que é perda de tempo, tá saindo de casa, não?” “o que eu vou fazer lá?” (...) Chegamos assim: “puxa vida, não? Como será?” Nossa, quando viram nós: “oi! Boa tarde! Entra!” Parecia que a gente já era amiga de anos. Então, daquele dia em diante, eu não perdi mais o clubinho, me senti muito bem lá. (Jane)

As atividades de lazer e culturais, como os passeios, a dança e o teatro, são muito valorizadas pelas participantes. Há referências a vários eventos, relacionados à diversão e ao prazer, em suas falas. Para algumas, eles só tiveram espaço em suas vidas depois que começaram a freqüentar o grupo.

Os passeios que eu faço são com o grupo Reviver. Depois que eu comecei a frequentar ali, nossa, pra mim foi ótimo! Foi muito bom por causa disso. (...) **“Puxa vida, uma coisa que eu não tinha, acabei tendo: que é o lazer, os passeios que a gente faz.”** Só mulher!’ Não tem a presença de homem, nada. Então, a gente se sente bem. “Como não tive isso, né?” (Gládis)

Eu gosto de tudo, viu (risos). Gosto de participar dos passeios. Só não vou quando na dá. Às vezes, tô aqui em casa e eu falo: “Ai, meu Deus, acho que eu não vou hoje no grupo.” Depois, eu falo: “Ai, meu Deus, acho que eu vou.” Às vezes, falo pra minha filha: “Acho que hoje eu não vou no grupo.” Ela diz: “Vai no grupo, mãe, faz bem pra senhora ir no grupo. Vai no grupo.” Daí eu vou. (A família) sempre gosta de perguntar o que eu fiz no grupo pra incentivar. E eu conto: **Eu gosto dos passeios, eu gosto de conversar, eu gosto de participar de tudo no grupo.** (Ester)

Um dia a C1 marcou para cantar lá no posto (CSE). Foi tão lindo! (...) Mandamos fazer umas camisetas do Reviver. Foram todas de calça preta, blusa branca. Deu aquele eco, **ficou lindo.** E nós cantamos bonito. Cantamos Maringá, Felicidade. Depois cantamos aquela música, como chama aquela música: “Eu não sou de ninguém, eu sou de todo o mundo e todo mundo me quer bem”. **Quando nós começamos a cantar aquela música, vinha enfermeira (risos) ali ver o que estava se passando.** Tinha um pessoalzinho mais jovem, às vezes, nem conhecia aquelas primeiras músicas, mas nós fizemos já os dois para equilibrar a coisa, né? (Ester).

Aí surgiu da gente apresentar a dança italiana a primeira vez no Teatro. Nossa senhora. Todo mundo ficou apavorada porque ia se apresentar no teatro. Pra nós era uma, nossa... **De fato, eu acho que foi uma coisa muito importante. Tudo o que a gente faz, que a gente gosta, então a gente sente prazer de ir.** Apesar que a gente ficou muito nervoso, a gente tinha apresentado no posto, mas no Teatro nunca. Fizemos as roupas, tudo. **Ficou muito bonito. Foi maravilhoso! Que delícia!** (Ester).

O relaxamento era tão bom, pena que acabou. Gosto muito do alongamento, das brincadeiras que a C1 e a C2¹³ inventam. No começo, a gente acha ruim, mas depois embarca nas brincadeiras. **É só risada. Quando tem passeios, lota o ônibus. Eu gosto porque é divertido...** Junto com elas. Elas gostam de sair com a gente. Foi uma coisa muito boa que elas tiveram essa idéia de fazer o grupo (Sonia).

Atividades que podem parecer aparentemente simples, como ser a secretária do grupo e escrever a ata e conseguir ler, falar e se apresentar em público ganham, para algumas delas, outra dimensão: é o sentimento de experimentar situações novas e desafiadoras, nunca antes imaginadas e que elas acreditavam não serem capazes de realizar. Com o grupo surgem ainda outras novas possibilidades de experimentação, como: os grupos de artesanato, de dança e de teatro¹⁴.

Eu era assim meio reservada, meio fechada. Agora não. Sou aberta. Mesmo nessa parte de leitura. **Imagina se eu pegava um papel e lia na frente dos outros.** Compareço, tudo, nas novenas. Às vezes, a pessoa vinha pedir pra mim a leitura, eu falava: “Ah, me desculpa!” **Agora, já leio, já pego.** (Rosângela)

O grupo desinibe a gente, porque a gente, não sei se é um pouco retraída, um pouco envergonhada de falar na frente de outro, ou de

¹³ Coordenadoras do grupo

¹⁴ O grupo de teatro é organizado pela Secretaria Municipal de Cultura

declamar uma poesia. **Imagine eu nunca tinha feito isso na minha vida! Foi com o grupo Reviver.** Eu vi isso não só em mim, mas em outras pessoas, que entraram ali tímidas, retraídas e hoje elas falam, hoje elas cantam, dançam. Então eu acho que **o clube (Reviver) ajuda muito o eu da pessoa. A gente tira um pouco as idéias velhas da cabeça, fica um pouco com idéias mais modernas** (risos). **Acompanha mais o mundo** (Jane).

E também depois fui ser artista de teatro. A C1 passou o recado. Eu pensei: “Eu acho que eu vou.” **Uma coisa pulou pra outra (risos, risos).** Há dois anos participo do grupo de teatro. Eu e [outras colegas do Reviver]. **A gente já evoluiu de novo. (...) O teatro me ajudou a me soltar mais ainda.** Uma turma de gente muito legal. A primeira vez que me apresentei me deu uma suadeira (risos, risos). Depois, já não teve mais (Sonia).

Eu também gosto muito de dançar. Adorei. Nossa, a gente acha que, às vezes, não vai ter certas capacidades de fazer alguma coisa. A primeira vez eu fiquei até doente que me puseram a ajudar no teatro. A fazer um teatro lá no posto (Centro de Saúde Escola). Eu fiquei uns três dias antes num nervoso! “Meu Deus do céu, vou ter de ir ao posto me apresentar. Nem de criança eu nunca fiz isso. Ai meu Deus.” A minha irmã mais nova estudou mais, é mais expansiva. Mais assim, sabe. “Nós vamos, sim”, ela disse. Eu era avó dela no teatro. Passei um aperto com ela porque era uma neta rebelde (risos). **Lindo, foi muito bonito. Me comoveu** (Ester).

De formas diferentes, o grupo contribuiu para despertar nessas mulheres seu potencial criativo e inovador de romper com uma situação tolhedora no seu dia-a-dia. Desde o incentivo para organizar um livro de poesia e a satisfação de ver o seu trabalho valorizado pelas outras colegas até a experiência de se sentir útil para o grupo. Há ainda, na fala da Gládis, uma síntese do que ocorre com algumas dessas mulheres: quarta-feira é um dia especial, quando conseguem reservar um dia para elas mesmas.

Eu escrevia em caderno, deixava lá. Depois de tempo, eu fui achando aquelas coisas que eu escrevia, nem sei quanto tempo fazia. Eu juntei tudo e fiz um livrinho. Montei um livro pra mim. **Quem me deu a idéia pra fazer o livro foi a C2 do Reviver¹⁵.** Um dia eu falei pra ela que eu tinha vontade de formar um livro, que eu tinha bastante mensagens escritas. Ela falou pra turma: **“Olha, nós vamos ter aqui uma tarde de autógrafos. A Jane vai trazer livros pra autografar aqui.** Cada uma traz um pratinho. **Nós vamos fazer uma festa.”** (...) Tive que mandar fazer os livros assim, meio

¹⁵ Uma das coordenadoras

urgente. Para conseguir dinheiro, eu fiz coxinha pra fora. (...) Então, eu ligava: “Fulana, eu vou fazer coxinha, você quer ficar com um pouco?” “Ah, fico! mande uma dúzia pra mim, mande duas dúzias pra mim”. Então, naquele dia, eu fazia, oito, nove dúzias de coxinha, distribuía, recebia. E, foi assim que eu fiz esse livro (risos). **Foi difícil, mas foi uma brincadeira muito boa pra mim. (...) eu topei a brincadeira e deu certo.**

Levei os livros lá, autografei para as amigas. **Foi uma coisa tão bonita, mas tão gratificante!** Eu pensava: “Ai, meu Deus, será que o que eu escrevi vão ler?” E leram, gostaram. Teve uma professora que ia lá ensinar um pouco de dança pra nós. Ela até fez um jogralzinho tirado de uma mensagem minha. **Então, foi uma coisa assim, bonita, gostosa (Jane).**

Tudo eu que faço [no Reviver]: as máscaras, as fantasias. Eu gosto dos enfeites. As festas de fim de ano a gente faz sempre na Água Nova. [Eu faço] pratos de flores [com] legumes. A turma fica doida. Até eu dei aula aí no grupo, que elas ficaram loucas quando viram as coisas que eu faço: “Ah, você vai ensinar, você vai ensinar”. Aí ensinei, uns dois dias, três, ensinei. Faço enfeite de flores, rosas de doces. **Eu gosto demais dessas coisas. No Natal, [no Reviver], eu que me visto de Papai Noel.** Entrego os presentes, tudo. Na festinha que teve lá no salão da faculdade, a C2 pediu: “Faz uma lembrancinha”, porque **era aniversário do clube¹⁶. Daí, eu inventei uma lembrancinha, uns docinhos.** A música fui eu que fiz¹⁷. Dia dos Pais, Dia das Mães, Dia dos Idosos, **sempre procuro levar [alguma coisa], sempre!** (Rosangela)

Aqui em casa eu falo assim: “**Eu reservei a quarta-feira pra mim.**” De manhã, eu vou na hidroginástica e, à tarde, eu vou no Reviver. **Nesse dia, eu faço o mínimo aqui em casa.** Então, eu falo que de semana eu cuido do corpo e de domingo eu vou cuidar da alma (risos). De quarta e sexta, eu faço hidroginástica e nos outros dias eu alterno com caminhada.

Quando ele tava ainda trabalhando, eu arrumava uma parte da cozinha. Ele chegava a uma e meia pra almoçar. Eu falava: “Oh, tô saindo lá pro Reviver.” Metade da cozinha eu arrumava e metade sem arrumar, mas eu ia. (Gladis)

A fala da Jane expressa o pensamento de uma época em que o lar era reservado à mulher, como já mostrado anteriormente. Entretanto, o Reviver contribuiu para uma mudança no próprio olhar sobre o papel da mulher na sociedade.

Eu tinha aquela mania antiga de que lugar de mulher era dentro de casa, você entende? Tanto é que eu pensei pra ir. Falei: “Ai meu Deus, perder tempo atrás de clubinho?” “Isso aí não dá nada.” “Isso aí é pra quem não quer fazer nada. Se eu ficar aqui, se eu

¹⁶ Aniversário de 10 anos do Reviver

¹⁷ O hino do Reviver

ler um livro, ou se eu fizer um bordado ou alguma coisa acho que eu lucro mais.” **A minha opinião era essa, que era perder tempo, que era bobagem.** Daí, fui e eu convivi com pessoas maravilhosas. **Tirou esse, esse recalque que eu tinha, que lugar de mulher é dentro de casa.** Que é isso? **Nós estamos aqui pra viver, pra compartilhar a vida, pra conversar uma com a outra,** não é verdade? Daí que eu fiquei vendo que eu estava bem errada de pensar assim. **A gente tem mesmo que freqüentar um lugar assim, ter amigas, bater papo.** Às vezes, até uma mágoa que você conta aquilo sai, desaparece. Então, **é um clube que ambienta a gente. Tira você da sua frustração, do seu recalque** (Jane).

Para algumas delas, além de experimentar algo totalmente novo, há também o sentimento de superação de períodos difíceis. A sensação de se sentir capaz de produzir algo diferente, rompendo com um passado de sofrimento e se sentindo vitoriosa por isso.

É incrível, mas a gente pensa que não consegue, mas a gente consegue. É uma coisa interessante de ficar pensando. Ela entrega o texto e a gente tem de decorar. A gente fica naquela aflição, mas chega na hora fala tudo o que tem de falar (risos, risos). **É uma coisa... É uma magia! Olha quantas coisas realizei na minha vida. Embora umas coisas tristes, mas outras maravilhosas.** (Sonia)

Pra mim, eu adoro o Reviver. Levei as minhas duas irmãs e outras amigas para o grupo também. **Lá nós fizemos umas coisas que nunca na minha vida** - com todas as barras, essas coisas todas, essas dificuldades - **eu pensei em fazer. Parece que isso faz bem pra gente.** (Ester)

Apesar de as participantes realizarem atividades que trazem satisfação, fica claro que, para algumas delas, o fato de estar junto é algo muito significativo. Não é só o fazer, mas o encontro que o grupo propicia. O Reviver é o único espaço em que podem experimentar este novo. Mesmo que, para a Sonia, sejam as mesmas atividades, não é isso que importa, mas, sim, se reunir na quarta-feira. Para a Rosangela, o grupo traz algo que a entrevistada deixou de fazer depois que os filhos cresceram. Reavivou o seu espírito mais juvenil e brincalhão.

O relaxamento era tão bom, pena que acabou. Gosto muito do alongamento, das brincadeiras que as [... terapeutas]¹⁸ inventam. No começo, a gente acha ruim, mas depois embarca nas brincadeiras. É só risada. Quando tem passeios, lota o ônibus. Eu gosto porque é divertido... Junto com elas. Elas gostam de sair com a gente. Foi uma coisa muito boa que elas tiveram essa idéia de fazer o grupo. **Sempre as mesmas coisas, mas eu não me importo. O importante é que a gente se reúne de quarta-feira lá.** (Sonia)

Então, saiu uma turma pra fazer artesanato. Ainda assim ficou bastante no grupo de quarta. Aí a gente vai de quarta e vai de sexta (risos, risos). **Eu vou nos dois**, mas no do artesanato eu não faço nenhuma atividade lá. Eu deixo para fazer em casa porque **lá em vou pra conversar: faço café, arrumo a mesa, lavo as coisas. Eu gosto de estar junto.** Umas pessoas evoluíram bastante. Cada uma foi fazer uma coisa. E outras não. Ficaram ali só. (Sonia)

Sempre fui muito moleca com os meninos. A gente ia pros ranchos lá no Rio Bonito. Eu sofria que nem um cachorro, porque dormir naqueles ranchos, com ratos, com raposa que tinha, eu me enrolava assim no lençol, e ficava a noite inteira enroladinha, mas por causa de estar junto com meus filhos, tinha medo que judiassem deles. Nunca deixei meus filhos sem ninguém. Eu nunca deixei sozinho que nem meu pai. Isso foram muitos anos que a gente fez essa vida. Até eles ficarem mesmo homens, comecem a namorar. Agora a gente tem que sossegar um pouco, mas **graças a Deus tem o Reviver. Agora, eu só tenho o Reviver**, que eu vou, que eu gosto demais de ir. **Eu gosto daquela reunião. Eu adoro aquela união com o outro, aquela bagunça.** Uma fala: “Eu tô com isso. Eu tô com doença. A outra: “Não sei o quê”... Aquilo ali pra mim! **Eu passo a tarde que é uma delícia.** (Rosângela)

Eu tenho medo, aí meu Deus do céu, de um dia ficar parada e não poder fazer nada. Se for chegar uma hora dessa aí vai ser duro pra mim. Que eu fico contando os dias pra chegar quarta-feira. Que nem amanhã a gente vai passear. Já não gosto muito. Vou, mas não gosto muito. **Eu gosto da reunião dali. Ali que a gente se abraça porque** [nos passeios] a gente não tem tanto aquele contato. **Pena que é só quarta-feira. Se fosse todo dia, eu ia todo dia.** Gostaria até que fosse mais, **porque é muito gostoso.** (Rosângela)

Percebe-se ainda **solidariedade** entre as participantes que buscam se ajudar nas dificuldades. Assim, para aquelas que enfrentam limitações impostas por problemas físicos que dificultam a locomoção até o grupo, ela conta com a cooperação de outras mulheres que viabilizam esse acesso. Em outra situação, a Rosângela também encontrou apoio nas colegas que a animaram em relação à separação do filho.

¹⁸ Coordenadoras do grupo

Meu problema mesmo é só a artrose do joelho e do pé que me atrapalha um pouco. Eu vou ao grupo porque é durante o dia. Daí, eu não tenho medo. Se fosse à noite, eu já não iria, porque eu já teria medo de andar sozinha, de cair. O dia que minha perna tá mais dolorida, que eu acho que eu vou forçar muito eu não vou, né? Lá um dia ou outro, tá assim. **Mas sempre também tem uma amiga ou outra que se prontifica, leva a gente** (risos). Várias vezes, a Paula já me levou. Algumas de lá já me trouxeram pra casa várias vezes. **Então a gente, a gente consegue.** Agora tô numa fase ótima e posso andar tranquilamente. (Jane)

Até o ano passado que eu estava nesse estado, eu andei indo no Reviver. **Eu ia mesmo pra mim poder parece que sair um pouco de casa.** Nunca deixei de ir. Todo mundo percebia como que eu tava, mas ninguém sabia o que tava dentro de mim. **Uma perguntava pra outra: “Mas o que está acontecendo com a Rosângela? Nossa, o que é que está acontecendo?”** Quantas vezes eu quis ler alguma coisa e eu não conseguia. Começava a chorar. Daí a N. me chamou: “Rosângela, o que é que está acontecendo? Fala. O que foi?” Daí, eu falei. “Mas fazer o que é? É assim mesmo”, ela disse. Depois, todo mundo já sabia. Uma já conta pra outra. **Vinha uma: “Ah, eu sei o que você tá passando...” “ah, larga mão.”** Aí, foi passando, graças a Deus agora já tá [melhor], mas é duro (silêncio)! Essa foi, foi demais, demais, demais. (Rosângela)

Em muitas falas, percebe-se a construção de vínculos entre as participantes, que se telefonam quando uma delas falta ao grupo, que se abraçam quando se



encontram na rua, que identificam a outra como amiga. Há ainda a valorização dessas relações que começaram com o Reviver e que são, por meio dele, realimentadas. Pessoas que eram apenas conhecidas e se tornaram amigas depois que passaram a frequentar o Reviver. Percebe-se também o sentimento de família, de “amizade verdadeira”:

Tem gente que entrou [no Reviver] há pouco tempo e a gente já é amiga. **Pessoas que nunca tinha visto na minha vida, são minhas amigas hoje, dali, dali de dentro.** Quero ver se eu não paro, não, enquanto eu puder, eu vou com a minha bengalinha, mas vou (risos). (Jane)

Às vezes a gente fica uma temporada sem poder aparecer assim constantemente. Elas perguntam: “O que tá acontecendo? por que você não tem ido?” Às vezes, um médico nesse dia, ou é algum outro problema que não dá. Eu não gosto de perder por isso, mas, nossa, **a turma de lá é muito amiga, encontra a gente na rua, a gente se abraça.** Eu acho que a amizade é uma coisa maravilhosa. (Jane)

Gosto de ficar em casa, de ficar sossegada aqui, mas quando é dia do Reviver, eu vou. É muito bom estar lá. Todas elas gostam, lota de mulhereda, mas agora não falam mais que é de doença mental (risos, risos). Aprenderam que não é. **Não é uma amizade traiçoeira, são amigos de verdade, sabia? É bom tá junto com todo mundo.** É só risada. Se não, a gente fica muito só. Quando tinha minha mãe, a gente se juntava muito na casa da minha mãe. Depois, faleceu todo o mundo e os irmãos se esparramaram um pouco. **Dáí, se junta na quarta-feira e pronto. É muito bom.** (Sonia)

Quando não vou, ligam para saber o que aconteceu. Quando a gente falta, acha falta delas. Ficam telefonando, perguntando o que aconteceu. A gente tem todos os telefones. Uma liga pra outra. Se falta, ligam já: “Essa semana você tem que vir. É para fazer café. O teu é o melhor café.” Tem pessoas lá que falavam: “Sonia, eu pensava que você era orgulhosa...” porque eu não conversava com as pessoas¹⁹. E todas elas me querem bem e eu a elas. **“Vocês são a minha família, segunda família.”** (Sonia)

O Reviver para mim, nossa, foi uma maravilha. Foi muito bom, adorei, nossa, umas pessoas muito boas que têm lá. **Olha 10 anos que a gente tá lá, não tem inimizade com ninguém, não tem um disque-disque de nada.** Tudo a gente concorda. É uma maravilha. E outra: muita coisa que eu gosto aprendi a fazer lá (Ester).

[Eu e a Rosa²⁰ nos aproximamos muito depois do Reviver]. **Quero muito bem a Rosa.** Ela é uma pessoa muito sincera. O que ela pode fazer por você ela faz. Eu me dou muito bem com o gênio dela (...). Tem hora que ela fala que eu sou um pouco mãe dela e um pouco irmã. Eu sou amiga, mãe e irmã dela, ela fala. **Se ela precisar de um conselho ela pede pra mim:** “Eu não peço pras minhas filhas é pra você que eu peço.” **Se ela quer desabafar alguma coisa, ela desabafa comigo.** Então, a gente ficou assim muito íntima. A gente se liga todos os dias, todos os dias (Jane).

Também há a preocupação em ficar sem o grupo. Esse sentimento, para algumas mulheres, é motivado por problemas de saúde que possam dificultar o acesso ao Reviver. Para Sonia, há certa insegurança de que o grupo perca o espaço

¹⁹ Refere-se ao período anterior ao Reviver, quando era uma pessoa mais fechada

²⁰ Participante do grupo

onde realiza as reuniões. Também há o sentimento de que é necessário fazer algo para que isso não ocorra.

Todo o ano a gente fica naquela preocupação: “E agora?” Se [a gente] poderá usar aquele espaço ali. **Não podemos ficar sem o grupo. Temos de batalhar por ele.** Então, o seu Gustavo²¹ diz: “Vocês ficam sossegadas, mais um ano vocês ficam sossegadas.” Daí, estamos combinados. Se não, tem que sair pra procurar outro lugar. “Então mais um ano, que tá todo mundo sossegada.” (Sonia)

Eu tenho medo, aí meu Deus do céu, de um dia ficar parada e não poder fazer nada. Se for chegar uma hora dessa aí vai ser duro pra mim. **Que eu fico contando os dias pra chegar quarta-feira.** (...) Pena que é só quarta-feira. Se fosse todo dia, eu ia todo dia. Gostaria até que fosse mais, porque é muito gostoso. (Rosângela)

Quero ver se eu não paro, não, enquanto eu puder, eu vou com a minha bengalinha, mas vou (risos). É, eu penso, eu penso. Por enquanto eu vou devagarzinho, pego a bengala, porque a bengala pra mim é como se fosse um braço e eu me apoiando nela. Então eu vou com a minha bengalinha, **eu penso enquanto eu puder andar, tudo, eu venho no Reviver.** Agora, o dia que eu não conseguir, se acontecer, tomara que não aconteça tão já, que eu não quero que aconteça, mas se acontecer daí a gente tem que parar. **Mas eu acho que se um dia eu parar e falar que eu não vou mais, eu vou sentir, daí eu vou sentir angústia.** Nesse dia eu vou sentir angústia e tristeza, porque eu gosto muito dali **(Silêncio).** Ah não, eu tô me sentindo tão bem. Vamos tocar pra frente. Tô me sentindo muito bem, não tô numa fase, assim, de parar não! Que é isso? (Jane)

²¹ Nome fictício. Presidente da Associação dos Ferroviários Aposentados, que cedeu uma sala para que acontecessem as reuniões do Reviver

Discussão

Vou lançar a teoria do poeta sórdido.
Poeta sórdido:
Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.
Vai um sujeito.
Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco muito bem engomada, e
na primeira esquina passa um caminhão, salpica-lhe
o paletó ou a calça de uma nódoa de lama:
É a vida (...).
Nova Poética, Manuel Bandeira

Por mais que eu tivesse interesse nas histórias dessas mulheres e suas vivências no Reviver, algumas entrevistas enveredaram por outros caminhos, pegaram trilhas, nem sempre focadas apenas em experiências próprias. Foi possível perceber que para essas mulheres não era possível falar apenas em primeira pessoa sem se referir a histórias de outras pessoas que constantemente vinham “parar” no meio do relato. Mesmo parecendo, em um primeiro momento, uma fuga ou desvio da entrevista, depois, na leitura atenta dos textos, foi possível chegar a outra constatação. Essas mulheres falavam sobre suas vidas referindo-se a relações e, para isso, incluíam histórias de vida de outros familiares nas suas próprias histórias, assim como pôde constatar Thompson ao abordar esse tema (Thompson, 2002).

Para Caldeira (1984), isso ocorre porque as mulheres (de classes populares) estão muito centradas no mundo privado e constroem sua identidade a partir do papel que desempenham na família. O que as falas das entrevistas expressam, portanto, vai além das experiências pessoais, mas representam “a vida de um certo grupo social, de uma determinada sociedade, em um tempo específico, em um certo lugar” (Caldeira, 1984, 144).

Em algumas falas, elas deixam claro qual é o seu papel na sociedade e o que é ser mulher nesse contexto: reserva-se a elas o ambiente doméstico, os afazeres da casa, o cuidado dos filhos. Segundo Fuks (2002), durante quatro séculos, no Brasil, o mundo

privado destinava-se às mulheres e o público aos homens que detinham o poder sobre os bens, a família e a mulher. Para Monteiro e Souza (2007), o casamento na sociedade brasileira passou a ser considerado, historicamente, como um meio de garantir a saúde dos filhos e a identidade feminina centrada na reprodução.

Mesmo que, nas últimas décadas, com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, de forma mais expressiva, haja mudanças neste processo, para o grupo de mulheres, sujeitos deste estudo, tais transformações não foram tão expressivas.

São mulheres que experimentaram a responsabilidade desde jovens ao terem de trabalhar para ajudar financeiramente a família. O fato de começarem a trabalhar cedo é, segundo Scott (2001), uma forma de antecipar os ciclos da vida, passando já por experiências que constituem o cotidiano do mundo adulto.

Também começaram a namorar cedo e experimentaram a vivência com pais autoritários e maridos que viriam a desempenhar essa mesma função. Muitos não permitiam que elas tivessem vida social (“Não queria que eu fizesse desfile²²”), interferindo no jeito de vestir (“não podia usar calças compridas”) e até no modo de ser contribuindo para que algumas abdicassem de atividades que gostavam, como sair para passear, dançar, se divertir. Em relação à vida profissional, houve, para algumas delas, uma mudança quando passaram do status de solteira para o de casada. Alguns maridos não queriam que as esposas trabalhassem, prevalecendo uma relação de poder e submissão. Esse jeito tolhedor que esteve presente em alguns desses relacionamentos conjugais repercutiu de forma significativa na vida dessas mulheres.

Ao olhar para as histórias das entrevistadas, é possível perceber o quanto o fato de estarem presas nesse papel imposto socialmente, ser mulher, e viver de acordo com padrões que pautam a conduta feminina contribuíram para limitar a autonomia sobre suas escolhas. Na maioria das vezes, houve uma privação de experiências que poderiam levar a situações

²² Ficar saindo, passeando

novas, que poderiam proporcionar novos acontecimentos em suas vidas, como o divertimento e o prazer. Isso ocorre porque esse modo de subjetivação predominante, que pode ser entendido como um “processo de constituição da subjetividade que tanto pode construir objeto, quanto modos de existência” (Barros, 2009, p.45), é fabricado e modelado no registro social (Guattari e Rolnik, 2005).

Algumas ainda foram marcadas por situações de violência de forma direta ou vivenciando tal situação com um familiar. A violência contra a mulher é um problema de saúde pública que está presente em todo o mundo e representa uma violação dos direitos humanos impedindo a igualdade de gêneros (ONU, 2006). Para Caldas e Gessolo (2008, p. 163), é fruto de um “machismo que predomina na sociedade com um domínio do masculino sobre o feminino em uma relação de poder entre os homens e as mulheres no mundo cotidiano”. É possível perceber ainda na fala de algumas entrevistadas o quanto tais experiências foram negativas em suas trajetórias de vida levando ao sofrimento. Segundo Krug et al (2002), a violência por parceiro íntimo pode ter um grande impacto na saúde das mulheres que vivenciam tal experiência e tem sido associada a uma série de problemas de saúde, tanto imediatos como de longo prazo. Além da dimensão individual, pode também acarretar repercussões psicossociais, econômicas e políticas no plano familiar e social (Grossi et al., 2008).

Na fala de uma delas, há a referência ao fato de que antes, quando era criança e via o pai bater na mãe, não havia recursos, ou seja, a mulher não tinha amparo legal que a protegesse contra a violência. Segundo Lima et al. (2008, p. 6), essa “recente percepção e consciência é consequência do trabalho dos movimentos de mulheres e feministas que contribuíram para remover a pesada e empoeirada manta que mantinha em sigilo a dor e o medo de gerações de mulheres e famílias.” A implantação das delegacias de mulheres, na década de 80, e a Lei Maria da Penha, de 2006, são avanços no combate à violência

contra as mulheres (Grossi et al., 2008), apesar de estar ainda presente em muitos lares brasileiros.

Algumas dessas situações citadas acabaram contribuindo para que algumas dessas mulheres se sentissem incapazes de enfrentar tais problemas e, assim, fragilizando-as e produzindo um sofrimento psíquico. A tendência é que fossem buscar apoio de um amigo, ou familiar. Mas, nas falas, é possível perceber certa escassez de uma rede de relações sociais capaz de servir como suporte nesse momento. As entrevistadas percorreram caminhos diferentes na tentativa de resolver seus problemas e tiveram experiências diversas em relação ao processo de saúde-doença-cuidado. A opção para algumas delas foi procurar um serviço de saúde mental.

A terapia foi fundamental para auxiliar essas mulheres a lidar melhor com suas dificuldades. Para aquelas que puderam participar de uma terapia em grupo lhes foi possível obter alguns benefícios. Segundo Bechelli e Santos (2002, p.384), “estudos controlados e com metodologia criteriosa indicam que a psicoterapia de grupo é eficaz. E, além disso, é tão eficaz quanto à psicoterapia individual.” Com o grupo, essas mulheres puderam experimentar a possibilidade de troca, de não se sentirem sozinhas em sua dor e de perceber que determinado problema não era algo apenas da esfera individual, mas também ocorria com outras pessoas.

Esse é o caminho que elas trilharam até chegar ao Reviver. Algumas tiveram certa resistência, certa desconfiança do que iriam encontrar, uma hesitação frente a uma situação que se mostrava completamente diferente nas primeiras vezes que foram ao grupo. Mas o que se pôde constatar tanto durante a observação participante quanto durante as entrevistas foi uma transformação na vida dessas mulheres depois que começaram a frequentar o grupo.

Isso pode ter ocorrido porque o grupo operou como um dispositivo, como uma “máquina capaz de fazer ver e de fazer falar” que pode “acionar um processo de

decomposição, produzir novos acontecimentos, acentuando a polivocidade²³ dos componentes de subjetivação” (Barros, 1995, p.151).

Esse processo maquínico alavanca outros modos de subjetivação. Ao fazer funcioná-los, o grupo rompe com formas endurecidas de ser e viver, mulheres silenciadas, caladas, homogeneizadas. No grupo, elas puderam experimentar outras formas de subjetividade que contribuíram para “desmanchar territórios cristalizados” (Barros, 2009, p. 29).

Estamos utilizando o conceito de Guatarri em que o território (Guatarri e Rolnik, 2005. p, 323):

Pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.

O que esses novos modos de subjetivação podem ter provocado nessas



mulheres? Provocaram criação, ousadia e devires. Para Barros (2009, p.208), o devir não “é julgado pelo resultado final, mas pela qualidade de seu curso e pela potência de sua continuação”. Isso ocorre porque quando há outras formas de subjetivação o que está em jogo é processualidade.

O Reviver pode ser caracterizado como um espaço em que essas mulheres desenvolveram a criatividade. Experimentaram situações novas e desafiadoras que não haviam anteriormente pensado ser possível transformar-se em realidade: ser artista de teatro, dançar, publicar um livro,

²³Uma potência incapturável, ilegível aos códigos tradicionais. Uma pluralidade de sentidos, vozes, formas de expressão, em fuga. GUATTARI, Félix. Revolução molecular. Pulsões políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

passar com amigas, resgatar a alegria e o prazer de viver com o outro. Não serem apenas expectadoras, mas, sim, subirem ao palco e serem protagonistas de suas próprias vidas. Ao analisar as entrevistas, é possível perceber a mudança de postura durante a narrativa quando elas se referem ao Reviver. O prazer e o riso estão muito presentes quando estão contando as experiências vivenciadas no grupo. Segundo Brito Mota (1999), apud Scott (2001), que analisou quatro grupos de convivência, eles contribuem para a sociabilidade, lazer, informação e resgatam o próprio prazer de viver. Para Lima (2000),

O grupo se torna ainda mais importante para que as pessoas se sintam prestigiadas e qualificadas e, principalmente, tratadas para viver uma velhice mais feliz. Os momentos de integração proporcionados promovem o encontro com novas amizades, novos costumes, novos exemplos, novos interesses e a aceitação das diferenças pessoais e das constantes mudanças da época atual (Lima, 2000, p. 113).

Experiências como falar em público que talvez para outras pessoas, em outro contexto, não tivessem essa dimensão de experimentar o novo, como ocorre com parte das mulheres que frequenta o grupo. Pessoas que foram, em muitos momentos de suas vidas tão coibidas em suas capacidades, que o grupo proporcionou a possibilidade de potencializá-las.

Para algumas ainda, o Reviver provocou pequenas revoluções em seus cotidianos: no momento em que disseram pra si e para a família que a quarta-feira à tarde era um momento delas. Era o momento de “deixar a louça em cima da pia” e sair para ir ao grupo. Para essas mulheres, que foram educadas em um ambiente muito centrado nos afazeres domésticos, essa postura representa uma pequena revolução, um romper com o constituído.

Segundo Barros (1997, p. 102) no trabalho grupal, as conexões estabelecidas não ocorrem somente entre pessoas diferentes, mas também entre modos de existencialização diferentes. O dispositivo grupal então poderia “disparar movimentos

inesperados” porque as pessoas estão frente ao desconhecido – não só enquanto experiência, como também enquanto modo de experimentar que passa a percorrer as superfícies dos encontros.”

É possível perceber esses movimentos inesperados nas experiências relatadas pelas mulheres, como no caso da entrevistada que se sente muito capaz e útil porque consegue escrever a ata durante reunião do Reviver. Tal situação pode ser entendida por duas dimensões que, como diz Guatarri (apud Barros, 2009), não param de se atravessar: uma configuração molar (que aprende os objetos em seu estado constituído), que opera em uma segmentariedade dura: uma ata, com todas as suas formalidades. Mas para a Gladis, o ato de escrever aciona uma linha de fuga, opera em um plano molecular, de produção, de se sentir capaz de realizar essa tarefa e a satisfação que isso traz. O primeiro plano “codifica e generaliza e o segundo cria e comporta variações” e é nesse embate que é possível produzir singularizações (Barros, 1995, p.102).

Dessa forma, no plano molecular, operam modos de subjetivação originais e singulares, processos de singularização, que podem:

Rechaçar todos os modos de codificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de controle a distância, rechaçá-los para construir modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular (Guattari e Rolnik, 2005, p. 29).

Para Guatarri (2005), para que realmente ocorram processos de reapropiação de subjetividades,

Tais como um grupo de pessoas que queriam organizar suas vidas de outro modo (...) ou de um grupo de mulheres que, mesmo em pequena escala, queiram libertar-se do sistema opressivo de que são objeto desde há milênios (...) devem criar seus próprios modos de referência, suas próprias cartografias, devem inventar sua práxis de maneira que produzam aberturas no sistema de subjetividade dominante ((Guattari e Rolnik, 2005, p.67).

Essas aberturas podem ocorrer à medida que o Reviver atua enquanto produtor de desejo. O conceito utilizado por Guattari difere da concepção psicanalista sobre o tema. Freud concebeu a sexualidade no campo do desejo, que seria “fundador do inconsciente e do sujeito” (Birman, 1999, p.31). Guattari faz uma crítica a essa concepção para quem o desejo não é um assunto secreto ou vergonhoso, “como pretendem a psicologia e a moral dominantes” (Guatarri e Rolnik, 1986, p. 255), pois atravessa o campo social e produz objetos e os modos de subjetivação que os correspondem. O autor denomina desejo [como] “todas as formas de vontade de viver, de criar, de amar, vontade de inventar outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores” (Guatarri e Rolnik, 1986, p. 255).

O desejo, entendido como potência de vida, possibilitou às mulheres do Reviver romper com uma história de submissão à casa e à família, descrystalizando papéis impostos socialmente. Tal constatação vai ao encontro do trabalho realizado por Ramão et al. (2005) com mulheres em situação de violência de gênero. Os autores observaram que a violência paralisava o movimento do desejo, contribuindo para que essas mulheres ficassem territorializadas nos papéis de mãe, esposa e cuidadora. Para romper com tal situação, os autores utilizaram oficinas, por meio do relato de histórias de vida e dramatização, que possibilitaram a constituição de novos territórios e devires na vida dessas mulheres.

Considerações finais

Ao desenvolver este trabalho, houve momentos em que não conseguia exatamente apreender o grupo Reviver na sua totalidade. Algumas coisas me escapavam. Queria enquadrá-lo, no sentido de rotulá-lo e encontrar uma teoria que desse conta de compreendê-lo de forma mais adequada a fim de ajudar nas análises. Essa dificuldade, digamos assim, deve-se ao fato de o grupo ser bastante heterogêneo, o que contribuiu pra que muitas coisas fugissem inicialmente do meu entendimento.

Somente depois passei a entender que o que me angustiava enquanto pesquisadora estava exatamente no que o Reviver tem de mais peculiar. Somente depois com as teorias que sustentam este trabalho foi possível entender o quanto o fato de ser heterogêneo faz parte da composição do grupo e o potencializa de forma tão enriquecedora.

E é esse caráter não homogeneizado que possibilita abrir brechas, produzir pequenas rupturas nos modos de subjetivação dominantes. Dessa forma, o grupo atua como um dispositivo, capaz de provocar nessas mulheres seu potencial criativo, uma postura de mais ousadia em relação as suas próprias vidas, de romper com uma situação estabelecida.

O recorte etnográfico utilizado, mediante o reconhecimento das histórias de vida, permitiu se aproximar do universo destas mulheres e perceber a relevância que o grupo teve em suas vidas ao ocasionar uma pequena revolução em seu cotidiano ao produzir necessidades novas, como a de experimentar o teatro, viagens, encontros com amigas etc. Mesmo trabalhando com as histórias individuais, havia a intenção de caracterizar o universo dessas mulheres e marcar, como os dados nos apontavam, como eram suas vidas antes de ingressar no grupo e quais as mudanças, os devires, que ocorreram depois que começaram a frequentar o Reviver e o quanto conseguiu fazer brotar novos acontecimentos em suas vidas.

Mas um grupo não é algo dado, acabado, mas está sempre em processo de construção, o que não garante que em todos os momentos o grupo tenha operado como um “grupo sujeito”, no sentido proposto por Guattari. Ainda é possível constatar certa dependência do Reviver em relação às coordenadoras e também ao próprio Centro de Saúde Escola que dá suporte ao grupo mantendo os profissionais ali. Para Guattari, o grupo sujeitado e grupo sujeito não são mutuamente exclusivos, o que significa que qualquer grupo poderia oscilar entre esses dois pólos (Barros, 2009). Essa é a situação do Reviver, em alguns momentos muito fortemente atuando como um grupo sujeito, mas, em alguns aspectos, também mantém características de um grupo sujeitado.

Ao olhar para a história do grupo, percebe-se ainda que, considerando os objetivos iniciais de suas formuladoras, o Reviver alcançou resultados não esperados inicialmente, ultrapassando em certo sentido os objetivos estabelecidos.

Referências bibliográficas

- ABDALA, K. M.; COLENCI, R.; MORENO, V. Conhecendo o processo de implantação da saúde mental no Centro de Saúde Mental: a visão dos profissionais. **Enfermagem Atual**, v. 18, p. 22-26, 2003.
- ANDALÓ, C. **Mediação grupal**: uma leitura histórico-cultural. São Paulo: Ágora, 2006.
- BARROS, R. B. de. Dispositivos em ação: o grupo. In: LANCETTI, A. (org.). **Saúde e loucura** 6. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 97-106.
- BARROS, R. B. de. Grupo e produção. In: LANCETTI, A. (org.). **Saúde e loucura** 4. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 149-154.
- BARROS, R. B. de. **Grupo**: formação de um simulacro. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2009.
- BECHELLI, L. P. DE C.; SANTOS, M.A. dos. Psicoterapia de grupo e considerações sobre o paciente como agente da própria mudança. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 10, n.3, p. 383-91, 2002.
- BERTAUX, D. L'approche biographique: sa valité méthodologique, ses potentialités. **Cahiersint social**, v. 69, p.197-225, 1980.
- BIRMAN, J. **Cartografias do desejo**. São Paulo: editora 34, 1999.
- BODGAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Ed., 1991.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: memória de velhos. São Paulo: T.A. Editor, 2009.
- CALDAS, J.M.P.; GESSOLO, K.M. Violencia de género: nuevas realidades y nuevos retos. **Saúde Soc.**, v.17, n.3, p.161-170, 2008.
- CALDEIRA, T.P. do R. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARVALHO, M.A. de. Atividades grupais para o autoconhecimento e a socialização. Unifac - Monografia de conclusão de curso Serviço social), 2002.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo. In: O mistério de Ariana. Ed. Veja – Passagens, Lisboa, 1996. Disponível em:
<http://www.prppg.ufes.br/ppgpsi/files/textos/Deleuze%20O%20que%20%C3%A9%20um%20dispositivo.pdf> . Acesso em 05/04/2010.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y.S. **Handbook of qualitative research**. 2nd ed. Thousand Oaks: Sage Pub., 2000.

FORTES, P.A.C.; ZOBOLI, E.L.C.P. Bioética e promoção da saúde. In: Lefèvre F, Cavalcanti AMC. Promoção de saúde: a negação da negação. Rio de Janeiro: Vieira & Lent; 2004. p.147-63.

FUKS, L.B. Diferentes momentos da evolução feminina. In: GURFINKEL, A.C.; BREYTON, D. M. (orgs). **Figuras clínicas do Feminino no mal-estar contemporâneo**. São Paulo: Estuça, 2002. p. 105-114.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GROSSI, P.K.; TAVARES, F.A.; OLIVEIRA, S.B. A rede de proteção à mulher em situação de violência doméstica: avanços e desafios. **Athenea Digital**, n. 14, p. 267-280, 2008.

GUATARRI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005.

KRUG, E. G. et al. Violence by intimate partners. In: _____. **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002. p. 87-121.

LIMA, E. P. **Página ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 2 ed. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 1995.

LIMA, L. H. P. Com-vivências e envelhecimento. Porto Alegre: editora Age, 2000.

- LIMA, D. C.; BÜCHELE, F.; CLÍMACO, D. A. Homens, gênero e violência contra a mulher. **Saúde Soc.**, v.17 n.2, p. 69-81, 2008.
- MELO, L. da E. **O coletivo como plano de co-engendramento do indivíduo e da sociedade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MENEZES, R. J. Devir e agenciamento no pensamento de Gilles Deleuze. **Comum**, v. 11, n. 26, p. 66-85, 2006.
- MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992.
- MONTEIRO, C. F. de S.; SOUZA, I.E. de O.S. Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. **Texto Contexto - Enferm.**, v.16 n.1, p.26-31, 2007.
- ONOCKO CAMPOS, R.; GAMA, C. Saúde Mental na Atenção Básica. In: CAMPOS, G.W.S.; GUERREIRO, A.V.P. Manual de práticas de atenção básica, saúde ampliada e compartilhada. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores, 2008.
- ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. In-depth study on all forms of violence against women. New York, 2006. Disponível em: <<http://daccess-ods.un.org/TMP/8874883.html>>
- PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- RAMADAN, Z.B.A. Psicoterapia de grupo: teoria e prática. **Rev. Psiq.Clín.**, n. 34, v. 5, p. 254-255, 2007.
- RAMÃO, S. R.; MENEGHEL, S.N.; OLIVEIRA, C. Nos caminhos de iansã: cartografando a subjetividade de mulheres em situação de violência de gênero. **Psicologia & Sociedade**, v. 17, n. 2, p. 79-87, 2005.
- SCOTT, R. P. Quase adulta, quase velha: por que antecipar as fases do ciclo vital? **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v.5, n.8, p.61-72, 2001.
- THOMPSON, P. **A voz do passado**: História oral. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VALLADARES, L. **Os dez mandamentos da observação participante.** *Rev. bras. Ci. Soc.*, v.22 n.63, p. 153-155, 2007.

Anexos

Anexo 1 (entrevistas)

Jane, 74 anos

Eu nasci em Santo Anastácio, mas com um aninho eu já fui pra Assis. Eu fui criada até 12 anos em Assis. Depois meu pai era ferroviário, da carreira, e veio removido e eu vim pra cá. Então a minha juventude, a minha mocidade foi aqui em Botucatu (risos). Eu me sinto botucatuense, sabe? Tenho a impressão que eu nasci aqui porque eu gosto demais daqui. Fui criada aqui. Eu estudei um pouco. Era o primeiro normal que falava. Agora é colegial. Naquele tempo, tinha o primeiro normal, o segundo e o terceiro, né? Eu não pude terminar os estudos porque eu vim de uma escola um pouquinho fraca. Eu não alcançava muito a matemática daqui e o professor era ali em cima (risos) e, naquele tempo, tinha aqueles exames orais. Ficavam três professores de um lado e quatro do outro, e ele falava pra mim: “Moça, a sua Matemática é fraca, hein?” Eu era boa em tudo, português, em história, nossa, história eu tirava sempre as primeiras notas, português sempre, porque desde menininha eu lia. Eu sempre gostei de ler histórias. Eu nunca fiquei sem um livro na minha vida, mas na matemática eu sofria e eu fiquei com medo de entrar em exame. Eu falei: “Ah, ele não vai deixar eu passar.” Então, por isso, eu não me formei.

Já que eu não estudava, eu fazia trabalhos manuais, eu bordava muito. Eu sentava na beira do rádio, que aquele tempo era a Rádio Nacional (risos), e escutando os programas da rádio eu bordava. Fiz quase que o meu enxoval (risos) bordado por mim. Então, minha juventude foi assim: comecei a namorar com 17 anos, com 21 eu me casei, e... pronto a vida correu assim. Depois foi a criação dos filhos. E eu pensava: “Vocês vão estudar. Eu não me formei, mas vocês vão se formar.” E eles nunca me deram trabalho na escola. Foram mesmo que é uma beleza! Os dois se formaram e a vida foi assim.

O meu marido era um gênio meio fechado, mas comigo, nossa como ele conversava. Tudo o que se passava lá no serviço, tudo no ambiente lá deles, ele me contava. Ele era fechado, não era de sair muito, não gostava de passear, não gostava de festa. Mas vivemos muito bem. Vinte anos eu fiquei casada.

Naquela época, eu não tinha nem tempo de sentir falta de sair, de passear, porque o meu pai era muito doente, e ele sofria um reumatismo muito bravo, então ele era na cama só, sabe? Da gente ter que trocar, de dar banho na cama. Então, ele sofreu muito mesmo, e eu com duas crianças pequenas, marido com hora certa pra trabalhar não dava tempo de sentir falta de passear não, não dava mesmo. Olha lá (risos) a missa de domingo quando podia ir, né?

Quando eu fiquei viúva, foi uma época difícil, porque nessa época eu tinha um [comércio]. “Já que não vou lecionar, alguma coisa tenho que fazer.” Então, eu montei [uma lojinha]: colocava botão, vendia rendas, enfeite. A minha vida era uma correria, uma loucura. E fiquei viúva com os filhos ainda dentro de casa. O mais velho tinha 18, e o mais novo 16. E eu tinha 40 anos.

Eu sempre tive amigas. Então amizade a gente tinha. Eu também era vicentina. Então, sempre que tinha uma assembléia vicentina, se meu pai tava bonzinho, eu ia. Dependendo da saúde dele eu ia. Mas nunca fui sozinha, viu? Se eu falar pra você de queixa de solidão não sei o que é. Eu, até agora, não sei o que é isso na minha vida (risos). A minha vida sempre foi cheia. Sempre foi cheia de serviço, de preocupação, né? Corre levar pra médico e traz pra médico e vai na farmácia e traz farmacêutico. Então, a minha vida foi assim. O meu filho do meio - este é o caçula (refere-se ao filho que está no sofá) – fala assim: “Nossa, não quero nem lembrar aquele tempo mãe. Aquilo lá não era vida. Era uma loucura” porque eu corria muito. Então a vida foi assim cheia, tanto é que, depois que eu fiquei viúva, minha mãe veio pra cá. Meu pai já tava bem no fim da vida. Cuidamos dele eu e ela. Fizemos o enterro dele. Daí ela

falou: “Ah, eu não vou mais lá pra... (minha irmã tinha uns problemas e ela ficava mais lá do que aqui). Eu não vou mais. Eu vou agora ficar aqui e ajudar você.”

Nós fazíamos roupinha pra vender [na lojinha], sabe? Eu ia na cidade, comprava panos, panos de blusa, panos pra roupa de criança. Ela era uma costureira muito fina, nossa, minha mãe era uma modista. Ela então fazia as roupinhas. Vestidinho de criança, ela numa máquina, eu na outra, à noite, e a gente costurava, quer dizer que (risos) a minha vida era ocupada. Muito ocupada. Em 94, eu aposentei por idade, pra cuidar da minha mãe, porque eu achava que ela era muito sozinha aqui dentro de casa. (...) Meu irmão dizia: “Você já pode aposentar, se você quiser.” Ele era contador. Fez umas contas aí pra mim. “Se você quiser aposentar, dá bem pra você viver com a sua aposentadoria, e você tem mais sossego.” Porque eu corria. Com ela para o hospital, com tudo, e aplicava insulina. Eu falei pra ela: “Olha, mãe, na semana que vem em diante, nós vamos tomar café juntas, vamos almoçar juntas.” Tinha dia que nem almoçar juntas não podia. Na hora do almoço alguém vinha me chamar e eu tinha que abrir a loja. Era um tempo...

Ela falou: “Ah, não vejo a hora que isso aconteça.” Daí, então pedi aposentadoria. Veio numa semana, mas dali 15 dias ela morreu. Fiquei pouco fazendo companhia pra ela. É... a vida aplica uns golpes na gente (risos). Eu acho que é pra testar a paciência da gente, mas não me queixo, não, da vida.

Ela ficou 20 anos aqui comigo. Ficou doente, morreu. Mesmo assim ainda tinha um filho pra casar, né? E ele trabalhava, tinha hora certa pra vir, pra ir pro serviço, roupa e tal. A gente sempre cuidando. Ainda levei assim. Daí, de repente, passaram os seis meses e era o dia do casamento dele. Ele casou, tudo bem. A gente tudo contente, tudo feliz. Ele se casou. Eu já tinha o Marcelo também. Daí, eu falava: “Agora, vou ficar só eu e o Marcelo aqui dentro de casa.” Mas ele também sempre faz alguma coisinha, ajuda um ou ajuda outro. Tá sempre ocupado.

E eu comecei a me sentir assim: de repente parece que eu não tinha mais serviço (silêncio). Corri tanto na vida, batalhei tanto e, de repente, cessou. “Meu Deus, eu preciso fazer alguma coisa.” Daí, me encontrei com um amigo que trabalhava ali nos aposentados da FEPASA e ele falou: “Você já ouviu falar naquele clubinho ali que a turma do hospital fundou? Você já ouviu falar?” “Não, não tô nem sabendo disso.” “Ah, faz só uns 20 dias que está funcionando.” “Mas o que faz?” “Ah, elas batem papo, trocam receitas, se uma sabe fazer um pontinho de crochê ensina pra outra. Na semana passada, elas iam fazer bandejas de jornal, enrolar os canudinhos tudo e fazer bandejas. Você não quer ir lá conhecer o clube?” “Ah, eu vou pensar. É tão pertinho. É provável que eu vá lá conhecer.”

Assim mesmo ainda deixei. Passou o mês de fevereiro, porque lá foi fundado em fevereiro, eu dizia: “Será que eu vou?” “Acho que é perda de tempo, tá saindo de casa, não?” “O que eu vou fazer lá?” Mas convidei uma outra amiga que tinha aqui: “Vamos lá conhecer esse clubinho?” Ela disse: “Mas nós não fomos convidadas?” Eu falei: “O João²⁴ disse que é aberto. Tem até um cartazinho lá. É pra ir quem quer. Ele convidou, ele mandou a gente ir lá pra ver.” Então fomos. Chegamos assim: “Puxa vida, não? Como será?” Nossa, quando viram nós: “Oi! boa tarde! Entra!” Parecia que a gente já era amiga de anos. Então, daquele dia em diante, eu não perdi mais o clubinho, me senti muito bem lá. A gente contou partes da vida da gente. Era assim um bate papo muito gostoso. E esse clubinho foi aumentando, aumentou tanto que precisou repartir a parte do artesanato num dia e o do clube no outro dia (risos), porque daí não comportava mais tudo num dia só. Então, eu comecei a freqüentar o Reviver e olha foi uma coisa muito importante na minha vida.

Eu tinha aquela mania antiga de que lugar de mulher era dentro de casa, você entende? Tanto é que eu pensei pra ir. Falei: “Ai meu Deus, perder tempo atrás de

²⁴ Nome fictício

clubinho?” “Isso aí não dá nada.” “Isso aí é pra quem não quer fazer nada. Se eu ficar aqui, se eu ler um livro, ou se eu fizer um bordado ou alguma coisa acho que eu lucro mais.” A minha opinião era essa, que era perder tempo, que era bobagem. Daí, fui e eu convivi com pessoas maravilhosas. Tirou esse, esse recalque que eu tinha, que lugar de mulher é dentro de casa. Que é isso? Nós estamos aqui pra viver, pra compartilhar a vida, pra conversar uma com a outra, não é verdade? Daí que eu fiquei vendo que eu estava bem errada de pensar assim. A gente tem mesmo que freqüentar um lugar assim, ter amigas, bater papo. Às vezes, até uma mágoa que você conta aquilo sai, desaparece. Então, é um clube que ambienta a gente. Tira você da sua frustração, do seu recalque. Além disso, depois começamos a inventar os passeiozinhos. Sítio de uma, sítio de outra, e a C1²⁵ arrumava condução. Fomos em Rubião²⁶. Lá no bosque de Rubião. Eu gosto porque é um passeio feito durante o dia. A gente vai, volta. A tarde já tá em casa. A gente se agrupa. Cada uma leva um pratinho diferente. Então, é um ambiente gostoso.

Eu sempre, sempre gostei de escrever e ler. Então, sempre eu procurei também levar uma mensagem escrita [para o grupo], ler alguma coisa, contar alguma história (risos). O grupo desinibe a gente, porque a gente, não sei se é um pouco retraída, um pouco envergonhada de falar na frente de outro, ou de declamar uma poesia. Imagine eu nunca tinha feito isso na minha vida! Foi com o Grupo Reviver. Eu vi isso não só em mim, mas em outras pessoas, que entraram ali tímidas, retraídas e hoje elas falam, hoje elas cantam, dançam. Então eu acho que o clube ajuda muito o eu da pessoa. A gente tira um pouco as idéias velhas da cabeça, fica um pouco com idéias mais modernas (risos). Acompanha mais o mundo. Eu gosto muito de lá, viu?

²⁵ Uma das coordenadoras

²⁶ Refere-se a um bairro

Lá [na minha loja] eu escrevia em caderno, deixava lá. Depois de tempo, eu fui achando aquelas coisas que eu escrevia, nem sei quanto tempo fazia. Eu juntei tudo e fiz um livrinho. Montei um livro pra mim. Quem me deu a idéia pra fazer o livro foi a C2 do Reviver²⁷. Um dia eu falei pra ela que eu tinha vontade de formar um livro, que eu tinha bastante mensagens escritas. Ela falou pra turma: “Olha, nós vamos ter aqui uma tarde de autógrafos. A Jane vai trazer livros pra autografar aqui. Cada uma traz um pratinho. Nós vamos fazer uma festa.”

Daí, meu Deus, eu não tinha livros, aonde que eu... Tive que mandar fazer os livros assim, meio urgente. Para conseguir dinheiro, eu fiz coxinha pra fora. Eu planejei as amigas que podiam comprar. Então, eu ligava: “Fulana, eu vou fazer coxinha, você quer ficar com um pouco?” “Ah, fico! mande uma dúzia pra mim, mande duas dúzias pra mim”. Então, naquele dia, eu fazia, oito, nove dúzias de coxinha, distribuía, recebia, e foi assim que eu fiz esse livro (risos). Foi difícil, mas foi uma brincadeira muito boa pra mim. A C2 brincou, eu topei a brincadeira e deu certo.

Levei os livros lá, autografei para as amigas. Foi uma coisa tão bonita, mas tão gratificante! Eu pensava: “Ai, meu Deus, será que o que eu escrevi vão ler?” E leram, gostaram. Teve uma professora que ia lá ensinar um pouco de dança pra nós. Ela até fez um jogralzinho tirado de uma mensagem minha. Então, foi uma coisa assim, bonita, gostosa. Mas também foi a única vez, não formei mais livros, escrevo assim, esporadicamente, alguma mensagem pra ser lida ali [no Reviver], mas eu gosto muito. Foi bom pra mim. Com um pouco de sacrifício, mas deu certo.

Às vezes a gente fica uma temporada sem poder aparecer constantemente. Elas perguntam: “O que tá acontecendo, por que você não tem ido?” Às vezes, um médico nesse dia, ou é algum outro problema que não dá. Eu não gosto de perder por isso,

²⁷ Uma das coordenadoras

mas, nossa, a turma de lá é muito amiga, encontra a gente na rua, a gente se abraça. Eu acho que a amizade é uma coisa maravilhosa.

[Eu e a Rosa²⁸ nos aproximamos muito depois do Reviver]. Quero muito bem a Rosa. Ela é uma pessoa muito sincera. O que ela pode fazer por você ela faz. Eu me dou muito bem com o gênio dela (..). Tem hora que ela fala que eu sou um pouco mãe dela e um pouco irmã. Eu sou amiga, mãe e irmã dela, ela fala. Se ela precisar de um conselho ela pede pra mim: “Eu não peço pras minhas filhas é pra você que eu peço.” Se ela quer desabafar alguma coisa, ela desabafa comigo. Então, a gente ficou assim muito íntima. A gente se liga todos os dias, todos os dias. Às vezes no dia dela embora²⁹, às vezes a gente já conversou de manhã, mas, à tarde, na hora dela ir embora, ela fala: “Jane, já tô indo, viu? Já tô de mala pronta!” Então, quinta-feira agora o Reviver comemorou o Dia da Mulher. Nós fomos aí na pizzaria. E eu falei pra ela: “Rosa, a nossa comemoração do Dia da Mulher vai ser na quinta-feira.” “Ah, mas não vou tá aqui, porque a [minha filha] vai me levar (...). E eu não vou estar aqui.” Eu falei: Não vai dar pra você vir?” “Ah, não dá, lá é muito na contramão.” Eu já sabia que ela não vinha, é muito longe, mas hoje quando eu falei com ela, ela falou pra mim: “Tava boa a pizza lá?” Eu falei: “Coitada, ela ficou com vontade de ir...” Ela gosta da união. Eu falei: “Tava muito bom, muito bom mesmo.” “Ah, mas não faz mal, outra vez eu vou, se Deus quiser, né?” Eu falei: “Lógico, não vai faltar ocasião, você vai na próxima vez.”

[Por isso], tenho pena das mulheres que estão dentro de casa, não querem tomar parte em nada, não querem sair, não querem arrumar amigas. Até aconteceu um fato bem triste conosco. Ontem, fez oito dias que eu perdi um sobrinho, de 51 anos, de acidente de moto. Ele com a mulher eram demais de ligados, viajavam, sabe?

²⁸ Participante do grupo

²⁹ Quando vai passar alguns dias com a outra filha

Ou de carro ou de moto, mas estavam sempre os dois juntos viajando. Agora, houve um acidente. Ele era cuidadoso, não sei o que aconteceu. Então, morreu esse meu sobrinho e eu liguei pra ela ontem: “Olha, não é conselho hein? Não vou dar conselho pra ninguém, vou falar com você como eu falaria com a minha irmã, ou até com uma filha. Depois que você puser toda a vida em ordem, papelada em ordem, por favor, procure aí algum grupo que você possa se enquadrar com eles. Arrume umas amigas e comece a fazer alguma excursãozinha, sair, viajar. Ela falou: “Ah, será que eu faço isso?” “Você tem que fazer isso, porque agora sempre tem um ou outro perto, mais depois você vai se sentir só. Você precisa arrumar amizades. Quando você tinha seu marido nem tinha tempo de arrumar amizades porque viviam passeando os dois. Mas agora você precisa, procure um grupo, forme com alguém um grupo, faça alguma coisa, mas que te tire de casa, ou que você possa bater papo, que você possa passear, que você possa viajar um pouco, porque é necessário isso na vida, viu? Faz falta!”

Porque depois vem a depressão. Melancolia. Ficam pessoas amargas que só queixam, só reclamam. Ai, porque não sei que, porque eu tô mal, porque eu não consigo. Então, é só a reclamação de saúde. Eu nunca, nunca, nunca tive nem depressão. Quando eu fui querer me sentir sozinha, eu achei esse clube (risos). Eu nunca precisei tomar um comprimido pra dormir. Relaxante que todo mundo toma, eu não. Eu não preciso de nada. O dia que eu tô em casa, eu leio, assisto às minhas novelinhas. Chega a hora de dormir, vou pra cama, durmo tranqüila.

Eu me sinto muito bem. Minha cabeça, graças a Deus, acompanha a cabeça dos jovens, das netas, né? As sobrinhas mandam mensagens pra mim quase todo dia. Eu respondo as mensagens, então é bacana. Elas me mandam pelo computador, e por causa delas eu fiz força e aprendi. O Marcelo falava: “Tem mensagem pra você, mãe.” Eu ia lá, via, mas eu não.. ah! Parece que eu não gostava daquilo. Eu não queria.

“Você não vai responder, mãe?” Daí, eu respondia, mas não sabia enviar. Eu falei: “É melhor eu aprender um pouco.”

Tem uma moça aqui vizinha e ela é muito prática em computador. Ela vem me dar umas aulas aqui em casa, porque eu tenho dificuldade pra sair. Eu não saio. Ela me ensina e, com isso, aprendi, mando mensagem, tenho umas primas em Mato Grosso do Sul, que mandam pra mim, eu mando pra elas. Tudo isso aí ajuda a minha cabeça.

Agora até que eu gosto, viu? No começo, ela me explicava, eu na frente dela fazia tudo. “Treina viu? Precisa sentar no computador e treinar.” “Ah, depois eu vou sentar. Agora eu vou ler um pouco, mais tarde eu vou no computador (risos)”, porque sempre o livro tava na frente. De uma hora eu deixava pra outra, de um dia eu deixava pro outro. Daí, eu esquecia. Agora peguei firme.

Dentro de casa eu faço tudo, eu que cuido da casa. Eu limpo, faço tudo. Uma vez por mês eu chamo uma moça e ela vem e faz uma faxina geral pra mim e depois eu vou conservando (...) Eu não posso me queixar mais não, que tá muito bem controlado, mas quem controla sou eu. Eu que vejo almoço, eu que vejo a roupa, eu que limpo, eu que... então, graças a Deus, eu me sinto muito bem, sendo útil pra mim mesma (risos), eu sou útil pra mim mesma, né?

Meu problema mesmo é só a artrose do joelho e do pé que me atrapalha um pouco. Eu vou ao grupo porque é durante o dia. Daí, eu não tenho medo. Se fosse à noite, eu já não iria, porque eu já teria medo de andar sozinha, de cair. O dia que minha perna tá mais dolorida, que eu acho que eu vou forçar muito eu não vou, né? Lá um dia ou outro, tá assim. Mas sempre também tem uma amiga ou outra que se prontifica, leva a gente (risos). Várias vezes, a Paula³⁰ já me levou. Algumas de lá já

³⁰ Outra participante do Reviver

me trouxeram pra casa várias vezes. Então a gente, a gente consegue. Agora tô numa fase ótima e posso andar tranquilamente.

Eu participei do artesanato também um bom tempo, depois apertou muito. Não dava pra sair assim todo dia, todo dia e, por intermédio do Reviver, eu conheci o teatro. Foi uma coisa maravilhosa. Um dia, a Rosa que já frequentava o teatro disse: “Vamos lá pra você conhecer. Você gosta dessas coisas.” Eu fui pra conhecer e já me deram um texto. Tava faltando uma pessoa (risos). Eu me saí bem no texto. Já fiquei, pronto! Fui pra conhecer e já era protagonista do teatro (risos).

Eu já tinha me desinibido no Reviver, de tanto ler poesia, de tanto falar, de tanto cantar, eu já fui, não senti vergonha. Eu fui eu mesma, pronto, interpretei assim naturalmente. Foi muito bom. A primeira peça foi da Cora Coralina. “A menininha ficava de fora olhando. Um dia a freira chamou a menininha, ela entrou e participou da roda. Tinha a roda que elas cantavam, tinham as lavadeiras que lavavam.” O meu papel era de narradora. Cada uma de nós falávamos um trecho. Foi muito bom. Depois dessa peça, tivemos outra que era a história de uma pensão de idosos. Aquela foi alegrinha, foi divertida. Nós éramos três irmãs, fofoqueiras. A gente não deixava passar nada sem a gente ver. Foi muito divertido. Eu era meio surda. Falava uma coisa eu respondia outra diferente. Foi divertido, foi muito bom. Eu gostei muito mesmo do teatro. Foi uma coisa interessante pra mim. Eu não sabia que eu tinha jeito para aquilo. Descobri lá (risos). Gostei muito, foi muito bom.

A família me apóia demais. Os meus filhos falam: “Enquanto a senhora tiver com a cabeça trabalhando assim, a senhora não vai sofrer de Alzheimer.” “A sua cabeça tá sempre trabalhando, precisa continuar, precisa continuar.” Só que o teatro já vai ser difícil pra eu continuar porque às vezes vão em Lençóis, vão em Itatinga apresentar. E eu não tô mais me propondo a sair à noite, fora de casa por causa do problema do joelho. Eu tenho um pouco de medo.

Tem gente que entrou (no Reviver) há pouco tempo e a gente já é amiga. Pessoas que nunca tinha visto na minha vida, são minhas amigas hoje, dali, dali de dentro. Quero ver se eu não paro, não, enquanto eu puder, eu vou com a minha bengalinha, mas vou (risos). É, eu penso, eu penso. Por enquanto eu vou devagarzinho, pego a bengala, porque a bengala pra mim é como se fosse um braço e eu me apoiando nela. Então eu vou com a minha bengalinha, eu penso enquanto eu puder andar, tudo, eu venho no Reviver. Agora, o dia que eu não conseguir, se acontecer, tomara que não aconteça tão já, que eu não quero que aconteça, mas se acontecer daí a gente tem que parar. Mas eu acho que se um dia eu parar e falar que eu não vou mais, eu vou sentir, daí eu vou sentir angústia. Nesse dia eu vou sentir angústia e tristeza, porque eu gosto muito dali (Silêncio). Ah não, eu tô me sentindo tão bem. Vamos tocar pra frente. Tô me sentindo muito bem, não tô numa fase assim de parar não. Que é isso?

Gládis, 58 anos

Eu sempre fui mais reservada. Não fui assim uma menina tipo moleque. Gostava, sim, de brincar de bola, de pular corda, inclusive eu falo pra Clara³¹ que minha mãe tinha 1.48m, meu pai tinha um pouco mais do que isso e eu tenho 1.65m. Eu acho que cresci de tanta corda que eu pulei, de tanta bola que eu brinquei nessa rua. Sempre gostei muito de esporte. Fui fazer o ginásio e lá eu jogava vôlei, basquete. Tinha dia que eu ia na escola de manhã, à tarde na educação física e, à noite, ia treinar vôlei ou basquete. Daí eu falo pra ela: “Eu acho que eu cresci bastante por causa do esporte.” Eu estudava na Industrial, ali na Avenida. Naquela época, não tinha o viaduto. Tinha que ir pelo pontilhão. Então subia a avenida, que é uma boa subida. Três vezes por semana fazia esse percurso.

Eu fiz só o ginásio. Não que eu não pudesse continuar. Até meu pai falou pra mim: “Continua os estudos, faz um curso.” Mas eu já tava namorando há quatro anos. Acho que foi aí que faltou vontade de estudar, né? Eu não quis e acho que, por isso, também eu paguei um preço alto, acho que foi, por isso, que eu paguei um preço alto (choro).

(...) Eu comecei a namorar nova com 14 anos e casei com 20. (...) Casei no civil, na igreja. A gente tem aquela ilusão de vestir de noiva, essas coisas. Eu casei como manda o figurino. Meu pai deu uma festa. Foi até aqui em casa. Aquele tempo usava fazer festa em casa. E viajei pra Poços de Caldas: lua de mel. Inclusive meu marido tava falando pra minha filha que ele viajou com as minhas economias. Ele reformou a casa [e] gastou o dinheiro que tinha na reforma. Aí não sobrou dinheiro pra viagem (risos), mas eu tinha minhas economias. Eu fiz as cortinas da casa, comprei tapete, mas sobrou. Eu falei: “Vai dar pra viajar.” Ficamos uma semana lá, mas é aquela

³¹ Filha mais nova

coisa: a gente tem uma ilusão e, quando viaja, parece que não é nada daquilo que a gente imaginava.

A gente idealiza uma coisa e, às vezes, chega na hora e não acontece da maneira que a gente idealizou. Então a gente volta meio decepcionada. Mas em relação a sexo foi tudo bem. Coisas mesmo de menina boba. Queria ficar num lugar bonito e tal (...). E eu tava também com uma tosse! Eu tinha pegado uma gripe! Às vezes, eu tava comendo tinha que levantar da mesa pra ir tossir. Quando eu casei eu tava na semana fértil. Então eu falei: “Eu vou tomar uma cartela. Ah, depois eu paro.” Pensei que fosse assim, né? (risos). Nessa parada que eu engravidei. Três meses depois [de casada] eu engravidei. Aí já veio o primeiro filho (...). Eu casei em 70 e ele nasceu em 71. Aí, foi aquela vida de dona de casa, né?

Ele trabalhava (...), mas não ganhava muito. Demoramos até pra comprar o primeiro carro. Levamos uma vida assim: fome eu nunca passei (risos), mas sempre uma vida de economia. Sempre fui uma pessoa econômica. Não fui de querer tudo que via. Comprava se dava pra comprar. Apesar que meu pai me deu a casa, não pagava aluguel. Não pagando o aluguel já era uma grande coisa! Morei nessa casa do lado que era do meu pai. Depois que meu pai faleceu, ficou minha mãe sozinha. Ela se mudou pra casa do meu irmão e falou: “Preferia que você venha morar aqui.” Eu nasci nesta casa. Quando eu vim morar aqui já tinha a Clara. Aqui era meu quarto de solteira e é o quarto dela agora também.

Eu nunca trabalhei fora. Sempre fiquei dentro de casa, cuidando da casa, dos três filhos. Antigamente parece que a gente era criada pra casar, ter filhos ser dona de casa. [Meu marido] falou que não queria que eu ficasse fazendo desfile, que eu cuidasse dos filhos, que não pusesse em escolinha. Como eu não trabalhava fora, não tinha por quê. Então fiquei nessa. Quando as crianças estavam pequenas, o marido que ia fazer compra. Ele que pagava as contas porque as crianças eram pequenas e eu

não podia. Não dava tempo. Você fica bitolada ali dentro de casa: você lava, passa, cozinha, cuida de criança, troca fralda, lava fralda. Assim não sobrava tempo pra nada. Ele que ia fazer compra. Eu não tinha tempo de fazer nenhum esporte. Nessa idade agora que voltei a fazer esporte. Eu falo: “Não tinha tempo nem de pegar a criança e sair pra dar uma volta, pôr a criança no carrinho e dar uma volta na redondeza.” Não lembro de ter feito isso depois que eu casei.

Inclusive meu médico - eu me trato com homeopatia tem mais de 20 anos - falava: “Você tem lazer?”. “Eu não tenho.” “Você viaja?”, “Não viajo.” Eu fui fazer a primeira viagem com eles a caçula já estava com seis anos e o mais velho foi um ano antes dele prestar vestibular. O marido queria pintar a casa e o cheiro... E eu tive um problema asmático e tinha alergia a cheiros. Então ele falou: “Você vai pra praia, você vai pro apartamento [do seu irmão] e eu pinto a casa. Viajei com os três. Só eu e as crianças e ele ficou. Sempre foi assim: viajar, unir a família e viajar nunca, nunca (Silêncio, choro). Sinto falta (Silêncio, choro).

Meu marido não gosta de viajar. Fui agora [visitar] minha netinha [que nasceu]. Ele não foi. Ele ficou: “Tão roubando muita casa por aí, eu vou ficar!”. Mas não é. Ele não gosta de viajar. Eu falo pra ele: “Puxa vida! Nasceu a netinha! Meu filho queria que todo mundo fosse lá. Tirar foto, o vô, a vó. Tudo junto.” Mas não consegui fazer a cabeça dele. E se começasse a insistir ele ficava nervoso, ficava bravo. Aí eu desisto. Eu começo a insistir, insistir, quando eu vejo que ele fica bravo eu desisto! Então, eu vejo que não dá mesmo. Meu marido também não gosta de festa. Casou uma amiga minha há poucos dias. Ela era viúva e casou com esse meu primo que foi o primeiro namorado dela e, no fim, se encontraram. O destino fez com que eles se encontrassem de novo. Eu fui com a minha filha no casamento e ele não quis.

Eu acho que a criação dele foi essa. Ele foi muito batalhador, que nem eu falo, marido honesto, trabalhador, fiel, mas acho que alguma coisa, alguma coisa a pessoa

tem... Como ele não gosta, fazer o quê? Então essa parte aí... Nem tudo é perfeito! Eu falo sempre que isso deixou a desejar. Eu vejo aí: famílias, marido, mulher e filhos vão viajar juntos. Também a gente não pode querer ter tudo. Apesar que minha mãe e meu pai eram assim. Meu pai gostava de passear, de viajar. E minha mãe não gostava. Então falo que meu marido parece muito mais com minha mãe do que eu com ela.

Os passeios que eu faço são com o grupo Reviver. Depois que eu comecei a frequentar ali, nossa, pra mim foi ótimo! Foi muito bom por causa disso. Depois que comecei a frequentar o Reviver eu falei: “Puxa vida, uma coisa que eu não tinha, acabei tendo: que é o lazer, os passeios que a gente faz.” Só mulher. Não tem a presença de homem, nada. Então, a gente se sente bem. “Como não tive isso, né?”

Quando eu entrei no grupo eu tava com depressão (silêncio e choro). Ah, não sei se eu vou conseguir falar, porque já dá nervoso (choro)³². Eu sou muito chorona, muito emotiva. Não precisa muito, só eu falar alguma coisa parece que já vem o nó na garganta, e a vontade de chorar.... Então, a crise de depressão... Foi... Eu acho que foi junto com a menopausa. Foram uns problemas financeiros (choro). Acredito que foi isso que acarretou a depressão. Meu segundo filho foi fazer [vestibular] em [outra cidade]. Foi prestar nas duas: na [universidade estadual] e a outra que é particular. Ele não passou na estadual e falou se dava para manter ele na particular. Eu e meu marido conversamos. Eu falei: “Será que dá pra manter ele lá? Vai ser difícil! Vai ser apertado!”. Não foi fácil, por isso que [meu marido] trabalhou até o ano passado porque o que ele ganhava aqui, em torno de mil reais, ia tudo pra lá. Recebia pra mandar pra lá. As coisas começaram a ficar difíceis pra mim (choro), problema financeiro... essas coisas. Nós tínhamos em mente estudar os filhos e você já viu pobre querer estudar filho?

³² Durante a entrevista, a Gladis não quis, de início, falar sobre esse assunto. Aos poucos, ela começou a contar e sempre a fala foi marcada por momentos de choro.

Eu sempre que lidei com a parte de pagar as contas, administrativa e tal. E eu não suportava a idéia de não ter. Eu nunca, nunca fiquei sem pagar uma conta de água, uma conta de luz, nunca me lembro de ter ficado sem pagar, mas eu deixava outras coisas, de comprar outras coisas. Acho que fui tendo dificuldade pra lidar... Acho que foi isso que... Sempre conseguimos saldar todos os nossos compromissos. Mas muito sacrificado, tudo. Nossa! Sempre fui muito bitolada. Não sei se foi de mãe, de criação, não sei se foi isso que eu nunca deixei de pagar uma conta. Eu achava um absurdo não ter o dinheiro pra pagar conta. Então eu me descabelava. Acho que por causa disso eu sofria.

Não é que eu culpe ele, mas eu acho que a maior parte de culpa foi dele ter ido fazer faculdade lá. Eu acho que não tinha condições, e eu com meu marido: "Vamos tentar, né?" Depois que tá no meio do caminho a gente não quer voltar. Que nem eu falei: "O que ele gastou aquele primeiro ano lá daria pra comprar um carro zero!" Então, a gente fica, sei lá, chateada por um lado, mas querendo que o filho estude.

Esse meu filho, ele gostava muito de música e tinha uma banda aqui. Ele queria fazer música, meu marido não deixou. Então era uma briga os dois, sabe? Eles não se entendiam. Então isso mexia muito comigo. Tudo isso pesou e eu acredito que foi junto com a fase da menopausa, que eu entrei em menopausa com 49 anos. Juntou essa fase difícil. Por isso, acho que deu a depressão.

Quando me atacou mesmo a crise forte, eu fiquei de cama 15 dias. Queria morrer. Nem vontade de tomar banho eu tinha. Sabe (choro) quando você quer morrer? E tem medo de morrer? Cheguei a pensar em tomar [remédio] pra abreviar... A médica receitou esse remédio, fluoxetina. No começo não adiantava, eu queria morrer. Não tava fazendo efeito. Aí o médico lá da UNESP trocou o remédio e esse outro remédio foi pior ainda. Eu tomei um comprimido e olha que eu converso com gente que toma esse remédio e disse que se sente bem, mas eu tomei um comprimido

e passei mal pra dedéu... deu um revertério. Se o vidro de remédio tivesse na cabeceira, eu acho que eu teria tomado... Sorte que tava em cima da copa e, quando me veio na mente tomar o vidro todo, eu não quis levantar. Aí eu não sei se eu me apeguei com Deus.... o que me ajudou a sair daquela situação, mas que eu pensei, eu pensei em tomar o vidro todo. Um comprimido me fez isso! Então vou acabar de uma vez.

Pensei que eu não fosse sair dessa. Até confessar com o padre eu confessei (risos): “Padre, é pecado querer morrer? dar um fim na vida?” Ele falou: “Isso não é pecado, a mente tá doente.” Inclusive teve um homem que se matou (...) nessa época que eu tava com depressão. Ele freqüentava a igreja lá. Aí eu falei: “Só quem passou por um momento de depressão sabe o que é tentar cruzar [para] a outra vida.”

Eu também tinha medo de ficar sozinha. Inclusive minha filha foi pra praia com uma amiga dela que mudou pro Guarujá. Ela já foi uns dois ou três anos passar umas férias lá com ela. Eu tava fazendo terapia nessa época e eu comentei lá no grupo que me deu um medo de ficar sozinha. Ele tava trabalhando. Ele saía de manhã pra trabalhar e, quando eu acordei de manhã que eu lembrei que ele não tava (risos), aquilo me deu um medo de ficar sozinha. Eu levantei, aprontei café, tomei café e fui fazer caminhada, de medo de ficar sozinha.

Fiz um ano de terapia [no Centro de Saúde Escola] e me ajudou muito. Daí a psicóloga me encaminhou para o Reviver e eu fui. Uma amiga também tinha falado do grupo por que eu não ia e tal. Daí quando a psicóloga me encaminhou, eu fui. Eu tomei antidepressivo durante um ano. Aí a médica falou: “Vamos parar?” E suspendeu. Dali seis meses voltou a depressão, mas aí eu já tava lá no grupo. Já não deu tão forte. Quando voltou a depressão eu já tava lá. Parece que não deu tão forte. Então parece que eu já consegui... e voltei com remédio também. Tomei até o ano

passado. Faz uns seis meses que eu tô sem o antidepressivo e, cada vez mais, eu consigo ficar sem tomar o remédio.

Agora que eu penso assim: “Eu não quero voltar a tomar antidepressivo.” Então, eu tô tentando dominar os medos que eu tenho, que eu não quero voltar a tomar antidepressivo. Muito ruim. Agora só com remédio de homeopatia eu tô conseguindo levar numa boa. Na semana passada, a C2³³ leu um livro lá [no Reviver] do Manoel Carlos que fala da felicidade. Fala da pessoa que não é completamente feliz, porque, quando ela é feliz, ela já tá com medo do que vai acontecer de ruim. Então ela deixa de ser feliz por causa disso. Pensando mais ou menos por aí que eu tento dominar os pensamentos ruins, os pensamentos negativos.

Uma das melhores coisas que aconteceu comigo foi entrar no Grupo Reviver (pausa e choro) porque....sei lá, lá a gente vai, a gente conversa. A cada semana tem uma atividade. Me escolheram pra secretária. Eu não queria aceitar. A C1³⁴ falou comigo e eu acabei aceitando. Também foi uma coisa boa pra mim. Até eu tava comentando com a minha filha. Já não tava nem escrevendo muito mais e voltei a escrever. A mão da gente parece que já fica mais, né? Pra escrever tudo, as memórias, as palavras, as coisas vão clareando na mente da gente. No ano passado, eu já queria deixar, mas a C2 falou: “Fica mais um ano.” Nessas últimas reuniões, nós decidimos que, a cada semana, uma vai ser secretária. Então, eu já não tô assim sendo o tempo todo. Cada semana é uma que faz a ata, que escreve. Eu falo que uma das coisas boas lá, que tem lá, são as atividades pra memória. Uma das coisas que eu preciso, que eu acho que eu preciso. Exercita a memória, tem alongamento que a gente faz. Tudo lá é gostoso.

³³ Uma das coordenadoras do Reviver

³⁴ Uma das coordenadoras do Reviver

Hoje à noite nós vamos sair para comemorar lá no grupo Reviver. Nós vamos numa pizzaria (...). A gente vai comemorar o Dia Internacional da Mulher. Era pra ter sido na semana passada. No fim, algumas não iam poder. Então deixamos pra hoje. No ano passado, nós já fomos também. Hoje nós passamos³⁵ ali perto da [pizzaria] e [eu] falei: “Oh, nós vamos nos encontrar aqui pra vim nessa pizzaria aí, tudo bem? Não tem problema?” “Vou arrumar uma carona aí com uma amiga que mora aqui nessa rua também.” O problema é sair com o carro. Eu não saindo com o carro acho que não tem problema. É que ele não gosta muito [que eu saia]. Passei uma fase difícil, então ele sabe que aquela fase lá passou e se voltar vai ser pior. Não sei se é por causa disso, que ele, ele não gosta muito [que eu vá no Reviver], mas não... [diz nada].

Teve uma época que minha filha começou a tocar na igreja e me convidaram pra ser catequista. Eu fiquei cinco anos no encontro de catequese. Tinha reuniões à noite e ele não gostava. Até que ele começou a pegar no meu pé, brigar e eu acabei deixando de ir. Porque eu tinha que sair à noite, sair sozinha de carro. Eu pra não discutir - que minha filha também ficava presenciando a gente discutir – eu abri mão disso aí numa boa porque coisas que eu posso sair, que nem hoje à noite [eu não abro mão]³⁶: já convidei minha filha pra sair. Ela falou: “Não. É tudo pessoas de outra idade. Então eu não quero ir.” Então não insisto. Como não vai muito homem também, não insisto pra ele ir junto desde que eu possa ir... (risos). Desde que eu possa ir não tem problema (risos).

Quando deixei a catequese eu falei: “Bom, vou ficar só na companhia [da minha filha]” porque a gente participa lá da igreja e ela toca na missa de domingo, das 9. A gente tem uma equipe de canto lá. Então eu fiquei só participando da equipe

³⁵ Ela e o marido

³⁶ Refere-se ao passeio com o grupo Reviver na pizzaria

de canto. Ela toca, eu canto, umas amigas cantam. No começo, tremia que nem sei o que pra cantar no microfone, tremia... (risos). Aí fui dominando o medo, dominando, dominando. Hoje já encaro melhor. Eu gosto, eu gosto. É uma coisa boa. Minha filha, às vezes, monta o teclado aqui na sala, a gente ensaia. O grupo Reviver e a igreja têm me ajudado bastante, bastante mesmo. Também eu vou na hidroginástica. A gente relaxa bastante. Venci o medo da água também.

Aqui em casa eu falo assim: “Eu reservei a quarta-feira pra mim.” De manhã, eu vou na hidroginástica e, à tarde, eu vou no Reviver. Nesse dia, eu faço o mínimo aqui em casa. Então, eu falo que de semana eu cuido do corpo e de domingo eu vou cuidar da alma (risos). De quarta e sexta, eu faço hidroginástica e nos outros dias eu alterno com caminhada.

Quando ele tava ainda trabalhando, eu arrumava uma parte da cozinha (ele chegava a uma e meia pra almoçar), eu falava: “Oh, tô saindo lá pro Reviver.” Metade da cozinha eu arrumava e metade sem arrumar, mas eu ia. Só de passar aquela tarde lá com as amigas, conversando... Agora que souberam que eu ia ser avó, nossa, não teve quem não perguntou da netinha. Então, é aquela coisa de ser bem recebida. Você chega lá você e é bem recebida. Conversa... conta coisas, é tudo! Que nem ontem teve a palestra sobre o rim. Quer dizer, as palestras são boas, os passeios. Tem dia até que a gente não tá disposta a ir, mas a gente vai e depois... nossa! Eu sou assídua lá, dificilmente eu falto. Até quando a C1 me convidou pra ser secretária uma das coisas acho que foi isso: eu não falto. Eu falo: “Quando tem uma coisa tem que levar a sério!” Pra dar resultado tem que levar a sério. E eu levei muito a sério aquilo lá. Então eu acho que foi isso que me ajudou bastante.

Rosangela, 69 anos

Toda a vida morei lá no Lavapés. Me casei, vim pra cá e aqui fiquei. Minha infância foi ótima. Minha mãe tinha muitos filhos. Então, eu fui uma das caçulas. Mas depois de 11 anos, a minha mãe achou que estava na menopausa, ainda veio uma irmãzinha. Minha mãe teve 12 filhos. Perdeu os pequeninhos, mas que criou, que casou tudo, somos em oito, seis mulheres e dois homens. A gente era pobre, mas meu pai era padeiro. Tinha fartura de pão, de doce, tudo. Então, foi uma infância boa.

Eu fui a única que não trabalhei de empregada doméstica, mas minhas irmãs todas trabalharam. E eu já, por ter sido a caçula, então fui a mais poupada. Depois, eu aprendi ofício de cabeleireira. Tinha uns 15, 16 anos, trabalhei no salão de beleza, que aquele tempo era aquela permanente elétrica, né? Tinha tudo aqueles fios na cabeça (risos). Gritava: “Ah, tá queimando aqui!, tá queimando aqui! (risos).” E a gente tinha que correr, enfiar algodão. Era uma loucura! Você já pensou que perigo? A pessoa ficava o tempo todo com tudo aqueles fios na cabeça. Ah, era horrível!

[Nessa época], comecei a namorar. Namorei bastante, mas meu pai era muito bravo. A gente descia pra passear, dali um pouco ele descia. Ele ia atrás. Ele ficava escondido. Quando a gente subia, ele subia atrás pra ver se a gente parava em algum lugar escuro. Às vezes, parava em algum lugar, ele falava: “Sobe, sobe reto no portão.” Ele cuidava demais das filhas. Foi uma infância, uma juventude tudo muito bem, muito. Meu pai e minha mãe deram amor demais pra gente, ensinaram tudo, tudo de bom, tudo, tudo, tudo. A gente nunca perdeu a cabeça, nunca. A gente tinha propostas boas pra sair, eu mesma. Eu era muito bonita. Muito bonita. Então, veio um pessoal de São Paulo, queriam me levar. Eles chegaram em casa, viram o retrato meu e ficaram loucos. Meu pai quase me matou, tocou os homens que nem...:

“De jeito nenhum, filha dele, não.” Eu fiquei sentida, porque a gente, você já viu, né? O orgulho (risos)!. Chorei! Meu pai: “De jeito nenhum!”

Daí pra cá só trabalhei. Trabalhei e casei. Tive os meus dois filhos. [Conheci meu marido] no passeio, na Rua Amando. Tinha a calçada de baixo, era das mais faladas (risos) e as mais sérias eram na calçada de cima. Era separado, e os homens ficavam tudo ali olhando na sarjeta. A gente passava, descia e subia, descia e olhava. Aí a gente se conheceu, subia junto e ia pra casa.

Depois de casada, que eu já tinha meus filhos indo na escola, eu abri o salão. Trabalhei no salão, acho que mais de 10 anos. Aí passei num concurso que teve aí no Hospital (...). Fui trabalhar de escriturária. Trabalhei quase cinco anos. Eu também tinha prestado concurso pra inspetora de alunos. Passei e fui pra lá. Mas, olha, já fiz de tudo na vida. Já vendi aquelas tupperwear, aqueles plásticos. Eu já fui representante daquilo. Eu já costurei, eu já bordei, eu já fiz roupa pra fora, costurei pra fora, fiz bolo, doce pra fora. Eu já fiz um pouco de tudo na minha vida.

Eu sou muito ativa. É o que tava conversando até agora pouco no banco com uma senhora. Eu falei: “Eu não sei ficar sentada assistindo filme, assistindo novela, não sei.” “Eu costuro, eu bordo, é.... filhos, às vezes, nora, neta, trazem roupas pra reformar. Eu vivo fazendo [coisas].

Mas faz uns quatro, cinco anos que eu tive um problema: tenho um tumor (...). Então, fiquei muito ruim, perdia o equilíbrio. Uma tontura! Como se fosse uma labirintite, uma coisa horrível. Pensava de andar de um lado, andava do outro. Perdi completamente o equilíbrio de andar, de tudo! Eu saía na rua, eu voltava chorando, porque falava: “Quem vem atrás de mim acha que eu tô alcoólatra.” Fiquei ... Eu perdi a audição desse ouvido. Se for um barulho muito forte, ouço ainda. [O médico] disse

que isso não voltava mais. Agora, tá decidido tudo pra experimentar o aparelho³⁷ pra ver. Tô esperando pra fazer o pedido, no posto lá em cima. Aí, o médico disse que eu tinha que operar, mas quando me chamou pra cirurgia, falou que eu podia ficar com seqüela, podia perder a mastigação, se alimentar com sonda. Ele disse que são muitos nervinhos que nós temos. Se for tirar [o tumor], vai mexer, alguma sequela vai ficar. Às vezes, pode até ficar numa cadeira de roda. Quer dizer, ele deu tudo contra. Não deu nada favorável. Então eu falei: “Não vou operar. Vou ficar assim. Entrego na mão de Deus. Vou viver enquanto Deus quiser. Faz quatro anos, cinco anos que eu tô assim.” Até eu falo pra mim: “Ah, eu não tenho nada. Eu já tô curada.” Mas o médico também falou: “Se a senhora não opera pode crescer...”

[Nessa época], eu não queria [sair de casa]. Eu não tinha vontade de nada. Me sentia mal também. Tinha que ficar quieta em casa. Eu não tava legal. Depois de tempo que eu já tava assim, todo mundo vinha, minhas cunhadas, minha cunhadas já frequentavam [o Reviver]: “Ah, vai!” Eu fui umas duas vezes e não gostei. Não me senti bem. Tava naquela fase, fui, sentei ali, fiquei olhando... Fui embora. Duas vezes, eu fui e voltei embora. Não me senti bem. Depois, a terceira vez eu já fui e já [fiquei]. Aí já começaram a fazer passeios. Eu já fui nos passeios, já comecei a fazer as amizades e gostei. Pra mim foi uma maravilha, porque eu entrei numa depressão, fiquei dentro de casa, sabe? Não queria mais nada. Agora, eu tô bem. Sinto que vai me dar alguma crise eu já tomo Vertix, aí já melhora, e o Reviver pra mim tá sendo uma coisa!

Cada dia tem gente nova, a gente vai conhecendo, a gente se encontra na rua. Você vê agora, sexta-feira, morreu uma delas, a Rosa. Então, a gente foi no velório. Tinha a turma lá. Eram quase todas do Reviver que estavam ali.

³⁷ Aparelho de audição

Pena que a gente não tem um salão mesmo da gente, que a gente podia levar coisas da academia: uma esteira, uma bicicleta. Eu tenho em casa. Se tivesse um salão, podia levar, podia deixar... Eu tenho aquelas cadeiras de fazer exercício, eu tenho a bicicleta, tem esteira e tem outra de fazer a flexão assim de braço. Tenho bastante coisa. Se tivesse um lugar que fosse só da gente? Então, a gente podia deixar lá. Mas eu gosto demais dali. Gosto mesmo dessa reunião pra mim foi muito....

Tudo eu que faço [no Reviver]: as máscaras, as fantasias. Eu gosto dos enfeites. As festas de fim de ano a gente faz sempre na Água Nova. [Eu faço] pratos de flores [com] legumes. A turma fica doida. Até eu dei aula aí no grupo, que elas ficaram loucas quando viram as coisas que eu faço: “Ah, você vai ensinar, você vai ensinar”. Aí ensinei, uns dois dias, três, ensinei. Faço enfeite de flores, rosas de doces. Eu gosto demais dessas coisas. No Natal, [no Reviver], eu que me visto de Papai Noel. Entrego os presentes, tudo. Na festinha que teve lá no salão da faculdade, a C2 pediu: “Faz uma lembrancinha”, porque era aniversário do clube³⁸. Daí, eu inventei uma lembrancinha, uns docinhos. A música fui eu que fiz³⁹. Dia dos Pais, Dia das Mães, Dia dos Idosos, sempre procuro levar [alguma coisa], sempre!

[Eu também gosto de] ter responsabilidade. Eu era que nem uma tesoureira. Recebia todo mês a mensalidade. A gente guardava e chegava fim de ano a gente fazia a festa de fim de ano. Tudo que precisava tinha o dinheirinho na caixa. Aí, começou a ter coisa lá. A C1 não quis mais porque “não pode cobrar”, mas não é cobrar! Éramos nós que fazíamos isso. Cada uma dava R\$2 por mês e tinha sempre uma caixinha. Quantas vezes quebrou vidro lá, com a caixinha a gente mandou pôr. É uma coisa, é outra ali, cafezinho tudo que a gente compra. Aí, eu larguei. Agora, outra tinha

³⁸ Aniversário de 10 anos do Reviver

³⁹ O hino do Reviver

pegado o café e tudo pra fazer. Mas ela não vem mais. Daí, voltou outra vez pra mim a caixinha (risos).

Eu gosto de ter responsabilidade porque eu fico naquilo ali. Com dinheiro eu gosto de marcar tudo direitinho, tudo o que eu comprei, tudo o que eu não comprei, tudo....Eu gosto, uma hora apresenta a conta tá tudo ali, tudo marcado, que ninguém pode falar: “ah, tal coisa”. Tá tudo aqui. Eu erro, eu peço por ser muito assim. Sou muito perfeccionista, mas não sei mudar. Eu sou assim!

Nunca tive tristeza. Ano passado, aí eu vi o que é. Foi demais, demais. Eu não sei como eu não tive um infarto, não sei...porque a dor que eu tive no peito, sabe uma dor, uma dor, terrível, terrível, terrível, e.... (silêncio, choro). A gente estranha muito essa vida que tá. Qualquer coisa se separa. Se larga. Eu sofri muito agora (choro). Esse ano passado, meu filho se separou. Esse ano pra mim foi o pior ano da minha vida. Então, a gente estranha. “A fila anda. Tem que acompanhar”, mas a gente não acompanha. A cabeça que a gente tem é lá de trás. Ele [tinha] 23, 24 anos de casado.

Meu filho virou a cabeça. Um filho maravilhoso, ótimo, lindo, tudo de bom, não sei o que aconteceu. Viu uma menina ali, virou a cabeça. Então, a gente sente porque a gente não acompanha, mas a turma fala: “Isso é comum, isso é normal, isso acontece, mas pra gente que não é acostumada...” Ele tá com 48, arrumou outra com 24. Mas Deus vai ajudar a superar tudo isso.

Todo domingo, eram os filhos, as noras, os netos pra almoçar e jantar comigo. Então, eu passava sábado todo preparando, preparando: “Ah, fulano gosta disso. Vou fazer isso”, “ah fulano gosta daquilo, vou fazer aquilo” e agora com isso acabou. Só eu e o meu marido. Então, chega sábado, domingo, aí eu fico mesmo... Ainda tá sendo meio difícil, não aceitei, não aceito, e... ele vem em casa tudo, mas está sendo difícil, tá sendo difícil. Fico perdida sábado e domingo. Fazia sobremesa, duas três sobremesas porque um neto gosta de chocolate, outro não gosta, outro não sei o que...

A mesa ficava cheia com todos, agora não tem ninguém. Tô muito emotiva, nossa senhora (choro). Até minhas irmãs reparam. Nunca fui de chorar, não gosto. Às vezes, numa discussão com meu marido que eu queria chorar (risos) pra comover, não conseguia, agora como eu estou.... Eu vou na missa, eu choro a missa inteira porque eu não consigo. Todo mundo fica olhando pra mim, ouvir uma música aí eu choro o tempo todo. Eu tô conversando com uma pessoa, eu desando chorar. Então, eu tô muito emotiva.

Uma saudade, nossa, deles em volta de mim.... (silêncio, choro). Acho falta, muita falta. Muita falta. Era todo fim de semana. De sábado, já saía, já ia comprar isso, ia comprar aquilo, já ficava esperando: “Vou fazer isso, vou fazer aquilo.” Esse ano foi demais pra mim. Foi muito dolorido, mas agora já falei. Já tô aceitando. Se é bom pra ele, paciência.

Mas agora de tanto eu rezar, de tanto eu pedir. Olha, não tem mais pra que santo (risos), não tem mais promessa que eu faço pra tirar isso da minha cabeça. O que é que eu vou fazer? Já que não tem conserto, então eu peço a Deus me aliviar minha cabeça. Se não eu... eu não sei como eu não fiquei louca.

Eu e meu marido sofremos bastante. Agora eu falei: “Vamos largar. Vamos viver a nossa vida, porque a gente tá por pouco, a gente não sabe quanto tempo [a gente tem] e deixar eles que vivam a vida deles.”

Eu tomo [antidepressivo]⁴⁰. Não gosto de tomar sempre. Tenho medo de ficar dependente. Tomo um pouco, depois eu paro. Depois eu tomo mais um pouco. No ano passado, agora que eu fui em outubro, no neuro, na faculdade, ele falou: “O que está acontecendo? A senhora tá com um ar tão triste. A senhora parece que tá lá embaixo. mas por quê? Da doença?” Falei: “É também a doença, mas é problema de família. Filho separando.” “Tô vendo que a senhora tá muito depressiva. Então, vou

⁴⁰ A entrevista refere-se aos remédios lexotan e diazepam como se fossem antidepressivos

receitar um antidepressivo pra senhora tomar.” “Ih, doutor, eu tenho. Tenho Diazepan, tenho lexotan. “Então toma, toma todo dia.” Falei: “Eu tenho medo de tomar todo dia e ficar dependente depois do remédio.” Ele falou: “Toma. Pode tomar.” Mas eu não tomo não, todo dia eu não tomo.

Nesse ano, por estar tudo assim, eu não tava... ai meu Deus! Eu preciso arrumar uma coisa pra fazer.” Aí minha sobrinha, que tem uma lanchonete lá na Água Nova, trouxe uns vidros de palmito grande assim pra mim. Ah, já comecei a decorar os vidros, já me encantei. Já fiz um monte de vidro (risos). Tá lá em cima (risos). Cada hora que eu passo: “Ah, acho que vou fazer uma coisinha ali, já vou lá (risos)!” Então, eu sou assim: o que eu ver na televisão, tanto de comer, como de artesanato, eu vou fazer. Gosto de cozinhar. Tudo que eu ver ali, já vou fazer, vou testar.

[Mas não vou no grupo de artesanato]. Esse já não gosto. Gosto da turminha ali. Que nem passeio que vai gente fora do grupo eu já não gosto de brincar, de fazer. Ali, a turma já conhece a gente. Já acha que é brincadeira. Às vezes, uma pessoa de fora fala: “O que será essa daí? (risos)” “Uma pessoa dessa idade fazendo [isso]?”...Então eu já fico, né? “Ah, tem gente estranha eu não vou.” “Gente de fora eu não vou.” É só o nosso grupo, nossa turma, a gente tá acostumada. Conhece a gente. Eu falo: “Aí, eu me sinto à vontade, brinco, pinto e bordo.”

Sempre fui muito moleca com os meninos. A gente ia pros ranchos lá no Rio Bonito. Eu sofria que nem um cachorro, porque dormir naqueles ranchos, com ratos, com raposa que tinha, eu me enrolava assim no lençol, e ficava a noite inteira enroladinha, mas por causa de estar junto com meus filhos, tinha medo que judiassem deles. Nunca deixei meus filhos sem ninguém. Eu nunca deixei sozinhos que nem meu pai. Isso foram muitos anos que a gente fez essa vida. Até eles ficarem mesmo homens, comecem a namorar. Agora a gente tem que sossegar um pouco,

mas graças a Deus tem o Reviver. Agora, eu só tenho o Reviver, que eu vou, que eu gosto demais de ir. Eu gosto daquela reunião. Eu adoro aquela união de bater papo, um conversa com o outro, aquela bagunça. Uma fala: “Eu tô com isso. Eu tô com doença. A outra: “Não sei o quê”... Aquilo ali pra mim! Eu passo a tarde que é uma delícia.

Eu tenho medo, ai meu Deus do céu, de um dia ficar parada e não poder fazer nada. Se for chegar uma hora dessa aí vai ser duro pra mim. Que eu fico contando os dias pra chegar quarta-feira. Que nem amanhã a gente vai passear. Já não gosto muito. Vou, mas não gosto muito. Eu gosto da reunião dali. Ali que a gente se abraça porque [nos passeios] a gente não tem tanto aquele contato. Pena que é só quarta-feira. Se fosse todo dia, eu ia todo dia. Gostaria até que fosse mais, porque é muito gostoso.

Até o ano passado que eu estava nesse estado, eu andei indo no Reviver. Eu ia mesmo pra mim poder, parece que sair um pouco de casa. Nunca deixei de ir. Todo mundo percebia como que eu tava, mas ninguém sabia o que tava dentro de mim. Uma perguntava pra outra: “Mas o que está acontecendo com a Rosangela? Nossa, o que é que está acontecendo?” Quantas vezes eu quis ler alguma coisa e eu não conseguia. Começava a chorar. Daí, a C2 me chamou: “Rosangela, o que é que está acontecendo? Fala. O que foi?” Daí, eu falei. “Mas fazer o que é? É assim mesmo”, ela disse. Depois, todo mundo já sabia. Uma já conta pra outra. Vinha uma: “Ah, eu sei o que você tá passando...” “ah, larga mão.” Aí, foi passando, graças a Deus agora já tá [melhor], mas é duro (silêncio)! Essa foi, foi demais, demais, demais.

O Reviver pra mim foi muito bom, tanto na doença como agora também me ajudou muito. Eu gosto demais, demais, recomendo toda pessoa, amiga que eu conversar eu convido, eu recomendo. Todo mundo que eu conheço eu indico [o Reviver]. Tem a sogra do meu filho, também a filha se separou. Ela entrou em

depressão também. Era também brincalhona, alegre. Aquela ainda ficou pior, ficou num canto. Ela não ria, não chorava, nada. Aí a minha nora vinha pra mim: “Por que será minha mãe tá desse jeito?”, falei: “Ah, tá depressiva”. Daí, convidei pra vir. Foi agora no fim do ano passado. “Nós estamos em férias agora, mas em janeiro, quando começar, eu ligo pra você. Você vem, te espero no portão. Vou te apresentar.” Olha, a minha nora e a irmã dela ficaram bobas. Muda na hora. Ela não deixa por nada. Ela adora. Ela vem, ela traz bolo, acabou, esqueceu. “Viu minha mãe como ficou?” Falei: “Você viu a mudança que foi?” Então, sempre que a pessoa conversa: “Ah, aconteceu isso...” Eu falo: “Vamos lá. Vai lá no Reviver”, “Vamos lá.” Às vezes, não gosta. Na primeira vez, a pessoa fica meio assim: “Ah, não gostei”, mas depois que conhece...

Eu era assim meio reservada, meio fechada. Agora não. Sou aberta. Mesmo nessa parte de leitura. Imagina se eu pegava um papel e lia na frente dos outros. Compareço, tudo, nas novenas. Às vezes, a pessoa vinha pedir pra mim a leitura, eu falava: “Ah, me desculpa!” Agora, já leio, já pego. Então eu acho que uma parte eu melhorei (risos) e outra parte piorei (silêncio). Eu fiquei chorona, fiquei emotiva. Eu não queria ficar assim. Às vezes, eu estou conversando no telefone com as minhas irmãs e eu não consigo. Preciso parar, desligar porque eu não consigo falar, desando a chorar.

▪ **Sonia, 62 anos**

Quando casei, vim morar aqui. Não tinha nem vizinho, nem água, nem nada. Pagava carroça pra vim trazer água pra gente. O carroceiro vinha trazer água com tambor. Sabe aqueles tambores grandes de 200 litros? Aí, vinha e dava para semana. Foi difícil nosso começo de vida. Depois é que começaram a vir os vizinhos. Nós batalhamos bastante. Construimos tudo com o maior sacrifício. Mas agora tá tudo bem, graças a Deus! Ele trabalhando (....) .

(...) Meu marido trabalha há 44 anos no mesmo [lugar]. Ele sai cedo e vai. Não fica sem trabalhar. Acho se parar, ele descansa. Já tem freguês muito antigo. Ele começou quando a gente se conheceu. Ele tinha 38 e eu 16 (risos). Sabe, no começo da vida a gente ama demais. Quando eu conheci ele, eu me apaixonei sem ele falar uma palavra comigo. Então, trabalhamos juntos assim: eu lavava roupa, costurava, fazia faxina. Fiz muita faxina, costurei muito, lavei muita roupa pra fora. Sou aposentada como costureira. Batalhamos juntos. Eu colaborava bastante, embora com outros tipos de serviço. Depois compramos carro, ia buscar as roupas de carro, entregar as roupas.

Só que eu não era como eu sou agora. Eu era mais tímida. Eu não conversava muito. Pra mim, tudo era mais difícil. Depois, com as terapias, que eu melhorei. Eu, como irmã mais velha⁴¹, sempre acatei muito. Sempre fui muito obediente. Sou até hoje muito obediente, muito correta. Mas já me libertei bastante daquelas coisas.

Eu tinha muitos problemas porque a criação foi muito difícil. Minha mãe criou assim: tudo é pecado, tudo é errado. Não usar combinação não era errado, era pecado. Aniversário não existia. Minha mãe falava que não existia. Natal não existia. Era muito difícil mesmo. A gente não se sente muito bem com uma festa de

⁴¹ É a filha mais velha das mulheres

aniversário. Até hoje eu não me sinto muito bem. Nenhum de nós teve festa de aniversário. Nem meus irmãos mais velhos porque ela falava que isso não existia. Só tive festinha depois de casada, mas eu me sentia mal com aquilo porque era difícil aceitar uma coisa que não existia.

Só vou contar uma coisa que aconteceu: fui levar a minha mãe no posto de saúde. Ela tava mal demais... Ficou de pé na porta. Eu não sabia que aquele dia era o aniversário dela. Para alegrar minha mãe, a enfermeira perguntou se era o aniversário dela: “Então, a sua filha trouxe um bolo para a senhora.” Minha mãe respondeu: “Não, não trouxe. Ela não sabe que eu faço aniversário hoje.” Eu queria que aquele chão abrisse e eu entrasse naquele chão ali porque eu fiquei com vergonha daquilo.

Quando casei, eu trouxe todos esses problemas. A gente viveu bem difícil. Meu marido saiu da casa dos pais dele e morou pelo mundo. Ele aprendeu. Ele é tímido também, mas ele aprendeu a se libertar mais do que eu. A gente teve muitas dificuldades. A gente teve muita dificuldade de relacionamento, muitas mesmo.

Quando a gente casou, meu marido fez eu jurar, por Deus, que eu nunca ia procurar ele, se eu não sabia o que era (risos)? Mas ele fez eu jurar que eu não ia procurá-lo porque era coisa de mulher de zona. Se eu nem sabia o que era isso (risos)? Mas tive que jurar. Se a gente nunca teve, é uma coisa, mas depois a gente tem acaba gostando. Se eu chegasse perto, ele rasgava as minhas camisolas, me pegava pelo pescoço, me jogava no chão. [Eu não podia procurá-lo, só] de vem em quando, quando ele queria. Não sei como que é isso. E também não quero saber. Já foi, já acabou. Nossa relação foi muito difícil, foi difícil, meu Deus do céu! Meu Deus do céu (alteração de voz)! Sofremos demais!

Mas eu não sabia o que era aquilo. Tive ajuda de médico pra depois saber que tinha que fazer uma terapia. O médico falava pra mim: “Eu posso ajudar até aqui,

mais do que isso eu não posso ajudar.” Eu sofri bastante. A gente sofreu muito por causa disso. Como tínhamos problemas de relacionamento (...), chamaram meu marido na faculdade. Achavam que ele usava droga ou era alcoólatra. Perguntavam: “Ele bebe?” “Não, ele não bebe.” “Ele usa droga?” “Não, ele não usa.” Eles não sabiam o que era. Levou ele lá, conversou [com] o psiquiatra, tudo, mas não descobriram também.

Um dia a polícia veio pegar ele aqui em casa. O meu marido é um homem trabalhador, honesto, limpo o nome dele, mas ele [tem problemas psicológicos] (silêncio), mas eu não sabia. Fui na escola pegar o meu filho mais velho para a gente ir à delegacia. (...) Eu e o meu filho fomos buscá-lo lá. Ele entrou no carro, mas eu não abri a boca. Fiquei assim, né? Chegou aqui em casa, continuamos e a gente não conversou esse assunto. Por que, o que tava acontecendo (...). Ele tinha que explicar, não tinha? Mas eu não perguntei. Eu sofri muito com isso, muito, muito, muito, muito, muito, muito. Isso foi bem antes de fazer terapia de todo o tipo.

(...) Meu filho mais novo sofre muito por causa disso. Quer bem demais o pai, mas tem esse lado aí, sabe? Só que agora ele pra lá na cama e eu pra cá. Isso já faz uns 10 anos já.

Eu comecei a melhorar depois que fiz terapia na Unesp. A primeira vez foi antes do meu segundo filho nascer. Ele nasceu em 85. Foi bom porque o Antonio⁴² apareceu e eu não sabia que estava tendo o Antonio. Ele apareceu assim... Foi muito bom aquela primeira terapia porque me ajudou a aceitar a gravidez. Eu não queria ter mais filhos. Eu achava que eles iriam sofrer como eu sofria daquela maneira. Eu bati muito no Carlos, meu filho mais velho. Eu batia pensando que eu queria que ele tivesse a minha mente. Eu queria que ele seguisse eu. Eu não sabia o que era aquilo,

⁴² Filho mais novo

daquele lado⁴³. Eu queria que ele fosse como eu. Mas não era batendo que ele ia ser igual a eu. O Carlos sofreu muito. Depois que ele casou, perguntava pra mim porque eu batia nele. Eu dizia: “Porque sua mãe era tonta, meu filho, por que bater em você.”

A terapia ajudou a passar por tudo isso, mostrou que não era pra fazer aquilo. Por que bater. Também fui pedir perdão para o meu pai. Aquela terapia também me ajudou nesse sentido. Eu tinha mágoa do meu pai. Eu amava meu pai, mas não conversava com ele. A minha mãe enchia a cabeça do meu pai. A gente usava uns pós de arroz, mas minha mãe, ela fazia ele jogar fora. Ela que mandava meu pai fazer isso. Não era meu pai que ia pegar minhas coisas e jogar fora. Eu tinha muita mágoa. Saí de lá⁴⁴ e fui pedir perdão para o meu pai. Daí nosso relacionamento melhorou 1000 vezes.

Uma das minhas irmãs morreu de alcoolismo. Ela virou a cabeça. Ficou grávida muito cedo. Com 13 anos. Minha mãe fez um casamento. O marido não trabalhava. Minha irmã era muito trabalhadeira e foi pra aquela casa que não tinha comida, que não tinha leite para as crianças. Daí minha irmã virou. Virou totalmente... bebida. A bebida matou minha irmã. Alcoolismo, causa mortis alcoolismo. Virou totalmente: homarada. Tudo que a gente aprendeu que era errado a minha irmã foi fazer. Então, minha mãe criou os filhos dela. Esses netos mudaram minha mãe. A gente podia conversar todos os assuntos com a minha mãe porque aqueles netos mudaram ela. Ficou melhor pra nós que éramos filhos dela. A gente podia conversar todo o tipo de assunto com minha mãe, mas por causa daqueles netos que ela criou. Eles mudaram o jeito dela. Sabe como são os jovens. Mudou totalmente. Meu pai dava risada, minha mãe também. Mas sempre muito brava. Melhorou bastante a relação de todos nós por

⁴³ Refere-se ao comportamento do marido

⁴⁴ Da terapia

causa daquelas minhas sobrinhas que a minha mãe criou. Mas só que ficamos assim com dificuldade, né?

Depois deu alta lá na terapia. Tive o Antonio. Foi difícil. Eu me fechei muito. Quase não saía pra conversar com os vizinhos. Não queria sair de casa. Complicou de verdade. Fui pra 130 quilos. Ficou um tempo que não queria sair de casa. Vinham as pessoas pra trazer roupa, mas eu fechava toda a casa. Eu não queria ver ninguém. Juntou muita coisa. Daí, fui procurar ajuda de novo. Uma médica perguntou se eu queria fazer terapia. Eu disse: “Claro que quero.” Eu já fiz e foi bom. Então, ela me encaminhou para a terapia no Centro de Saúde Escola (CSE).

Comecei a freqüentar a terapia em grupo, mas eu não falava. Não falava tudo o que acontecia porque eu tinha vergonha de falar. Aí, entrou uma outra com o mesmo problema⁴⁵. Quando ela entrou, estava tão aflita que começou a falar. Então eu falei também. Aí melhorou. Fiz dois anos de terapia. A terapeuta falou: “Você melhorou. Eu vou dar alta par você. Mas antes de eu dar alta, você vai conversar com o seu marido⁴⁶. Não brigue, não fale alto, peça explicação.”

Eu estava em pé perto do filtro e ele aqui (aponta para o local). “Você está vendo aquele tapete ali? Eu amei você demais e você sabe disso. Escorreu aqui nesse chão. Acabou!”, eu falei pra ele. Ele ficou triste, claro. “Eu não fiquei, não.” “Eu tô sossegada.” Mas o difícil é o Antonio. Ele sofre com isso, né?

(...) Falei para [o meu marido]: “Eu não vou sair da nossa casa. Se você quiser sair, você sai. Só que você não é nada meu mais. Não. Não vou dormir mais na cama, tudo.” Ele falou que não ia sair também. “Então fica, né. Mas já sabe.” Não briguei, não xinguei, não fiz nada disso porque eu sabia que não era pra eu fazer. E a gente tá nessa até hoje. Ele não me maltrata, eu não maltrato ele. Ele aceitou e eu também. E

⁴⁵ Dificuldade conjugal

⁴⁶ do episódio até a terapia em grupo havia passado cerca de 20 anos

pronto. Não sofro mais por causa disso. Tivemos alegrias, mas muito sofrimento também.

(...) Então, na faculdade, [a terapia] foi bom num sentido e no Centro de Saúde Escola melhorou em outro sentido: abriu a minha mente. Foi muito bom porque esclareceu tudo o que faltava, o que estava enrustido. (...) Meu filho mais velho, quando vê o pai chora. Um homem de 42 anos chorando. Chora de vergonha. Daí, eu fico triste demais.

Isso dói um pouco ainda, mas não pra me atrapalhar. Já aprendi a separar bem. Mas já sofri muito por todo esse tipo de coisa. Foi muito difícil, mas tudo isso já passou, já foi. Tô lutando para o Antonio fazer terapia de novo. Por causa desse mesmo drama, o Antonio entender, agora tá com 23 anos. Mas tá difícil dele voltar. Eu fico com dó! Ele é complicado em todos os sentidos. O Antonio é doente demais. Olha o tamanho que ele tá, isso já é uma doença séria! Ele não quer ir ao médico, incha demais os pés dele. Ele já tinha pressão alta, quando tinha uns 10 anos. Imagina agora. Ele se fecha muito, ele fica muito dentro do quarto fechado.

O Antonio teve um pé na droga. Graças a Deus uns fregueses daqueles altos vieram avisar que tava no começo. O pai deu uma dura de verdade nele. Era maconha. Quando o pai foi conversar, naquela fala mansa dele, ele perguntou para o Antonio se ele estava usando mesmo. Ele falou que estava. Quando falou isso eu virei uma gelatina. Começou uma tremedeira... meu corpo, eu pensei que eu ia morrer aquela hora. Meu marido falou: “Pense bem esta noite e amanhã você vai dar uma resposta pra mim. Daí, eu falo o que vai acontecer amanhã.” Até gostei. Achei que o meu marido estava certo. Ele bateu na porta do quarto do Antonio às 7h da manhã (ninguém tinha dormido nessa casa) e disse: “Você pensou? Vai continuar?” - “Não pai.” “Porque se for continuar, eu vou fazer a sua mala, jogar sua mala lá na rua, você vai devolver o controle do portão, a chave da casa e do carro pra mim. E você vai

embora com eles. Esqueça que eu existo e sua mãe.” Ele falou: “Não pai, isso não é pra mim.” “Então vou acreditar.” Mas não teve mais nada dessas coisas aqui, porque é fácil de você achar. Ele é desligado. Ele deixa aqui ou ali. Mas acabou tudo isso daí.

Agora ele tá namorando, tá ficando, traz a menina aí - é um amor de menina. Melhorou mais ainda. Se eu saísse de casa com o Antonio ou botasse o pai dele pra fora - ele é muito grudado no pai - eu acho que é por causa desse problema. Ele é muito assim com o pai. Fica vigiando. Às vezes, o meu marido fica bravo porque quer caminhar, mas o Antonio vai buscar, vai levar. Foi muito difícil, mas tudo isso já passou, já foi.

Quando tive alta da terapia no CSE – porque tinha que dar alta, fazia muito tempo que estava todo mundo lá na terapia – as terapeutas sentaram com a gente e falaram: “Seria bom a gente não fazer só terapia”, “seria bom ter um grupo pra conversar”. [Elas] perguntaram o que a gente achava se tivesse um outro grupo de relacionamento. Daí, convidou eu e mais outras. Nós gostamos da idéia porque ninguém queria sair da terapia, porque era muito bom. Tudo que a gente ouvia ali... Esclareceu tudo o que faltava. Saímos para arrumar um local. Daí, formamos o grupo.

Conseguimos na igreja, mas não deu muito certo porque eles usavam o espaço para fazer coisas para a igreja: dia de missa, de pamonha, sabe aquelas coisas? O padre falou que podia. Mas a gente se juntava, a gente conversava, dava risada e atrapalhava as pessoas. Daí, foram falar com o seu Gustavo⁴⁷. Tomamos conta [do lugar] e tem a semana toda lá. Então foi a Jane.... foram várias [mulheres]. Eu e a Jane⁴⁸, a gente é do começo. Ela veio para o grupo desde quando começou, mas ela não fazia terapia. Mas a gente não conversava sobre problemas no grupo, de quarta

⁴⁷ Nome fictício. Presidente da Associação dos Ferroviários Aposentados, que cedeu uma sala para que acontecessem as reuniões do Reviver

⁴⁸ Não foi encaminhada pelo CSE (ver entrevista Jane)

nem de sexta-feira⁴⁹. É outro tipo de conversa: é mais amizade, não para falar de problema. Cada uma fala seu assunto, dá risada. Uma conta uma coisa... outra conta outra... e quando vê já está na hora de ir embora. Foi assim que começou e agora tem tanta mulher no grupo. Foi ajuntando cada vez mais. Tudo isso ajuda muito, ajuda demais. Daí, não voltamos mais a fazer terapia não. Aquelas pessoas que faziam não voltaram mais não. Eu não precisei mais: meus problemas melhoraram, resolveu tudo porque esclareceu tudo.

Éramos poucas pessoas no começo, depois que foi aumentando. Quando vinha uma nova, quando procurava o grupo, o seu Gustavo falava assim: “Ah, o grupo de doença mental é lá no fundo (risos, risos).” Quando elas procuravam o grupo (risos), porque uma falava pra outra, foi começando a se agrupar (risos): “Aqui é doença mental?” [A gente dizia]: “Não, não é doença mental.” Todo mundo dava risada. E hoje, olha, quantas tem lá! E foi muito bom! Tão sempre chegando novas. A gente convida várias pessoas. Aquelas que estão lá tem bastante que a gente convidou, que a gente falou sobre o grupo. Daí, foram chegando...

Quando não vou, ligam para saber o que aconteceu. Quando a gente falta, acha falta delas. Ficam telefonando, perguntando o que aconteceu. A gente tem todos os telefones. Uma liga pra outra. Se falta, ligam já: “Essa semana você tem que vir. É para fazer café. O teu é o melhor café.” Tem pessoas lá que falavam: “Sonia, eu pensava que você era orgulhosa...” porque eu não conversava com as pessoas⁵⁰. E todas elas me querem bem e eu a elas. “Vocês são a minha família, segunda família.”

Gosto de ficar em casa, de ficar sossegada aqui, mas quando é dia do Reviver, eu vou. É muito bom estar lá. Todas elas gostam, lota de mulhereda, mas agora não falam mais que é de doença mental (risos, risos). Aprenderam que não é. Não é uma

⁴⁹ Refere-se ao grupo de Artesanato

⁵⁰ Refere-se ao período anterior ao Reviver, quando era uma pessoa mais fechada

amizade traiçoeira, são amigos de verdade, sabia? É bom tá junto com todo mundo. É só risada. Se não, a gente fica muito só. Quando tinha minha mãe, a gente se juntava muito na casa da minha mãe. Depois, faleceu todo o mundo e os irmãos se esparramaram um pouco. Daí, se junta na quarta-feira e pronto. E é muito bom.

A gente se sente muito bem lá. Quando demora pra ir, a gente sente saudades. Quando tem férias, todo mundo chega: “Ai, que saudades!” (risos, risos). A gente fica, sim, com saudades de lá. A gente sente saudades até da sala. Mesmo elas estando, mesmo elas não estando⁵¹, [as mulheres] dão risada, conversam muito. Quando vê, passa a hora. É uma felicidade! Embora a gente converse outras coisas...

O relaxamento era tão bom, pena que acabou. Gosto muito do alongamento, das brincadeiras que as [coordenadoras] inventam. No começo, a gente acha ruim, mas depois embarca nas brincadeiras. É só risada. Quando tem passeios, lota o ônibus. Eu gosto porque é divertido... Junto com elas. Elas gostam de sair com a gente. Foi uma coisa muito boa que elas tiveram essa idéia de fazer o grupo. Sempre as mesmas coisas, mas eu não me importo. O importante é que a gente se reúne de quarta-feira lá.

No começo, chegava uma e outra que queria fazer crochê, e a C1 falou: “E se a gente formar outro grupo? Esse fica para conversa, passeios e [outro] dia para o artesanato.” “Quem quiser vai”. Daí, formou o outro grupo, que é de sexta-feira. Só pra fazer artesanato. Então, saiu uma turma pra fazer artesanato. Ainda assim ficou bastante no grupo de quarta. Aí a gente vai de quarta e vai de sexta (risos, risos). Eu vou nos dois, mas no do artesanato eu não faço nenhuma atividade lá. Eu deixo para fazer em casa porque lá em vou pra conversar: faço café, arrumo a mesa, lavo as

⁵¹ Refere-se às coordenadoras do Reviver

coisas. Eu gosto de estar junto. Umas pessoas evoluíram bastante. Cada uma foi fazer uma coisa. E outras não. Ficaram ali só⁵².

Todo o ano a gente fica naquela preocupação: “E agora?” Se [a gente] poderá usar aquele espaço ali. Não podemos ficar sem o grupo. Temos de batalhar por ele. Então, o seu Gustavo diz: “Vocês ficam sossegadas, mais um ano vocês ficam sossegadas.” Daí, estamos combinados. Se não, tem que sair pra procurar outro lugar. “Então mais um ano, que tá todo mundo sossegada.”

Eu participei também da dança Sênior. Fui dançar no teatro com elas. Mas em 2007, eu caí. Inflamou os nervos, mas não quebrou nada. Daí, não podia fazer a dança, não fazia movimentos com o meu braço. Fiquei dois anos sem dançar. E também depois fui ser artista de teatro. A C1 passou o recado. Eu pensei: “Eu acho que eu vou.” Uma coisa pulou pra outra (risos, risos). Há dois anos participo do grupo de teatro. Eu e [outras colegas do Reviver]. A gente já evoluiu de novo. Apresentamos várias peças, eu fiz vários personagens. Viajamos... tudo certinho. Fiz “Estrela da Manhã”.

Foi maravilhoso! Nunca pensei que um dia eu faria isso. Tudo isso que aconteceu na minha vida... foi maravilhoso. O teatro me ajudou a me soltar mais ainda. Uma turma de gente muito legal. A primeira vez que me apresentei me deu uma suadeira (risos, risos). Depois, já não teve mais. O primeiro personagem foi o de uma freira. Fizemos a apresentação, no Centro Cultural, na Festa da Mandioca. Aquela vergonha toda. A Marina⁵³ tem uma paciência: ensina tudo direitinho: a falar, a subir no palco. Ela mandou andar no meio das pessoas para desinibir. Só uma mocinha falou assim: “Essa não é freira de verdade (risos, risos).” E daí eu dei risada porque eu não agüentei. Mas o resto, todo o mundo acreditou (risos, risos). Mas eu

⁵² Só no Reviver e não foram participar de outros grupos

⁵³ Nome fictício. Instrutora do grupo de teatro

estava bem apresentável. Consegui uma roupa de gala mesmo com a freira. Elas ficaram até assustadas de ver⁵⁴: aquela roupa que ela emprestou... chique, uma casimira, um tecido maravilhoso; o véu, todo chique! Quando criança queria ser freira, mas minha mãe não deixou. Fiquei feliz quando mandaram escolher o papel. “Eu quero ser a freira.” Eu fiquei feliz demais com aquilo. Ai, que chique! Eu fiquei feliz demais porque aquilo foi demais pra mim.

O teatro lotou! O Antonio e o Pedro⁵⁵ já foram assistir. Elas também vão assistir no grupo de quarta-feira. Essa última peça não deu pra passar pra elas, porque era muito grande, mas outras peças menores dava para [apresentar para o Reviver]. Umas aceitam melhor e outras não querem nem saber. Agora, a gente tá de férias [do teatro]. Mas pretendo continuar, se Deus quiser. Quando ligarem, eu vou!

É incrível, mas a gente pensa que não consegue, mas a gente consegue. É uma coisa interessante de ficar pensando. Ela entrega o texto e a gente tem de decorar. A gente fica naquela aflição, mas chega na hora fala tudo o que tem de falar (risos, risos). É uma coisa... É uma magia! Olha quantas coisas realizei na minha vida. Embora umas coisas tristes, mas outras maravilhosas.

⁵⁴ Refere-se às colegas

⁵⁵ Marido

Ester, 59 anos

Sou nascida e criada em Botucatu há 59 anos (risos). Sou de família grande. Somos quatro irmãs. Sou a mais velha, tudo mulher. Tenho minhas sobrinhas, que eu adoro eles, meus cunhados também. Tudo gente boa. Eu sou feliz com a minha família. Nós somos muito unidas, principalmente eu com as minhas irmãs, minha sobrinha.

Minha infância, na parte das brincadeiras, brinquei bastante. A gente morava no Lavapés, a gente morava toda a família. Era assim: um quarteirão, dois. A gente teve uma boa convivência. Os amigos eram os primos. Juntava a meninada, os moleques. A gente brincava bastante. Mas, depois de uma época, meu pai era meu danado, sabe? Nessa parte da convivência do meu pai com a minha mãe, nós sofremos demais. Nós pegamos um trauma muito grande. Ele era muito mulherengo e a minha mãe tinha uma paixão louca pelo meu pai. Então, minha mãe sofria muito. A gente via o pai, várias vezes, agredir minha mãe. Agora tem todo o recurso, mas, naquela época, quando a gente era pequena não tinha. Não tinha nem como defender minha mãe. A gente saía correndo, gritando. Mas ele nunca nos bateu. Mas a gente tinha um medo por causa da braveza dele. A gente morria de medo. A gente se escondia atrás dos móveis onde dava pra se enfiar a gente se enfiava de medo dele.

Uma outra vez que ele bateu na minha mãe, eu já era casada. Meu marido ficou dois anos de mal com ele. Um dia eu tinha combinado de fazer uma janta. Meu pai trouxe minha mãe em casa umas quatro e meia e disse que ia na casa de um colega. Ele demorou umas três horas pra voltar. Quando voltou, eu vi um botão da camisa desabotoado. Eu já pensei: “Esse sem vergonha está com arte.” Ele não entrou pela sala, deu a volta e entrou pela cozinha. “Onde o senhor estava até agora?”. Aquele dia

eu dei uma bronca feia no meu pai. Minha mãe estava na sala com as crianças e não percebeu o que eu tava falando na cozinha.

Eles foram embora. Meu pai, na época, tinha um caminhão Mercedes. O que ele fez: pôs o caminhão a funcionar para os vizinhos não escutarem. Já tinha tomado uns par delas [cachaça] na casa da madame ou se foi na casa do colega, só sei que juntou. Fechou minha mãe dentro do banheiro, que era bem pequenininho. Ele fechou a porta, bateu na minha mãe, derrubou minha mãe no chão, dando na minha mãe, dando na minha mãe. Nessas alturas, eu não sabia porque eles tinham ido embora umas nove e meia da noite.

Eu tinha combinado com minha mãe que eu ia deixar minha filha com ela no outro dia. Eu estava fazendo o enxovalzinho do meu filho e ia sair pra comprar umas fitinhas. Quando eu cheguei na minha mãe, nossa senhora! O rosto todo marcado, o pescoço grosso assim porque ele derrubou ela no chão e pra ela não gritar apertou.... Não sei como não matou minha mãe naquele dia, não sei, não sei. Essas coisas todas foram marcando muito, marcando...

Minha mãe até tentou se matar por causa do meu pai. Esfaqueou as pernas. Ela deu três facadas. A faca era estreita, mas pontuda. Então, foi profundo. Eu estava grávida de sete meses do meu filho, quando aconteceu isso. Eu levei o maior susto. Quando cheguei na casa da minha mãe, aquela coisa mais triste do mundo. Ele já estava fora de casa, quando isso aconteceu. Tive que ir ao médico para tomar remédio pra segurar o bebê; tive que ficar de repouso. Sabe, esse período pra mim foi...

Apesar de tudo isso, a gente era muito amoroso. Eu é que me dava melhor com meu pai. Ele tinha um quê por mim também. Antes de ele morrer, eu chegava no hospital e ele falava: “O meu ouro chegou”. Nós somos quatro irmãs. Eu sou a mais calma de todas (fala mansa), apesar de eu ter sofrido mais que todas as irmãs em

bastante aspectos, eu sou calma e as outras, coitadas, são muito boas, mas já explodem. Eu sou uma pessoa que tento sempre querer resolver, apagar, acalmar. Tem certas coisas que estão me prejudicando, mas prefiro ficar prejudicada, mas querendo abafar. Agora eu nem sei se eu sou certa de agir assim, mas eu sei que eu era a filha querida do meu pai. No dia do meu casamento, eu lá de noiva, o meu pai chorando. Ele fez eu sentar no colo dele, minha casquete ficou tudo torta. Ele estava emocionado.

Apesar de tanta tristeza, ele era um pai bom, não deixava faltar nada. Muito trabalhador, um homem super-honesto, mas só que ele tinha esse defeito grave: não podia ver rabo de saia. Depois de 32 anos de casado com a minha mãe, ele resolveu sair de casa. Minha mãe ficou muito doente. Precisamos internar até no hospital lá em Jaú. Eu sei que foi muito triste. Nossa vida foi assim... teve mais momentos de tristeza. Essa parte foi muito difícil.

Eu fui a que comecei a trabalhar mais cedo, eu não tinha 10 anos. Como minha mãe levava essa vida porca (que nem ela falava) com o meu pai, ela pôs a gente a trabalhar cedo. Eu era sempre sem sorte porque quem ganhava sempre menos era eu (risos). E trabalhava que nem sei o quê (risos). Uma conhecida nossa morava uns dois quarteirões da nossa casa e pediu pra minha mãe se eu não podia ajudar: lavar loucinha, lavar banheiro, essas coisas. Como minha mãe não sabia se ia poder dar estudo pra nós, porque ela não tinha muita esperança com meu pai sempre aprontando, ela falou que, pelo menos, se as filhas não estudassem, que dessem boas donas de casa.

Depois, uns professores estavam fazendo uma pesquisa na vila onde a gente morava. Daí, pararam pra pedir água na minha casa. Minha mãe não estava nesse dia. As professoras entraram na cozinha. Minha mãe sempre gostou de tudo em ordem. Eu já tinha posto a mesa e estava fazendo almoço. Eu tinha uns 12 anos. A

professora me adorou e, demorou alguns uns dias, apareceu pedindo se a minha mãe deixava eu trabalhar pra ela. Eu fui tomar conta de uma casa enorme. Esses dias eu estava comentando com as minhas irmãs como a gente aguentava cuidar de uma casa grande daquelas. Depois, fui trabalhar com outro casal. Eu cozinha, lavava, passava, cuidava da casa, tingia o cabelo dela (dona da casa) e enrolava. Ela me adorava! Nessa época eu já tinha 17 anos. O tempo foi passando. Eu falei: “Vou ver se consigo arrumar assim um servicinho melhor.” Eu já andava cansada. Na época, era tão difícil pra arrumar serviço. Daí, consegui num consultório dentário e só saí de lá pra casar.

Eu e meu marido nos criamos juntos. Nós morávamos em frente (risos). Eu já falava de solteira para o meu marido que o trauma era grande⁵⁶: Deus me livre guarde! Eu quero casar, mas se eu for pra casar, que eu tenho espelho em casa, se eu for passar alguma coisa desse tipo, eu prefiro ficar solteira. Deus me livre guarde, pelo amor de Deus! O trauma foi muito.

Eu casei com 21 anos e, daí, eu parei de trabalhar. Meu marido nunca quis que eu trabalhasse. Mas nunca fui dessas mulheres de boa vida de levantar 10 horas, 11 horas. Até hoje eu não conheço esses horários, não. Eu [voltei] a trabalhar quando meu marido comprou esse [comércio]. Daí, eu comprei esse terreno e fiz essa casa, porque a vida que eu estava fazendo não dava. Eu morava lá⁵⁷ e vinha trabalhar aqui. Era uma vida danada. Minha rotina era dura. De manhã, os dois mais velhos iam pra escola. O pequeno eu trazia comigo. Ele entrava meio-dia e meia na escolinha. Tinha dia que eram meio-dia e quinze e eu não tinha conseguido fechar. Pegava o carro e vinha que nem louca em casa. Não sabia se esquentava a comida, se dava banho no moleque.

⁵⁶ Está se referindo à experiência da mãe com o pai

⁵⁷ Morava em um bairro e trabalha em outro

O dia que era calmo, eu tinha um fogãozinho de duas bocas, punha no chão e levava panela de pressão. Carne de panela que demora mais pra fazer eu já ia fazendo, atendendo, fazendo, atendendo. Até roupa eu trazia pra lavar, que nem de terça e quarta de movimento mais calmo. (...) Eu trabalhei na minha vida. Minhas irmãs até hoje falam: “Eu tenho arrepio só de pensar, de eu lembrar de tudo o que você já fez na vida.” Com tudo que a gente passou, enfrentamos junto, meu marido, graças a Deus, um homem muito bom. Ele não tem vício, nada, um homem caseiro. Por isso, estamos há 38 anos juntos.

Ficamos 17 anos com o açougue. Eu fechei porque ele ficou doente. Sofreu uma depressão violentíssima (baixou o tom de voz). Ele tentou suicídio. Foi um horror. Foi a pior coisa que eu passei na minha vida. Meu Deus! Eu fiquei tão assim, que não tem uma vez que eu saia de casa e não chegue que eu não lembre. Foi a pior coisa da minha vida! Ele ficou quietão, meio estranho. Eu nem sabia que existia esse negócio de depressão. Nessa época, falava sistema nervoso abalado, eu nunca sabia que existia essa palavra. Tudo foi acontecendo aos poucos. Foi duro pra gente perceber porque enganou até o médico. Fiquei muito triste, fiquei muito chateada. Nossa senhora..nossa senhora (silêncio). Uns dias antes de acontecer isso, ele tinha perdido um tio. Era um tio que há dias ele dizia que queria visitar. Quando foi visitar, ele tinha se suicidado no quintal da casa. Ele chegou e viu toda aquela cena. Polícia. Ele viu tudo aquilo.

Ele também não aceitava o namoro e casamento da minha filha. No dia que ela casou, ele ficou deitado o dia inteiro. Já estava começando... Antes disso, meu filho novinho, a moça engravidou. A gente não estava preparado pra essas coisas: em tudo, mesmo financeiramente. A vida não é fácil. Tem gente que pensa que fulano tem comércio, tem casa nova, pensa que tá nadando no dinheiro, mas não vê o que a gente

passou pra conseguir. Tudo isso foi acumulando. Foi sumindo o sono dele e ele não falava.

Chegou um dia que ele começou só a falar em polícia. “Olha a polícia, olha a polícia.” Daí, começou a pôr cadeado na janela. Vi que ele estava ruim e liguei pra minha irmã: “Dá para você dar um pulinho aqui em casa? Acho que ele tá ficando louco.” Foi só minha irmã chegar, que ele piorou. Queria se jogar da escada que eu tenho ali (baixou a voz). Aí que nós vimos que o negócio estava feio. Nós levamos ao médico. Ele falou que deixava meu marido ficar aqui em casa, mas vigília 24 horas. Eu ia dentar e fechava a porta com a chave. O médico trocou não sei quantos remédios. Nenhum remédio fazia esse homem dormir, se aquietar de tão mal que ele estava. O doutor falou: “Meu Deus do céu, esse remédio derruba até boi e não derruba esse homem.”

Um dia eu cheguei e ele tava bem ruim. Eu falei para o meu filho: “Dorme aqui no quarto.” Mas o [meu filho] tava com uma tosse! Eu falei: “É melhor você pôr o colchão na sala. De repente você vai tossir e ele vai acordar. Se ele conseguir dormir, depois vai acordar com você tossindo.” O que eu fiz, no dia do azar: fechei a porta e coloquei a chave embaixo do meu travesseiro. Ele tomou banho, pôs calça, pijama, pôs meia, pôs dinheiro no bolso e deitou. Era umas quatro e pouco, eu levantei pra ir ao banheiro e voltei a deitar. Vi que ele com uma perna pra fora da cama, mas ele fingia que estava dormindo. Eu quis puxar um cochilinho e escutei um barulhinho. Ele não estava na cama. Ele estava no banheiro. No escuro. Eu cheguei no banheiro e acendi a luz.

Ele estava com uma gilete na mão. “Você vai fazer a barba agora?” Só foi eu falar isso, e ele começou a passar aquela gilete no pescoço e eu pulava na mão dele, mas parece que o diabo atenta. Ele passava com a maior rapidez de uma mão pra outra. Eu comecei a gritar. Eu tinha uma tampa de vaso de acrílico que eu comprei do

meu gosto: a coisa mais linda, dessa grossura, mas ele estava com uma força! O meu banheiro é comprido e estreito. Ele colocou um pé no vaso em cima da tampa e forçou ali. Com uma força que trincou o assento sanitário. O meu tapete branco que tava no chão de crochê ficou puro sangue.

Eu gritava para os meus filhos. E os dois na porta. Eu falei: “Arrebenta a porta” porque a chave estava embaixo do travesseiro. Se eu fosse pegar para o meu filho abrir... Quase faltou um nada pra pegar a jugular dele. Retalhou..retalhou...Meus filhos abriram a porta, não sei como não desmaiaram porque nunca viram um negócio daquele. A sorte é que eu sou uma pessoa que penso nas coisas. Eu peguei uma toalha limpinha de banho e pus aqui nele e amarrei pra estancar o sangue. Eles arrastaram e encostaram ele no chão.

Eu não achava o telefone dos bombeiros. Não lembrava o telefone da polícia. Dá uma loucura. Dá um negócio que você não consegue nada. Eu pensei que ele ia morrer. Eu fui descendo empurrando mesa, empurrando cadeira para o bombeiro poder sair com ele. Nem vi a estrada para chegar na UNESP de tão atordoada que eu tava. Eu achava que ele ia morrer. Nem sei quantos pontos levou (baixou a voz). Só sei que foi a coisa mais horrível de toda a minha vida. Eu espero que Deus me abençoe e eu nunca mais passe por isso.

Depois que aconteceu tudo isso, por infelicidade, nós perdemos bastante coisa que a gente construiu junto. A gente tomou muito prejuízo. Aqui não teve tanto prejuízo⁵⁸, mas lá a gente teve⁵⁹. Nós tivemos de fechar por eu tinha de cuidar dele. Tivemos de vender pra saldar as dívidas. Ele sempre foi muito honesto com as coisas deles. Isso me revolta muito, eu não me conformo. Ele é muito bom, mas só que ele escondia muita coisa de mim. Pra não me magoar, pra não me deixar nervosa.

⁵⁸ Refere-se ao comércio que ficava embaixo do apartamento

⁵⁹ Refere-se a outro comércio que ficavam em outro bairro

Quando vi, o negócio tava feio. Tivemos de fechar. Nunca é tudo como a gente quer. Então foi assim a vida.

Eu não sei se é porque eu tenho problemas de saúde, mas eu tô me sentindo muito cansada. Eu é que faço tudo em casa. Às vezes, eu fico nervosa. Com os problemas que eu tenho, eu não tô podendo fazer as artes que eu fazia antes. Sempre gostei das minhas coisas tudo brilhando. E agora eu tô me sentindo muito cansada. Eu não posso tá fazendo força. Eu fiz, semana passada, duas ligaduras elásticas nas varizes do esôfago. Tive trombose no esôfago há 13 anos. Eu não morri porque não chegou a hora.

Eu entrei no Reviver depois que aconteceram todas essas coisas, depois que a minha filha veio pra cá. O Reviver começou em fevereiro de 1999 e eu entrei em junho. Foi uma amiga que convidou. “Mas será que eu vou?” Eu ficava enrolando, enrolando. Enrolei todos esses tempinhos até o mês de junho. O primeiro dia que eu fui tava tendo festa Junina. Quando cheguei lá - já só pouco conhecida - quando cheguei na porta já me animou porque já conhecia algumas mulheres desde que as crianças eram pequenas. Eu sou muito comunicativa. Eu gosto de conversar, amizade. Eu adoro. Eu sempre fui assim. Eu já comecei a me entrosar com a turma. Não demorou muito eu já estava entrosada lá já. Eu sou bem, assim, freqüente. Só faltou por uma necessidade. Às vezes, eu falo alguma coisa para o meu caçula e ele fala: “Oh mãe, se não tá indo no Reviver? Tem de ir pra desestressar (risos). Ainda que eu falo pouco. Imagina se eu fosse uma mãe brava. Se imagina do jeito que eu sou ele mandar eu para o Reviver (risos). Mas é um barato, sabe. Esses dias mesmo ele falou: “Oh, mãe? E o Reviver?” “O Reviver tá lá. Nós estamos de férias, né.” Eles gostam que eu vá. O meu marido ele gosta que eu vá. O Reviver para mim, nossa, foi uma maravilha. Foi muito bom, adorei, nossa, umas pessoas muito boas que têm lá. Olha 10 anos que a gente tá lá, não tem inimizade com ninguém, não tem um disque-

disque de nada. Tudo a gente concorda. É uma maravilha. E outra: muita coisa que eu gosto aprendi a fazer lá.

Eu gosto de tudo (risos). Gosto de participar dos passeios. Só não vou quando na dá. Às vezes, tô aqui em casa e eu falo: “Ai, meu Deus, acho que eu não vou hoje no grupo.” Depois, eu falo: “Ai, meu Deus, acho que eu vou.” Às vezes, falo pra minha filha: “Acho que hoje eu não vou no grupo.” Ela diz: “Vai no grupo, mãe, faz bem pra senhora ir no grupo. Vai no grupo.” Daí eu vou. Eles sempre gostam de perguntar o que eu fiz no grupo pra incentivar. E eu conto. Eu gosto dos passeios, eu gosto de conversar, eu gosto de participar de tudo no grupo.

Eu também gosto muito de dançar. Adorei. Nossa, a gente acha que, às vezes, não vai ter certas capacidades de fazer alguma coisa. A primeira vez eu fiquei até doente que me puseram a ajudar no teatro. A fazer um teatro lá no posto (Centro de Saúde Escola). Eu fiquei uns três dias antes num nervoso! “Meu Deus do céu, vou ter de ir ao posto me apresentar. Nem de criança eu nunca fiz isso. Ai meu Deus.” A minha irmã mais nova estudou mais, é mais expansiva. Mais assim, sabe. “Nós vamos, sim”, ela disse. Eu era avó dela no teatro. Passei um aperto com ela porque era uma neta rebelde (risos). Lindo, foi muito bonito. Me comoveu. Eu pus um vestido, e ela dizia que meu vestido era feio. Parecia uma realidade. A boca tremia. Eu sou muito emotiva. Tenho muito dó, me emociono muito fácil. Foi bonito.

Depois, surgiu a oportunidade com o professor de música - isso foi quase tudo no início. Ele ia lá e dava umas aulas de música pra gente cantar. “Se Deus quiser, eu vou gravar um CD com vocês”, ele dizia, e a mulherada ficava tudo contente. Um dia a coordenadora marcou para cantar lá no posto (CSE). Foi tão lindo! Nós ficamos na escada, na parte dos adultos. A primeira apresentação foi do teatro e a segunda foi essa. Mandamos fazer umas camisetas do Reviver. Foram todas de calça preta, blusa branca. Tinha o pessoal que ia pra consulta e ficamos na escada. Deu um som lindo.

Deu aquele eco, ficou lindo. E nós cantamos bonito. Cantamos Maringá, Felicidade. Depois cantamos aquela música, como chama aquela música: “Eu não sou de ninguém, eu sou de todo o mundo e todo mundo me quer bem”. Quando nós começamos a cantar aquela música, vinha enfermeira (risos) ali ver o que estava se passando. Tinha um pessoalzinho mais jovem, às vezes, nem conhecia aquelas primeiras músicas, mas nós fizemos já os dois para equilibrar a coisa, né. Foi muito bonito também aquele dia.

E depois teve também a dança italiana. Eu adoro dançar, né. Se meu marido gostasse de um baile, minha vida teria sido outra porque eu gosto de dançar, de festa. Ele já não gosta dessas coisas. Aí, surgiu da gente apresentar a dança italiana a primeira vez no Teatro. Nossa senhora. Todo mundo ficou apavorada porque ia se apresentar no teatro. Pra nós era uma, nossa... De fato, eu acho que foi uma coisa muito importante. Tudo o que a gente faz, que a gente gosta, então a gente sente prazer de ir. Apesar que a gente ficou muito nervoso, a gente tinha apresentado no posto, mas no Teatro nunca. Fizemos as roupas, tudo. Ficou muito bonito. Foi maravilhoso! Que delícia! Nós fomos os últimos a apresentar, sabe. Eu sei que o pessoal que dançou antes, subiram no palco com a gente. Foi aquela farra! Nós dançando lá as músicas italianas. Uma delícia! Foi lindo! Aí, apresentamos a dança do cupido. Lá vai eu também. A minha irmã não foi porque estava com muita dor. Mandamos fazer roupa, ficou uma gracinha. Até a Rosa foi⁶⁰. Pusemos sainha com fundo vermelho com as bolinhas brancas, blusa branca, um lencinho. Ficou uma graça. E nós dançando cupido lá no Teatro. Foi tão bonito. Depois, a coordenadora levou a gente para dançar o cupido lá no posto. O espaço era curtinho, mas deu pra gente se apresentar.

⁶⁰ Refere-se à colega recém falecida

Depois teve a abertura do Festival de Dança. Foi a coisa mais linda do mundo. Foi muito lindo. Nós fomos ensaiar lá, tudo. Nossa, foi maravilhoso. Meu marido foi assistir tudo, as minhas netinhas. Elas iam ensaiar comigo na associação. A Sofia⁶¹ desde pequenina vai no grupo porque também tem esse problema. Não tinha quem ficasse com ela. A coordenadora fala que ela é a mascotinha do grupo. No entanto, até no velório da Rosa ela foi. Ela fala: “Minhas amigas do grupo”. São amigas dela também.

Depois, eu comecei de sexta-feira⁶². Pra mim sair na quarta e na sexta estava puxado. Se Deus quiser, eu vou voltar de sexta. Mas o que eu aprendi foi bem aproveitado. Porque quando eu gosto, eu faço mesmo. Eu adoro artesanato. Eu aprendi a fazer guardanapinho, com um tipo de bordadinho, muito lindinho. Até eu fiz três e eu vou pôr as iniciais das meninas (netas). Eu quero deixar um pra cada uma. A Sofia já fala: “Vó, a senhora tem de marcar alguma coisa porque a gente não quer que a senhora vá morrer, mas um dia a senhora vai morrer, né. Daí, a gente não sabe qual é de uma, qual é de outra.” Ela é tão esperta.

Pra mim, eu adoro o Reviver. Levei as minhas duas irmãs e outras amigas para o grupo também. Lá nós fizemos umas coisas que nunca na minha vida, com todas as barras, essas coisas todas, essas dificuldades, eu pensei em fazer. Parece que isso faz bem pra gente.

⁶¹ Refere-se à neta

⁶² Na sexta-feira, ocorre o grupo de artesanato.

Anexo 2

ROTEIRO ENTREVISTAS

- Infância (relacionamento com os pais, brincadeiras, situação financeira), experiências que marcaram (tanto no aspecto positivo quanto negativo)
- Namoro (Idade q começo a namorar, como conheceu o namorado/como foi o namoro/quanto tempo de namoro)
- Casamento/Vida adulta (como conheceu o marido, com que idade casou, como foi o início da vida de casada; situação financeira; experiências de trabalho da entrevistada; como era a relação afetivo-sexual com o marido; dificuldades; alegrias dessa fase da vida.

Filhos

Quantos filhos; como foi a criação dos filhos; dificuldades; alegrias; relacionamento atual com os filhos

Saúde

Doenças física e mental. Como ocorreu; em que situação; como lidou com esse problema; Procurou alguma ajuda; onde procurou ajuda e como foi que isso ocorreu.

Relações sociais antes do grupo Reviver: como é a relação com a família; amigos; tem com quem dividir dificuldades;

Reviver

Como ficou sabendo do grupo; por que foi participar do grupo; em que momento da vida isso ocorreu; como foi o primeiro encontro; quais as atividades que mais gosta de participar; como ficaram as relações sociais depois do grupo; o que representa o grupo para a pessoa; como seria a vida sem o grupo. O que pensa a família sobre o grupo (apóia ou não a participação).

Anexo 3

Termo de consentimento livre e esclarecido

Pesquisa: Mulher, saúde e redes sociais: estudo do grupo Reviver, Botucatu, SP

Pesquisadora: Andrea Langbecker

Informações sobre a pesquisa

Prezada participante:

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa intitulada: Mulher, saúde e redes sociais: estudo do grupo Reviver, Botucatu, SP

O objetivo do trabalho é verificar em que medida as redes sociais podem contribuir para que as pessoas enfrentem seus problemas de saúde mental a partir do estudo do grupo Reviver. A sua participação neste estudo não é obrigatória. Sua recusa não trará nenhum tipo de prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição e a qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar o seu consentimento. A sua participação consistirá em autorizar que a pesquisadora observe e acompanhe as atividades desenvolvidas pelo grupo Reviver, bem como participar de entrevista. Sua colaboração ajudará no aprofundamento do tema proposto bem como valorizar a riqueza de experiências que surgiram com o Reviver.

As entrevistas serão realizadas pela pesquisadora e tem o intuito de aprofundar informações sobre o tema. Elas serão gravadas e transcritas e, depois, destruídas.

Ao assinar este termo de consentimento, livre e esclarecido, você autoriza a coleta de informações por meio de entrevista.

Você é livre para participar ou não e pode desistir em qualquer etapa do desenvolvimento deste trabalho. Somente informe o pesquisador da sua decisão. É um direito seu perguntar sobre a pesquisa e esclarecer todas as dúvidas que surgirem.⁶³

Entrevistado

Pesquisador

⁶³ Andrea Langbecker

Endereço: José Valdilletti, 22 – Jardim Paraíso – Fone: (14) 9124-8590

Prof. Dr. Antonio de Pádua Pithon Cyrino

Endereço: Departamento de Saúde Pública, Faculdade de Medicina de Botucatu – UNESP. CEP: 18618-970

Fone: (14) 3811-6200